

REVISTA DO BRASIL

Directores :

RONALD DE CARVALHO

MONTEIRO LOBATO

BRENNO FERRAZ

N. 78

JUNHO

1922

Editores :

MONTEIRO LOBATO

& COMP. — SÃO PAULO

RUA DOS GUSMÕES, 70

SUMMARIO

O MOMENTO	<i>B. F.</i>	97
BRASIL, POTENCIA MUNDIAL	<i>Helio Lobo</i>	99
O TYSICO	<i>Amando Caiuby</i>	114

VERSOS :

A UM ADOLESCENTE, DESTINO, LIVRO DOS PROVERBIOS	<i>Julio Cesar da Silva</i>	126
OLHOS NEGROS	<i>Moacyr Chagas</i>	128
VARIANTE CARIOCA DE UM SUB- DIALECTO BRASILEIRO	<i>Antenor Nascentes</i>	129
A GRAVATA AZUL	<i>Attilio Chiapori</i>	133
A METALLURGIA NO BRASIL, E A USINA DE RIBEIRÃO PRETO	<i>Elias Pacheco Chaves, neto</i>	140
AO REDOR DO MOINHO	<i>Luiz Gonzaga Fleury</i>	146
BIBLIOGRAPHIA		157
RESENHA DO MEZ		167
DEBATES E PESQUIZAS		180
NOTAS DO EXTERIOR		186
AS CARICATURAS DO MEZ		189

SÃO PAULO — 1922 — RIO

O Que Todas as SENHORAS e SENHORITAS, devem Saber e Ensinar ás suas Amigas !!!

A PASTA RUSSA do Doutor G. RICABAL, é o unico Remedio existente no Mundo inteiro, que em menos de um mez dá á Mulher a Belleza dos SEIOS, fazendo Crescer, fortificando e aformoseando, produzindo rapidamente ENDURECIMENTO E FIRMEZA.

Milhares de attestados affirmam o grande valor curativo da Pasta Russa do Doutor G. Ricabal. — Cautela com as falsificações e imitações perigosas ! — Exijam sempre "A PASTA RUSSA,, do Doutor G. Ricabal.

— NÃO SE ILLUDAM!!!! —

A' venda em todas as Pharmacias, Drogarias e Perfumarias do Brasil

Aviso — Remette-se registrado pelo Correio para qualquer parte do Brasil, mediante a quantia de 12\$000, enviada em carta com VALOR DECLARADO, ao Agente Geral

J. DE CARVALHO -- CAIXA POSTAL No. 1.724
Rio de Janeiro

GRAVIDEZ

Evita-se usando os Pessarios Americanos.

São inoffensivos, commodos, de effeito seguro e antisepticos. — Encontram-se á venda nas principaes DROGARIAS de S. PAULO

AVISO — Remette-se registrado pelo Correio, para qualquer parte do Brasil, mediante a quantia de 8\$000, enviada em carta com VALOR DECLARADO, ao Agente Geral

J. DE CARVALHO — CAIXA POSTAL No. 1.724
Rio de Janeiro

AOS ASTHMATICOS

O Remedio do Doutor Reyngate, notavel Medico e Scientista Inglez, para a cura radical da Asthma, Dyspnéas, Influenza, Defluxos, Bronchites Catarrhaes, Coqueluche, Tosses rebeldes, Cansaço, Suffocações, é um medicamento de valor, composto exclusivamente de vegetaes, não é xarope, nem contem ioduretos, nem morphina e outras substancias nocivas á saude dos Asthmaticos.

Vide os attestados e prospectos que acompanham cada frasco

Encontra-se á venda nas principaes Pharmacias e Drogarias de São Paulo
DEPOSITO - Rua General Camara, 225-Sob. - Rio de Janeiro

HOLMBERG, BECH & CIA.

IMPORTADORES

RUA LIBERO BADARO', 169

SÃO PAULO

RIO DE JANEIRO,

STOCKHOLM,

HAMBURG,

NEW YORK,

E LONDRES

Papel, materiaes para

construcção, aço e

ferro, anilinas e

outros productos chimicos.

Porcellanas

Cristaes

Artigos de Christofle

Objectos de arte

Perfumarias

O melhor sortimento

Casa franceza de

L. Grumbach & C.

Rua S. Bento, 89, 91

= S. PAULO =

OPINIÃO DE TRES GRANDES SCIENTISTAS

Prof. E. Bertarelli

Prof. Rubião Meira

Prof. Miguel Couto

sobre o valor e a superioridade incontestavel do

Guaraná Espumante (Zanotta)

Diz o Prof. E. Bertarelli:

O GUARANA' ESPUMANTE é uma deliciosa bebida sem alcool, sobretudo recommendavel para a conservação da saude, tanto pela excellencia do seu paladar como pelas propriedades therapeuticas de seus componentes e absoluta pureza dos respectivos ingredientes.

A ausencia absoluta de FORMIATOS, de materias conservadoras e de substancias irritantes, bem como a ausencia completa de elementos nocivos ao consumo quotidiano do publico, torna o GUARANA' ESPUMANTE preferido ás bebidas que contêm aquellas substancias prejudiciaes.

São Paulo, 1.º de Outubro de 1921.

PROF. E. BERTARELLI

Diz o Prof. Rubião Meira:

"Attesto que o GUARANA' ESPUMANTE é bebida de valor altamente therapeutico, agradavel ao gosto, sem alcool, e deve ser utilizado por TODOS OS DEBILITADOS NERVOSOS, sem inconvenientes.

São Paulo, 19 de Setembro de 1921.

RUBIAO MEIRA

Diz o Prof. Miguel Couto:

O GUARANA' ESPUMANTE, formula do meu sabio collega dr. Luiz Pereira Barreto, é uma excellente bebida, — doce, isenta de alcool, agradavel ao paladar, aperitiva e tónica; aconselhavel, pois, por estas qualidades.

MIGUEL COUTO

TRABALHOS TYPOGRAPHICOS

EXECUTA-SE QUALQUER ESPECIE DE TRABALHO TYPOGRAPHICO NAS EXCELENTES E MODERNAS OFFICINAS QUE A S. A. E. OLEGARIO RIBEIRO ACABA DE INSTALLAR À RUA DOS GUSMÕES 70, CONJUNCTAMENTE COM A EMPRESA MONTEIRO LOBATO & CIA.

Joaillerie — Horlogerie — Bijouterie

MAISON D'IMPORTATION

BENTO LOEB

RUA 15 DE NOVEMBRO, 57 (en face de la Galerie)

Pierres Précieuses - Brillants - Perles - Orfèvreries - Argent -
Bronzes et Marbres d'Art - Sérvices en
Métal blanch inalterable.

MAISON A' PARIS

30 — RUE DROUT — 30

REVISTA DOS TRIBUNAES

Publicação official dos trabalhos do Tribunal de Justiça de S. Paulo

Dirigida pelos advogados

Plinio Barreto e Christovam Prates da Fonseca

10 annos de publicidade !

Anno	40\$000
Semestre	20\$000
Numero avulso	3\$000

Redacção : **RUA DA BOA VISTA, 52**
S. PAULO

REVISTA DO BRASIL

Directores :

RONALD DE CARVALHO
MONTEIRO LOBATO
BRENNO FERRAZ

N. 78

JUNHO

1922

Editores :

MONTEIRO LOBATO
& COMP. — SÃO PAULO
RUA DOS GUSMÕES, 70

O M O M E N T O

AFINAL, uma ideia na politica da Republica: o voto secreto.

Primeira, primeirissima ideia: tudo o mais, aspirações vagas e pessoalidades em ponto grande. Ou sonhos de Constituição reformada, ou convenções presidenciaes — eis tudo...

Por fim, o voto secreto.

Que coisa é?

E' essa coisa espantosa, nunca dantes vista em trinta e tres annos de "democracia": uma ideia nacional, ponto de convergencia e centro de irradiação das forças sociaes. E' a emancipação. E' a palavra, é a discussão, é a luta, é a responsabilidade de cada um e de todos. E' mais um pouco: é a primeira brecha nesse muro de taipa, a fingir de muralha chinesa — a autocracia. E é, sobretudo, a primeira attitude viril e digna perante as massas estrangeirantes: a nossa terra não é nossa apenas pela disfarçada sonegação de direitos ao cidadão naturalizado.

O voto secreto vencerá e com elle a nação. O sr. dr. Sampaio Doria, em quem fala o pedagogista, algebrisou a these e o sr. dr. João Sampaio, senador do Estado, pôl-a num programma de acção:

O regimen tem sido o da selecção ás avessas. Resta ainda um recurso. " Só depois de assegurado ao povo o exercicio de sua soberania, pela pratica rigorosa e leal do voto secreto, poderemos dar por concluida a experiencia do presidencialismo. Appellemos, pois, para todas as forças vivas da nação afim de realisarmos aquella conquista liberal. A luta deverá ser incruenta, mas tenaz. A victoria será nossa. E se no decorrer do tempo a arvore da nossa actual organização politica, transplantada da America do Norte, não puder aqui florescer e frutificar, apesar dos cuidados que se lhe dispensem, — lembremo-nos de que é um poder soberano da nação adoptar a forma de governo que mais convenha á realisação dos fins para os quaes ella se organisa, e congreque-mos de novo os nossos esforços para uma nova campanha, muito mais vasta e de intuitos mais profundos — a da reforma constitucional."





BRASIL, POTENCIA MUNDIAL

HELIO LOBO

(Conferencia realizada perante os Estudantes da Universidade de Yale,
E. U. da America, em 27 de Abril de 1922)

I

PRELIMINARES

Prazer é para mim falar hoje aos estudantes de Yale, e prazer duplo porque a universidade é de fama mundial e o assumpto meu paiz. Eu devo a iniciativa dessa honraria a dois grandes professores vossos, de direito Internacional Publico um, de historia da America Latina outro, que a ambos vi tambem leccionando em Columbia com uma proficencia e zelo que fazem honra ao magisterio superior americano. A meus amigos Edwin Borchard e Clarence Haring deixo logo de começo dito meu reconhecimento, extensivo tambem a todos quantos aqui se dignaram vir para ouvir-me.

II

SUAS LINHAS DE GEOGRAPHIA

Primeiro, o aspecto geographico, não que vós o ignoreis mas para dar maior realce a duas ou tres observações que adiante se ouvirão. Elle mostra o Brasil como possuindo approximadamente

a metade da area territorial da America do Sul, de cuja população tem tambem mais ou menos cincoenta por cento. Não vol-o descreverei aqui, sinão direi em duas palavras que elle é igual em territorio aos vossos 48 estados e mais a Grã-Bretanha e Irlanda, a Hollanda, a Suissa, a Belgica, o Portugal, a Dinamarca e a Grecia antes do tratado de Sevres. Em area somos o quinto paiz do mundo, sendo os quatro primeiros o Imperio Britanico, a Russia, a China e os Estados Unidos; mas si reflectirdes que a China e a Russia se estão desmembrando, nosso lugar passa a ser o segundo; e, ainda mais, si tomardes em linha de conta que o Imperio Britanico é disseminado e que os Estados Unidos estão separados do Alaska e outras possessões por muitas milhas maritimas, vereis que o Brasil constitue, de facto, o primeiro paiz do mundo em superficie de terras continuas.

Esse colosso geographico, com mais de 3 milhões de milhas quadradas de superficie e uma costa banhada a leste e nordeste pelo oceano atlantico numa extensão maior que a que separa New York de Liverpool, estende-se dos 5,10 graus de latitude norte aos 33,46 de latitude sul, limitando-se ao noroeste, oeste, sul e sudoeste com todas as republicas da America do Sul menos o Chile e Ecuador.

Duas grandes bacias internacionaes o servem e uma nacional, compondo tão vasta rede fluvial que offerece navegação na distancia de 27.000 milhas. O Amazonas ao norte e o Prata ao sul fazem do paiz virtualmente uma immensa ilha pois chegam a tocar-se as nascentes. O vosso John Casper Branner, presidente emerito da Standford University, fallecido ha pouco, e a quem o Brasil deve o melhor livro sobre sua geologia, escreveu a este respeito: "By the number as well by the dimensions of its hydrographic basins, Brasil is perhaps the most favored region in the world." Nascendo no Perú, o Amazonas tem seu maior percurso no Brasil onde o banham para mais de 200 affluentes, dos quaes cerca de 100 navegaveis e seis mais longos e mais largos que o Rheno. Sua bacia calcula-se entre 2.700.000 e 2.900.000 milhas quadradas de area, despejando no oceano, por segundo, 500.000 pés cubicos de agua. A ilha de Marajó, na sua fóz, é maior que Massachusetts. Segundo outro sabio americano, que empreendeu uma excursão scientifica ao Brasil e cujos trabalhos se consideram classicos, Agassiz, o Amazonas tem o dobro da variedade de peixes do Mediterraneo e mais especies que o Atlantico de polo a polo. Só seu valle, segundo elle, dá para alimentar a humanidade inteira.

Da immensa rêde fluvial brasileira uma das maiores possibilidades reside no aproveitamento industrial das quedas dagua. São cerca de 50 milhões de cavallos vapor dos quaes apenas se acha 1 por cem utilizado. Só uma das cataractas, a das Sete Quedas, tem

uma força 23 vezes superior á do Niagara. Si nossa potencial neste assumpto difficultou de certo modo até hoje o desenvolvimento do paiz, constitue, por outro lado, o maior campo imaginavel á iniciativa da engenharia e dos capitaes americanos. Foi o London Times que escreveu: "In the vast area of Brasil the cataracts are so great and hurl themselves from such great heights that is probably no exaggeration to state that there is no country in the world where such enormous quantities of dectric energy could be generated by the utilisation of the hydraulic power."

Sabe-se que equador thermico differe do equador geographico. No continente americano, por exemplo, aquelle passa pelo Panamá, ao passo que este corta o Brasil na sua parte septentrional extrema. Isto quer dizer que a linha de maior calor não attinge o Brasil em nenhum ponto de seu territorio. Pekin é muito mais frio no inverno que Copenhague que está 17 graus acima em latitude norte. O clima nada tem que ver no Brasil com a latitude, dependendo da altitude, da direcção dos ventos, da humidade, do systema fluvial e orographico, o qual formado de innumeras serras e serranias, se oppõe no centro de um extenso plateau. Temos a zona tropical ao norte, a subtropical ao centro e a temperada e mesmo fria ao sul. Si o norte é quente, não attingendo nunca, entretanto, a temperatura da India, por exemplo, o centro offerece de maio a novembro uma deliciosa primavera, enquanto na parte meridional o clima é o do sul europeu, adaptando-se a todas as immigrações. Para citar um só caso Curytiba, capital do Estado do Paraná, offerece um dos mais benignos climas e um coeffericiente de mortalidades mais baixos do mundo.

Facil é prever o papel que o Brasil, assim dotado, vai desempenhar no futuro, quando se retirar d'elle a massa infinita de recursos de que é capaz. Eu vejo muito discutida a China e tambem a Russia, e, entretanto, celleiro do mundo não é sinão o Brasil. 49 por cem da area total compõe-se de florestas, nas quaes as madeiras são de incalculavel riqueza. O sub-solo tem a prata, o ouro, os diamantes, todas as pedras preciosas, em proporções taes que, por exemplo, só o ferro em vista, na opinião de um perito americano, é bastante para supprir a industria do aço do mundo durante seculos. Os recursos em gado são sem parallelo. Produzimos o café, o cacáu, o assucar, o fumo, o algodão, o milho, o arroz, todos os vegetaes e todos os fructos.

III

O PRIMEIRO CONTACTO COM O MUNDO

Não vos é desconhecido como o Brasil teve seu primeiro contacto com o mundo. Estava Portugal no apogeu de sua gloria

descobridora, rivalizando com a Hespanha na conquista das terras desconhecidas e navegação dos mares ignotos. Primeiros que todos os outros, os navegantes portuguezes desceram, no seculo XV, a costa africana, descobrindo o Cabo Verde, a Serra Leôa, os Açores, a Guiné, o Congo, dobrando com Vasco da Gama o Cabo das Tormentas, então chrisnado da Bôa Esperança, com Fernando Magalhães emprehendendo a primeira viagem de circumnavegação e descobrindo com Pedro Alvares Cabral o Brasil (1500).

Um poema celebre, traduzido em todas as linguas, ficou como expressão perenne dessa epoca heroica. São os Luziadas de Camões. Joaquim Nabuco, nesta universidade mesma, falou a 14 de março de 1908, do "Lugar de Camões na literatura", descrevendo os Luziadas como um poema de colonisação, de commettimentos remotos e, portanto, de criação do novo mundo. Realmente, sem as descobertas portuguezas não se poderia explicar Colombo.

Tres seculos, tres longos seculos passou o Brasil como colonia, e, como todas as colonias desse tempo, ora lembrado, ora esquecido. Crescia, entretanto, tomando a nova gente que nelle se fundia personalidade para enfrentar mais tarde a vida livre. Todas as historias coloniaes se parecem, mas nas dos povos viris ellas denotam logo tal vigor que a autonomia não pode deixar de ser o termo. A' Africa fronteira e incapaz, oppoz logo a America do Sul um espirito de independencia indomavel. Eu não sei si já se fez justiça bastante ao movimento de emancipação do continente sul americano, com suas colonias frageis, suas tropas precarias, suas vicissitudes e tropeços, batalhando durante mais de um decennio contra as forças da reacção e fazendo de todo o continente uma terra livre e republicana. Nessa luta heroica, ha um espirito de fraternidade que se não limita a partilhar da alegria da emancipação alheia, mas tambem leva seus homens e seus canhões ao coração das irmans mais frageis para a libertar do mesmo passo. A' Argentina com San Martin, á Colombia com Bolivar cabe gloria que nada offusca.

Embora preparando-se cedo para a independencia, realisou-a, entretanto, o Brasil de modo differente, graças de um lado ás condições da luta e de outro á successão de acontecimentos europeus que nos beneficiaram. Si o bom senso de Amador Bueno, já em 1645, recusou o governo autonomo que alguns paulistas lhe offereciam poupando-nos assim uma reacção violenta e victoriosa da metropole, não deixamos de pagar com sangue em 1789, no Estado de Minas Geraes, em 1817, no de Pernambuco, nossos esforços para a emancipação. A reacção de Portugal, limitada porem, a pouca resistencia no norte, pouco durou porque viu a metropole, dados nossos recursos e nossa decisão, a inanidade della.

Foi vosso Jeferson que, pouco tempo antes, escrevera em sua carta a Laflayette: "O Brasil é mais populoso, mais rico, mais forte e tão instruido como a mãe patria".

Tivesse o dominio colonial de Hespanha, como o portuguez, se levantado num só bloco para formar uma só nação, e a resistencia central contra a revolução americana generalisada se hovesse talvez logo vencido. Além disso, Fernando VII não emigrou fugindo ás tropas de Napoleão I, que invadiam a peninsula, e o fez D. João VI, regente em Lisbôa. A viagem do regente de Portugal para o Rio de Janeiro, onde estabeleceu a côrte real, apressa de tal forma a independencia do Brasil que toda resistencia é inutil. Essa viagem abrevia, notae bem, mas não produz a independencia. Nem por isso deixa de ter acção decisiva na evolução de nossa historia.

Um dos primeiros actos do regente foi abrir os portos do Brasil ao commercio geral (1808). A independencia dos Estados Unidos vos encontrou já com commercio, universidades, industrias que começavam e a nossa ia deparar-nos sem nada. O acto de abertura era nossa alforria economica, preliminar da politica occorrida doze annos mais tarde. Com o regente tinham emigrado para o Brasil todos os notaveis, e com elles foram varias missões para desenvolvimento das bellas artes, da literatura, da imprensa no Brasil. Começou-se a cuidar dos rios, das estradas, dos melhoramentos dos portos. Davamos assim de um dia para outro um salto consideravel, que nada podia annular. De modo que, quando teve que voltar a Lisbôa, urgido pela metropole ciosa das franquias brasileiras (1821), presentiu D. João VI a separação inevitavel e o disse ao filho, que em seu nome ficava para nos governar como Regente. Pedro I não esperaria o fim do anno seguinte para consolidar com o seu famoso grito de "Independencia ou morte" nossos trabalhos e aspirações de liberdade. Um seculo de vida livre, a celebrar-se entre festas a 7 de setembro proximo, mostrou que eramos dignos do passo que tinhamos dado.

IV

UM SEculo DE DEMOCRACIA

Não basta de facto ter um grande territorio, cheio de riquezas, nem saber preparar nelle o caminho para a independencia. É' preciso mostrar-se merecedor desses dons pela pratica do governo livre e a comprehensão da legitima democracia. Povos que se não respeitam não duram, nem tampouco fazem jús á consideração dos outros.

Varios preconceitos correm mundo contra o Brasil, mas quaesquer que sejam elles, o facto é que, em materia de governo repre-

sentativo, sempre nos foi feita justiça. Não conhecemos dictaduras, o mal chronico das revoluções jamais nos tocou, e toda nossa evolução politica se desenrola na observação dos direitos fundamentais do homem.

Poderei lembrar algumas datas? Independencia em 1822, o Brasil foi governado por Pedro I até 1831 quando, por força de um movimento nacional, abdicou na pessoa do filho Pedro II, então uma criança de 5 annos de idade. Desde essa abdicação até o enthronamento do segundo imperador (1840) governou-nos uma regencia de origem popular. E' o chamado periodo de tentativa republicana, no qual, pela mão de um padre cheio de civismo, vingou a unidade contra a dissolução. De 1840 até 1889 tivemos Pedro II como chefe da nação, proclamando-se então a Republica, por cuja constituição, ratificada a 24 de Fevereiro de 1892, até hoje nos regemos.

Nesse seculo de vida livre o padrão constitucional foi o das garantias inglezas que receberam aqui entre vós, com a vossa constituição, a mais admiravel comprehensão pratica e a mais completa realização escripta. Com a independencia tivemos o jury, o habeas corpus, o direito do suffragio, a liberdade de pensamento, a egualdade civil e politica, todas as garantias do processo criminal. Dizer isto, como prova de merito de um governo, parece extranho; entretanto não o era áquelle tempo, no qual, como fazem hoje os alliados em materia de restauração economica, se reuniam periodicamente as mais fortes nações do continente europeu para asphyxiar, em beneficio das respectivas corôas, as velleidades de levantamento popular e governo representativo.

A constituição monarchica de 1824, que nos governou por 65 annos, a republicana de 1891, que já nos rege por mais de 30, não divergem a tal respeito sinão em que onde uma tinha a centralisação e o parlamentarismo, outra tem a federação e presidencia-lismo. Na mudança desses dois principios constituiu entre nós a transição para a Republica, porque quanto á garantia dos direitos fundamentais do cidadão e ao mechanismo dos poderes do estado, a estrutura foi identica.

Não podia acontecer de outro modo, dado o ambiente liberal em que nascemos e crescemos. A historia politica do paiz basea-se nesta verdade fundamental que as instituições monarchicas do velho mundo, transplantadas para o novo, em vez de suplantarem este tiveram que affeição-se a elle, conservando a só denominação e de facto tornando-se profundamente democraticas. Do imperio só guardou o Brasil o nome, e seu maior Imperador, pelos seus ideaes e por sua comprehensão do governo, foi o mais liberal chefe de estado de seu tempo. Guilherme Ferrero escreveu, depois de nos

visitar e de estudar nossa historia e eu tenho prazer em lhe repetir as palavras que citei alhures: "Os brasileiros viram o occaso da monarchia racionalista effectuar-se no seu paiz tranquillamente, sem sangue, como uma bella tarde placida e luminosa. Pedro II era um imperador voltaireano, mas na philosophia e no saber elle tinha perdido por fim a consciencia de monarcha. Elle mesmo sentia-se homem semelhante a todos os seus concidadãos e aos amigos dizia ser o primeiro republicano do Brasil."

Bem certo é que, nesse meio seculo de governo imperial, passamos por transees difficeis. A regencia, por exemplo, foi nosso periodo de maior provação e Wellington disse della que não acreditava que nenhum paiz europeu poderia tel-a vencido como nós, sem esboroar-se. Tivemos tambem escravos e a emancipação embora levada a termo pacificamente, por meio de uma lei benemerita, atraz da qual estava a nação em peso, não deixou de perturbar profundamente o regimen economico do paiz. Uma guerra provocada, longa, dolorosa e tenaz, venceu-se tambem mas não sem custar milhares de vidas e deixar exausto o thesouro. Mas qual o paiz, digno do seu passado, que não passou por isso? Elles são como um periodo de prova necessario e inevitavel, no qual, para enfrentar o futuro, tem a nação que fazer appello a todas as suas energias sobrepondo-se a si mesma na evolução para um futuro melhor. Nos vossos annaes lembram-se duas dessas epocas, a mais recente quando uma guerra civil, dividindo durante um lustro a nação em dois campos inimigos, não conseguiu abalar em seus fundamentos a unidade territorial e politica da nação; e a segunda, mais remota, logo depois da paz de 1783, julgada pelo vosso John Fiske "the most critical moment in alla history of the american people." E' vosso orgulho ensinar á juventude universitaria como as energias nacionaes vos conduziram, sem quebra do principio democratico, de obstaculo em obstaculo, á esplendida realidade de hoje. Não nos exultamos menos no Brasil ao lembrarmos aos moços nas escolas como, sem violação dos direitos de ninguem e pelo só principio da ordem, vencemos pouco a pouco tropeços de toda sorte.

Eu quizera que me sobrasse tempo para dizer, nesta vossa universidade, como o fiz perante as de Montevideo, Buenos Aires e a americana de Pennsylvania, da contribuição do Brasil para a democracia do novo mundo. Mas uma só consideração addicional me basta, e essa é a de que, unica monarchia num continente de republicas, de nós partiu na sua parte meridional mais de uma vez o padrão para a pratica do governo livre, quando não, e vai-se vêr adiante, o auxilio em bem de sua defesa fóra de nossas fronteiras. Maior potencia militar e naval na America do Sul, por mais de 50

annos, ensina a historia do continente que dessa supremacia jamais abusou o Brasil, directa ou indirectamente, para beneficio seu ou de terceiros.

V

NA DEFESA DA TERRA

Isto nos leva a tratar do Brasil no concerto das nações, e ainda aqui temos orgulho de nossa posição porque nossa tem sido invariavelmente a doutrina e pratica da lei internacional nos seus melhores padrões.

Modelo em tal materia é o texto da constituição federal do Brasil que prohibe as guerras de conquista e veda o recurso das armas antes de esgotado o do arbitramento. Não creio existir tal dispositivo em nenhuma carta politica estrangeira, com excepção da de Venezuela, de 1864, ainda que relativa somente ao arbitramento e em termos muito menos imperativos que os nossos.

Tal determinação escripta não exprime mera aspiração romantica, como poderia parecer, mas traduz, de facto, o pensamento nacional na sua orientação e na sua pratica, através de um longo passado. Assim é que, logo no inicio de nossa vida de povo livre, tivemos que devolver a um visinho uma provincia que havia pedido a annexação ao Brasil, e isso já sob o fundamento de que o contrario seria ferir principios indiscutíveis de direito publico. Mais tarde, a alguns publicistas sul-americanos e europeus, por causa da guerra que, alliados a dois visinhos e amigos, levamos contra o governo de um terceiro que sem a menor notificação nos invadiu uma provincia, talando-a e saqueando-a em plena paz, veio o pensamento de que o Brasil tentaria annexar terras alheias porque era imperialista e porque precisava fugir aos calores tropicaes. O conhecimento de nossas condições moraes e physicas, quando não o depoimento dos annos que se seguiram, mostrou, porém, quão infundado era o receio. Custou essa guerra só ao Brasil cinco annos de lutas, 300 milhões de dollars e para mais de cem mil mortos. Ella foi a mais pungente tragedia sul-americana, mas não respondem por ella os vencedores, nem tampouco a heroica nação vencida, sinão a ambição do homem sombrio que a levou ao exterminio. Os acontecimentos de 1914, no scenario mundial, foram a repetição, em grande escala, dos da guerra da Triplice Alliança de 1865-70 no do Rio da Prata, e mostram como o capricho de uma cabeça coroada pôde levar um grande povo ao suicidio.

Dessa guerra não tiveram os vencedores como compensação mais que o dever cumprido, instaurando a liberdade no paiz que até então a não possuira e bem a merecia, e restabelecendo a paz con-

terranea ameaçada geralmente. A Silva Paranhos, cabeça primaz do Imperio como o filho a da Republica, ambos as duas maiores personalidades de nossa politica exterior, coube fundar em Assuncion a machina do systema democratico de que resultou a republica do Paraguay. A historia do Brasil mostra este facto singular de que não recusamos nosso sangue em beneficio, mais de uma vez, da liberdade alheia, nós que o poupamos na realização das nossas grandes reformas nacionaes taes como a independencia, a abolição de escravatura e a republica.

Vós sereis, talvez, inclinados a pensar que essa pratica do pacifismo suppõe diminuição de energias nacionaes, e nada menos verdadeiro. Tenho ainda na memoria, de Roosevelt que conheci e admirei, o catecismo da energia. Si as guerras em que o Brasil tomou parte foram provocadas, jamais nos faltou, entretanto, uma vez nellas, a decisão de vencer, indo até ao fim. E' que si tudo fazemos por não abrir hostilidades, diante de nada recuamos quando estas, uma vez inevitaveis, se desencadeiam. Paga a historia brasileira tributo de honra aos nossos soldados e marinheiros mortos em defesa da nação e datas nacionaes são todas nossas, grandes datas militares.

Mas antes mesmo de independentes, ainda no periodo colonial, já tínhamos apprendido a ser viris, apreciando na defesa da patria a terra que nos cabia. Cresceu o Brasil na repulsa ao estrangeiro. E' no alto das montanhas, em guarda permanente contra as sorpresas do oceano, que se fundam nossas primeiras cidades. "As primeiras cidades do Brasil, escreveu um de nossos maiores historiadores, João Ribeiro, começam pelos morros á borda do mar, e mesmo nos rios só nos lugares onde não chega o navio de longo curso; essa é a prudencia dos fundadores no seculo XVI e no seguinte, que foram uma luta ininterrupta pela posse da terra." Visitava-nos a cada passo, nas suas caravellas, a rivalidade européa, quando não a pirataria desenfreada, com a mira em nossas riquezas. Francezes, inglezes, hollandezes ambicionaram todos o Brasil, repellidos aqui, acossados acolá, firmados alguns por certo tempo no litoral, e todos ao cabo expulsos pela nova raça que se expandia sob novos ceus. Por tres annos (1612-15) tivemos no norte a França Equinocial, por doze (1655-67) no sul a França Antartica. Nada menos de 24 (1630-54) durou a occupação hollandeza na região mais rica das provincias septentrionaes e tudo conspirava contra a nossa victoria: os recursos militares do invasor, cuja só primeira esquadra se compunha de 61 navios e 7.300 homens de desembarque, a pujança de suas armadas que localisaram em nossas costas as maiores batalhas navaes do tempo, a clarividencia de um grande capitão, Mauricio de Nassau... Tal era a sujeição que, segundo o maior prégador do tempo, voz que é a gloria do

pulpito e guarda incomparavel da lingua, Vieira, "estava occupada e perdida, e já estampada nos mappas com o nome de Nova Hollanda, esta metade do que possuímos na America." E tudo venceu a nacionalidade já em formação, preservando a integridade territorial. Não fôra a energia do seu sangue e Portugal não pudera ter conservado intacto o vasto dominio colonial que levantára no novo mundo.

VI

A LEI INTERNACIONAL

Por isso que assim nos formamos e crescemos é que temos orgulho de nosso liberalismo, como um dos mais bellos thesouros nacionaes. Eu quizera enumerar aqui as tradições do Brasil quanto ao direito das gentes, nossos principios de guerra maritima, o bloqueio, a defesa da propriedade neutral, o bombardeamento de cidades abertas, alguns dos quaes madrugaram tambem entre vós e no tratado de 1828, assignado entre o Brasil e os Estados Unidos, já tinham conseguido, em epoca tão remota, reconhecimento commum. Mas falta-me o tempo e não me deterei sinão num ponto, aliás o mais bello de quantos visam a justiça internacional, o ponto do arbitramento.

Assim como os Estados Unidos de hoje não são as treze colonias inglezas da costa atlantica, assim tambem o Brasil actual é, pelo menos dois terços mais que o territorio reconhecido a Portugal logo depois que tomou pé na America. Vós deveis vossa admiravel expansão ao pioneiro audaz que de montanha em montanha e de rio em rio levou as fronteiras nacionaes até as praias do Pacifico. E' o periodo épico de vossa historia, rico em romance e cheio de coragem, do qual sahiu a America de hoje. Eu leio sobre elle num de vossos historiadores: "A wonderful movement of the population to the West began soon after the war with England had closed. Every road leading westward from the East was covered with lines of moving wagons, plodding their weary way over hills and mountains, streams and valleys. As Haverhill, Massachusetts, 450 emigrants passed through the town in 13 days. At Easton, Pennsylvania, 511 wagons, bearing over 3.000 persons passed in one month. These were moving to the great valley of the Ohio, and in the south a similar movement to the new states of Alabama and Mississippi was going on..." No Brasil não foi menor o movimento nem menos dilatado o raio de sua acção. A bandeira é ali a cidade ambulante que, entranhando-se pelo interior, deu ao paiz a configuração que hoje tem. Nada detem esses homens impavidos. Vingam serras, vadeiam rios, cor-

rem planicies, na ambição do oeste, que a todos domina. Ao tropel de suas cavalladas, tal sua audacia destemida, dispersam-se da noite para o dia os aldeamentos hespanhóes ao grito de *Ahi vienen!* E o alarma vai até o Perú, cujo vice-rei, impotente para conter os paulistas indomaveis, pede auxilio ao conselho das Indias com esta ameaça: Puede suceder que ellos se apoderen de las cordileras del Itatin y sean señores de todo el corazon de todo el Perú". Um historiador desse tempo nos diz sobre a bandeira:

"No intimo das terras marcham como se navegassem atravez dos mares, com a orientação da bussola e das noites constelladas; aqui e ali seguem o curso dos rios ou os vadeiam. Recolhem por toda parte as legendas e historia dos indios, que falam de outros paizes distantes e de caminhos ainda não trilhados pela civilisação. Se é preciso descer um grande curso dagua, não contam o tempo: aboletam-se e acampam-se na margem, abatem arvores gigantes, de cujos troncos e ás vezes dos cortiços formam esquadilhas de canoas, carcomendo-as a fogo..."

A differença entre os Estados Unidos e o Brasil é que vosso movimento para o oeste começou depois da independencia e o nosso teve o seu apogeu na era colonial. O tratado, a compra, a negociação, abriu aqui aos homens o sertão, mas aos poucos, separadamente. No Brasil toda a vasta area conquistada se reconheceu de um só jacto brasileira, por força de um tratado, o tratado de 13 de Janeiro de 1750. Pacto entre Portugal e Hespanha, elle deixava de facto ás colonias de cada um na America a tarefa de se limitarem os respectivos dominios quando autonomos. E foi esse trabalho que mais de seculo e meio depois iniciou o Brasil fixando sua enorme linha de fronteira sem a menor peleja e apenas com a negociação, o tratado e o arbitramento.

Para dizer de como praticamos o arbitramento, basta dizer-vos que num caso a extensão de terra em litigio era mais ou menos igual á de 15 departamentos francezes; noutro, a superficie da Belgica e num terceiro a area approximada da Hollanda. Foram arbitros de um feito um Presidente da Confederação Suissa, de outro um Presidente dos Estados Unidos e do terceiro o Rei da Italia. Não ficou, porém, na só fixação de nossa longa lindeira o recurso do arbitramento, sinão que o empregamos em todas nossas questões de porte. Não ha nação que possua nosso record. Ao rebentar a guerra universal, tinhamos assignado 32 tratados de arbitramento; e recentemente, ao se fundar a Corte de Justiça Internacional (onde ao lado de vosso John Basset Moore, gloria da justiça internacional, se assenta o nosso Ruy Barbosa, cuja advocacia na Haya do principio das soberanias eguaes, indepen-

dentemente do poder militar, é de hontem) figuramos entre os paizes que votaram pela jurisdicção arbitral obrigatoria.

Podia, porém, o Brasil confiar ao laudo arbitral suas questões internacionaes, sem merecer entretanto prova especial de nenhuma dellas nos seus casos com terceiros. E foi o que não succedeu. Estaes lembrados de que no famoso caso do Alabama, o maior e o mais bello que jamais se decidiu entre duas nações, um dos cinco juizes julgadores, por escolha dos Estados Unidos e a Grã-Bretanha, foi um brasileiro, o Visconde de Itajubá; e solicitando sua designação, diziam as partes contratantes "depositar inteira confiança no espirito de justiça e imparcialidade de S. M. o Imperador do Brasil". Mais tarde, quando se teve que formar o tribunal franco-americano de 1880, não coube menos a outro brasileiro, o Barão de Arinos, a presidencia dos trabalhos, e, prorogados estes, solicitou-se com empenho a continuação de seus serviços. Por ultimo, nos tribunaes arbitraes de Santiago do Chile, chamados a julgar, de 1884 a 1888, varias questões de direito internacional com a Suissa, a Inglaterra, a Allemanha, a França, a Italia, foi a personalidades brasileiras, os conselheiros Lafayette Rodrigues Pereira e Lopes Netto, e o barão Aguiar de Andrada que coube, por designação das nações contendentes, a direcção dos trabalhos.

Eu tenho tanto maior prazer em relembrar esses titulos, quanto a época actual é de tendencia para o mais extreme materialismo. A Europa esvai-se, é certo, mas, afinal de contas, conforme escreveu ha dias uma vossa voz vingadora, ha para a sua restauração outros fundamentos além dos de essencia puramente economica. A' semelhança dos Estados Unidos, o Brasil não separa no progresso as necessidades materiaes dos principios de ordem moral. Como vós, vamos ter tambem nossa hora, e, então, a fecundidade do noso solo, a pujança de nossos recursos, o poder mesmo de nossas armas, por maiores que pareçam, nunca serão mais altos, como não têm sido até hoje, que nosso culto da liberdade e nosso sentimento de justiça internacional.

VII

CONCLUSÃO

E' para essa hora que estamos trabalhando com afinco. Não sou de hyperboles e reconheço que ha ainda muito que andar. Mas o caminho feito constitue o melhor dos estimulos para o caminho a fazer.

Quando me lembro, por exemplo, que nossa rede ferro-viaria, de que depende em grande parte nosso progresso, não representa

por enquanto mais do que a do vosso Estado de Texas numa area territorial equivalente a 16 vezes a França; quando me recordo que nossos productos de exportação (de tão variada abundancia que para conhecê-los fôra mais facil dizer o que nos falta em vez de o que produzimos) não se consomem sinão em parte reduzida e vossos mercados, os maiores em cada caso, com excepção do café, não os recebem na medida que o deveriam; quando vem ao meu espirito que nossa expansão commercial exterior mal se inicia, tenho dito parte da obra a emprehender. Nella parte maior reside numa estreita collaboração convosco.

Coube-nos descrever outro dia, perante a Pan-American Society of the United States, numa conferencia sobre "Uma velha amizade internacional", o ponto de partida dessa collaboração, suas manifestações politicas, suas necessidades economicas e commerciaes. Somos as duas maiores republicas do novo mundo e tudo nos aconselha um entendimento cada vez mais intimo. Certamente nesse entendimento não pretendemos competir convosco, tão vertiginosa foi a vossa marcha. E nem o queremos. "Excedestes a toda a actividade humana, de que ha memoria, — estou citando ainda ao bello espirito que foi Nabuco, — sem perturbar o rythmo da vida. Fizestes novo rythmo só para vós... Para as raças latinas *festina lente* é regra da saude e da estabilidade. E seja-me licito dizer que é um bem para a humanidade que todas as raças não marchem a passo igual, que todas não corram. O reinado da sciencia ainda não começou e sómente na idade da sciencia é que a humanidade poderia chegar á uniformidade, sem entrar logo em decadencia. Dignidade de vida, cultura, felicidade, liberdade, podem fruil-as também as nações que se movem lentamente, comtanto que se movam com firmeza para a frente."

Nós progredimos á nossa maneira, com os recursos de homens e capitaes de que dispunhamos e com isso estamos contentes. Nos ultimos dez annos, sobretudo, foi consideravel nossa marcha. Assim, as industrias, que já eram metade de toda a America do Sul, triplicaram, com cerca de 14.000 fabricas em trabalho. O commercio exterior alcançou a cifra de um bilhão de dollars em 1920, batendo então também o record da tonelagem sobre todos os anteriores. O aproveitamento dos portos, o melhoramento dos rios, a execução de obras publicas de grande envergadura, tomaram incremento. Paiz de producção agricola em ampla escala, vamos fazendo rapidamente a transição para a organização também industrial.

Eu falei dos recursos em homens e capital e sobre elles accrescentarei duas palavras. Não foi com outros elementos que os Estados Unidos chegaram á esplendida situação de hoje. Mas

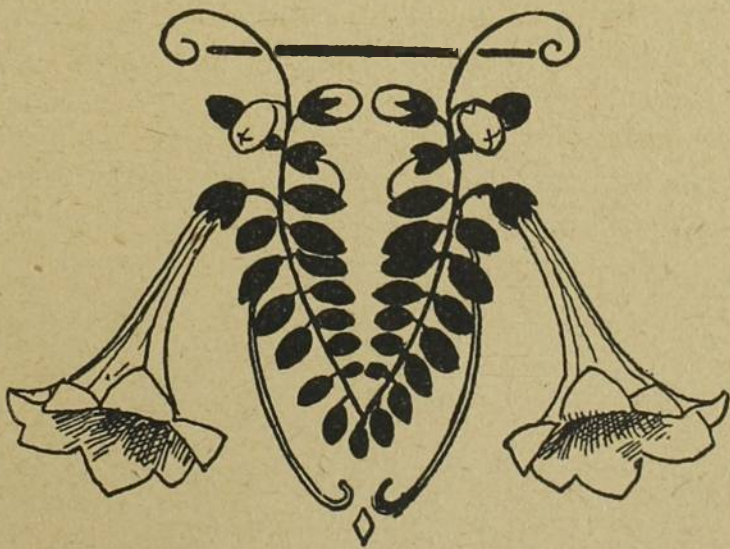
vede a differença que nos separa: enquanto aqui vieram ter, durante um seculo, 33 milhões de immigrants de todas as raças, nós não recebemos, no mesmo periodo, sinão 3 milhões e meio. Estavamos a mais do dobro da distancia dos centros de supprimento europeu e era natural que vossas inexhauriveis riquezas os attrahissem primeiro. Aos 110 milhões de almas americanas não se oppõem mais de 30 milhões brasileiras. Nossas bacias de immigração são, entretanto, tão vastas, que se se povoar o Brasil com a densidade de sua antiga metropole, terá 400 milhões de habitantes; si com a das Ilhas Britanicas, um bilhão; e si com a Belgica mais seres humanos que todos existentes actualmente. Além de escassa, essa população tem que se repartir de melhor modo. Assim é que Matto Grosso, por exemplo, o segundo estado brasileiro em area territorial, mais vasto tres vezes que a Alemanha, tem uma população pouco acima da operaria da United States Steel Corporation: e si Minas Geraes, maior que a Hespanha e o quinto em superficie, leva a dianteira com quasi seis milhões, ou seja a população do vosso Ohio, Sergipe, o menor dos Estados do Brasil e maior todavia que a Dinamarca ou a Hollanda, vai além de meio milhão de habitantes competindo com o vosso Montanna. A politica immigratoria do Brasil desenvolve-se de tal modo que em 8 annos de Republica, isto é, de 1907 a 1914, recebemos mais de um quarto do total de immigrants de um seculo. Tem a historia suas razões occultas, e nós nos perguntamos, ás vezes, si uma corrente mais densa de sangue estrangeiro, durante o periodo de consolidação da nacionalidade, não teria diffcultado a unidade territorial, de linguas e costumes. Estudando o desenvolvimento do Brasil vis-a-vis dos Estados Unidos cumpre não perder de vista que somos mais moços meio seculo, isto é, que vossa epoca de referencia connosco não é a de hoje mas a da celebração do centenario de vossa independencia, em 1786.

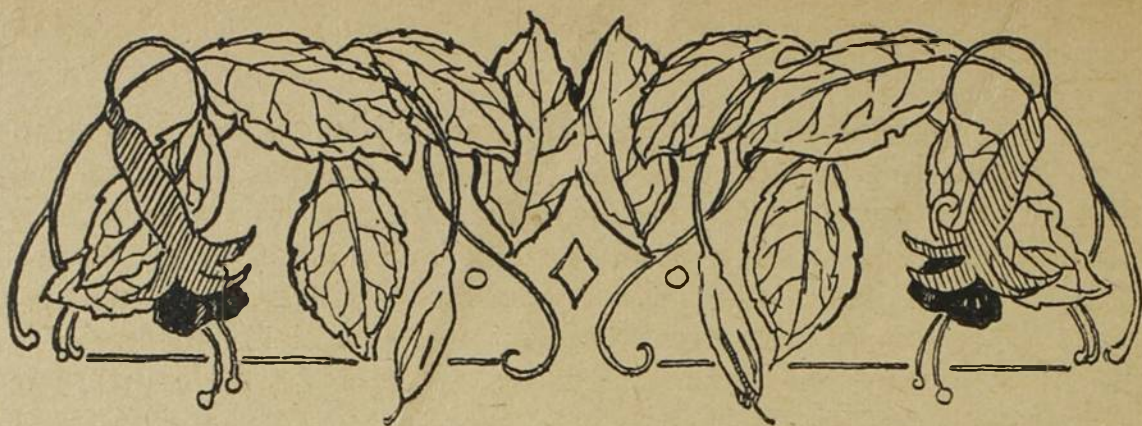
A entrada de capitaes é tambem ponto em que devo insistir. Antes da grande guerra foram nossos supridores de dinheiro, pela realização de obras publicas necessarias, a Grã-Bretanha, a Belgica, a França, e disso não se arreponderam. Chegou depois a vez, com a vossa hegemonia, para os Estados Unidos. Vós não ignorais que quem procurasse nos mercados de New York titulos da America Latina aqui lançados, não encontraria sinão alguns do Mexico. Hoje bem vedes a differença. Para só falar do anno de 1921, uma somma não inferior a 150 milhões de dollars se empregou aqui em titulos federaes, estaduaes e municipaes de varios paizes sul-americanos. Dessa somma mais da metade coube ao Brasil, e tão grande pareceu a procura que os emprestimos se cobriram sempre acima do necessario, estando os respectivos titulos acima

do par. Não preciso dizer mais nada para pôr em relevo quanto vos merece o credito brasileiro, assim começamos a buscar nos Estados Unidos os capitaes de que precisamos. Esse ponto de partida não é sinão um ponto de partida, e hão de chover no Brasil, multiplicando-se com segurança os milhões americanos, não sómente na compra de titulos officiaes mas principalmente para a realização de melhoramentos materiaes de toda ordem. Ha cidades que erguer, campos que lavrar, pontes, estradas, fabricas que construir. E', na verdade, a oportunidade dos Estados Unidos.

Mas já disse, porém, assás do meu paiz e tempo é de encerrar esta palestra. James Bryce, para não citar sinão o mais illustre, em face da prodigiosa natureza do Brasil, deixou numa interrogativa a duvida si merecem os filhos a terra que lhes tocou. Bem estais vendo a resposta. Raça emprehendedora, intelligente, cor-deira, vivendo sob instituições politicas livres e estaveis e cultivando os mais altos ideais internacionaes, a raça dos brasileiros tem a peito mostrar em futuro não remoto, que merece a prophesia de um grande presidente americano, o qual, depois de nos conhecer, percorrendo o paiz de sul a norte, disse ser o seculo XX o seculo do Brasil.

New York, Abril de 1922.





O TYSICO

AMANDO CAIUBY

— Mande-o entrar!

A ordenança levantou o reposteiro verde. Um vulto magro, esguio como um palmito, entrou tacteando, arrastou umas passadas curtas e, espichando os longos braços em gestos descompassados, afocinhou de borco no gabinete.

— Acuda esse homem! gritou o delegado.

A ordenança salta, agarra-o pelas costas e, ao pretender levantal-o, vê uma golfada de sangue jorrar sobre o soalho.

— Chamem a Assistencia! Uma toalha! Cuidado com o tapete! Inferno!... bradava Emilio, tocando os tympanos, aos agentes e praças que accorriam.

Emquanto ageitavam o extranho personagem na poltrona e lhe limpavam a bocca, e se limpavam tambem da extemporanea sangueira, o delegado, nervoso, em passadas largas, vociferava contra esses embrulhos que só em seus plantões appareciam:

— E' isso! Um sujeito faz uma desordem, põe uma familia em polvorosa e quando aqui chega, traz, zás, tombo, sangue, o diabo! Em vez de cadeia, hospital! Bólas!

E parando ante o homem, que arquejava de olhos arregalados, estourou:

— Afinal! Que é isso?!

Elle, em resposta, derrubou a cabeça no peito, num desconsolo pungente.

O medico da Assistencia, entrava apressado:

— Salve, amigo! Que encrenca houve?!...

— Este sujeito que entendeu de morrer aqui!... explodiu colerico.

O medico olhou o doente. Viu o sangue. Abanou a cabeça. Fez um gesto ao enfermeiro, que o seguia, sobraçando enorme caixa de ferramentas. O enfermeiro abriu a caixa, tirou uma seringa, arranjou a agulha e olhou silenciosamente a collecção de empolas.

— Oleo camphorado com emetina... ordenou-lhe o medico.

Injecção feita, despediu-se com um tregeito de quem diz: está frito esse freguez!

Recomposta a ordem, limpo o gabinete, evacuada a sala, já com o coração desoppresso daquelle susto, o delegado encarou o intruso que se reanimava.

Eu escancarei a janella, por onde se precipitou um golphão de ar embalsamado da varzea. Corri os olhos pelas estrellas que piscavam no céu tristonho e aventei:

— Que linda noite...

Emilio resmungou:

— Não parece...

Encaminhando-se depois para a secretária, o delegado começou a explicar ao intimado que o mandara chamar porque um senhorio, italiano honesto, viera queixar-se de que estava ameaçado de esfaqueamento. Ora, esfaquear um senhorio, sem motivos justos, mesmo sendo italiano, é cousa muito seria. — Conte-me isso!... terminou elle, olhando-o de frente.

O homem levantou-se vagorosamente, arrastou os passos para o seu lado, com respiração difficil e olhos esgazeados.

A luz coava-se do lampeão da mesa, pondo-lhe na physionomia uma côr terrosa, de cadaver amanhecido. Seus grandes olhos, de olheiras fundas, giravam lentamente nas orbitas enormes. Rosto encovado, hombros estreitos, pernas compridas como mastaréos, testa em rampa a se prolongar pelo redemoinho que lhe eriçava o topéte de cabellos negros, o pobre desordeiro infundia piedade pela doçura calma dos olhos, pelos traços gregos no rosto e angulosidade aspera do corpo esguio. A roupa de brim pardo, amarrotada e com salpicos de sangue, fazia augmentar a compaixão pela desgraça. Tacteando, sentou-se com um gemido surdo ao lado da secretária; e com a respiração entrecortada, foi desfiando, com difficuldade, o seguinte:

Não era da Capital. Viéra de longe, quasi dos confins do Estado. Chamava-se Leopoldo, conhecido por Leopoldo do Saltinho, por ser antigo administrador daquelle importante burgo agricola, ribeirinho do Mogy-Guassú. Filho de lavradores, teve má cabeça, abandonou os estudos, afundou na fazenda e hoje era o caboclo que alli estava, tendo sido ainda feliz por chegar áquella posição na lavoura. A sua mocidade perdeu-a no serviço. Nunca teve um riso de affecto a lhe quebrar a rigidez da vida, — toda inteira debruçada sobre os

interesses do patrão. Energico, cumpridor de ordens, sem uma saudade a adoçar-lhe a fala ou lagrima esquecida a amollecêr-lhe o coração, foi o homem escolhido para aquelle posto. Realizado assim o seu sonho, percebeu, com os annos, que a vida não era feita só para o duro trabalho do sertão. Deveria haver alguma cousa que a reflorisse e a fizesse mais encantadora e querida. Procurou essa cousa e percebeu o vacuo em torno de si. Olhou os companheiros de seu tempo, e viu todos casados, resplandecendo de saúde nos filhos, e com sitios verdes, de cafésaes adultos, a lhe margearem o Saltinho. Pensou: são felizes, têm o consolo de uma mulher que os estimula na luta e que os rodeia de affagos. E elle, com 35 annos, aferrado á idéa de galgar a administração pelo esforço, perdera a occasião de um escoro á alma, e nem enxergara as moças que talvez o espiassem nas rapidas passagens pelas ruas da cidade longinqua. Reviu-as mentalmente. Nem uma encontrava com geito de o querer. No desconsolo do intimo, deu de enfernizar-se nos talhões e eitos que fiscalizava, porque nelles via os homens suarentos baterem a enxada ao lado das companheiras bem satisfeitas nessa dura coparticipação do serviço. Assim, casmurro e energico, só tinha uma palavra ou outra mais macia para o Wenceslau — aquelle endinheirado empreiteiro do Saltinho. Parece que os seus genios se identificavam. O Wenceslau era um caboclo velho, com economias feitas na lavoura, de talhe rijo, gordo e forte como um touro, sempre autoritario com os camaradas, mas com um lampejo de meiguice nos olhos para Olivia, a sua filha unica. Vivia com a mulher e este rebento dos seus amores, encafudado na casinha isolada da orla da matta, onde ao lado, num pastinho verde, os seus animaes rachavam de gordura e onde, no terreiro sempre limpo da frente da vivenda, a gallinhada de sua metade sarapintava de cores e de movimento a pacatez do retiro. Olivia, tambem, merecia os agrados rudes do caboclo. Parecia um botão de rosa a sorrir sobre a solidão religiosa de uma tapéra. A mãe, preocupada com o tratamento das creações, deixava-lhe o arranjo da casa, a ella que então contava quinze annos sadios em um corpo delicado e airoso, a debuxar uma pujante esperanza de mulher. Morena, de cabellos ondulados, olhos grandes a trazerem, nos momentos em que descansava, toda a meiguice de sua alma sonhadora — na humidade que os banhava, tinha um encanto especial nos minimos actos com que adivinhava os pensamentos dos paes. De tez jambeada e leve pennugem, a imitar os rosados pecegos que lhe perfumavam a janella, do quartinho, nada dizia da tostada cara do Wenceslau nem do moreno desbotado da mãe. Por isso, talvez, ao vel-a assim tão privilegiada, adoravam-na como a um serafim. E o genio de Olivia! Mansa como uma pomba, alegre como uma corruira, só tinha palavras de consolo para os aborrecimentos dos que lhe paravam á

porta. Mesmo o Leopoldo, quando alli portava para um desabafo contra os trabalhadores, não raro censurava ao Wenceslau a piedade da menina pelos camaradas que lhe mangavam no eito, prejudicando-lhe as capinas. E incriminava ao aparte da pequena:

— Não parece sua filha, Wenceslau! Você é energico, e ella, nem sei...

Olivia retrahia-se como um caramujo, envergonhada, uma rosa no rosto, e a palavra "coitado" estrangulada nos labios vermelhos e finos.

Agóra, depois que o Leopoldo teve o momento de fraqueza de pensar em mulher, quasi todas as tardes desabafava a raiva e os nervos, com o empreiteiro. Tudo lhe parecia torto, necessitando mais energia e cacete para endireitar. O Wenceslau, estranhando esse excesso de irritação em que andava o administrador, tratou de sondar-lhe a causa. Inutil; a fazenda continuava na mesma ordem tranquilla. Falou-lhe então:

— Seu Leopoldo, o senhor anda doente. Essa cara amarella, essa magreza, não escondem. Precisa remedio...

— Você está doido! Remedio, nada!

— Sério. Tanto trabalho acaba um homem. O senhor não é forte. Precisa descansar da afobação.

— Até você, Wenceslau! Então eu posso abandonar o Saltinho?

— Não digo isso. A gente descansa trabalhando. E' questão de ter a vida nos eixos, de andar com o juizo em paz... Sósinho não se tem. Precisa casa com mulher dentro. Case e verá. Ha muita moça por ahi... terminou philosophicamente, afrouxando um cigarro, ante a estupefacção do Leopoldo. E quando o administrador ia abrir a bocca para uma pergunta, chegou Olivia com o café; ao vel-o pallido, de olhos arregalados, a bocca entreaberta no engasgo da pergunta, estranhou:

— Está doente, seu Leopoldo?! Um cafésinho deve ser bom...

— Não, menina! Não tenho nada! tartamudeou, tomando-lhe nervosamente a tigellinha.

Quando o Leopoldo voltou para a casa solitaria, já as primeiras sombras da noite diluiam sobre os pastos um diaphano véo de tristeza. O gado mugia nos curraes, quebrando o recolhimento da fazenda, que se concentrava medrosa ante a noite galopante. Uma estrella piscou no céu e os vagalumes imitaram-na, em cardumes, pela varzea. Passarinhos deixaram de esvoaçar pelos ramos, sem mais um pipilo para a companhia desgarrada, enquanto um urú rompia no espesso da mata, ao longe, o canto monotonico e nostalgico. Pelo caminho parafusava elle os conselhos do empreiteiro, e apeando-se em casa, dava-lhe razão, mas não atinava com moça que lhe servisse. E deitando-se, ao apagar o candieiro, só no escuro,

soltou um suspiro de desalento, ao perpassar-lhe pela mente a figura doce de Olivia:

— Creança, menina ainda...

O certo é que no dia seguinte olhou-a com mais atenção. Era de facto uma creança. Mas o corpo airoso, de curvas accentuadas, possuía essa desenvoltura graciosa de carne consistente e robusta. Os seios altos e gordos, semelhantes a duas metades de laranja "selecta", tremiam levemente a um movimento brusco do talhe por baixo da blusa de chita. E aquellas formas esbeltas, a prometterem um typo victorioso de mulher, desprendiam um perfume de ingenuidade que as santificava.

Leopoldo, reparando nas graças pubescentes de Olivia, esqueceu-se, enlevado; e o Wenceslau, que reparou no agrado, a sós com elle depois, voltou á carga:

— Falei hontem para o seu bem. O remedio é casamento. Moça ha muita por ahi. Convém escolher para evitar desgosto...

— Deixe de bobagem, Wenceslau! Não ha quem me queira... desabafou o Leopoldo, com amargura.

— Não sei. Aqui mesmo ha uma... sussurrou o caboclo com voz sumida, a olhar para o céu, abstrato, numa idéa longinqua.

— Como é, como é que disse?... interrogou-lhe com um relampago nos olhos, nervoso, num impeto de saltar da cadeira.

O Wenceslau continuava a scismar.

— Você está sonhando, Wenceslau!...

Só depois de insistentes perguntas, o empreiteiro, voltando apatetado do sonho, mostrou comprehender:

— Escapou. Palavra que não foi por gosto. Eu queria morrer com o segredo. Sahiu, agora que vá. E' isso. A Olivia podia ser boa mulher. Pense e responda.

— Você está louco? Então ella ha de querer? Eu, um homem escangalhado pelo serviço, ella uma creança...

— Ja falei. Pense, resolva e diga.

Leopoldo montou a cavallo e partiu a galópe, com zoeira nos ouvidos, o coração esquisito no peito, os olhos arregalados para as creações que pastavam, como si as visse pela primeira vez. Um vacuo no cerebro e a imagem de Olivia nos olhos.

Respondeu dias depois que seria o mais feliz do mundo si se casasse com ella; e Olivia, ao ser-lhe apresentado o noivo, corou muito, baixou os olhos marejados de alegria e disse que tambem o queria.

Leopoldo, parece, não entendeu bem a resposta da moça. Ficou apatetado, até que a mulher do Wenceslau explicou:

— Boi não sabe a força que tem. O senhor é graúdo, manda no Saltinho inteiro, é respeitado, ha de ter quem lhe goste. E' honra casar com um homem assim...

Olivia, de cabeça baixa, duas rosas no rosto, enrolava a ponta do avental. Wenceslau fumava, indifferente, e Leopoldo, que demorava os olhos na moça, avermelhou de repente, pois Olivia, arriscando uma espiadella, cruzara comsigo o olhar, ao mesmo tempo que lhe aflorava aos labios um indecifrável sorriso.

Assim, viu Leopoldo chegar o casamento, marcado para o mez seguinte. Si o seu genio melhorou sensivelmente com a preocupação da casa e os castellos de futuro, revigorados nas visitas que todas as tardes fazia a Olivia, si o seu enfernizamento nos eitos e serviços de roça desaparecera, continuava, porém, a emmagrecer, esverdeando dia a dia, com a ponta dos ossos a espetar a roupa de brim folgada, espichando-lhe ainda mais a altura de vára-pau. O casamento foi feito sem festas nem complicações. Cavalgando a par da noiva, era seguido pelos sogros nos melhores animaes da fazenda. O lenço de seda que atára ao pescoço, por cima da gravata, esvoaçava as pontas festivamente como um adeus á solteirice que lhe ia ficando atraz. Olivia, com o chapéo de abas largas presas por uma fita no mento, mostrava o rosto sadio como um passarinho trefego embiocado nos frouxeis do ninho. O pae, bem vestido, de botas novas, trahia o contentamento d'alma nas phrases que, de espaço, soltava, sobre as plantações e a colheita. Casaram-se. Cumprimentos á chegada. Lagrimas de Olivia ao abraçar a mãe — quando a deixára sósinha na sua casa, erguida ao lado da do patrão. Depois, a vida feliz do casal entre o reboliço alegre da colheita. Era a trópa a chegar com café maduro — como pingos coagulados de sangue, entremeados de grãos verdes e pretos, era a azafama dos camaradas a despejarem saccos e jacás no enorme lavadouro de pedra, de onde, levantadas as taboas da comporta, a rubiacea se despenhava numa catarata multicôr nas bacias de pedra que a distribuiam, por diversos canaes, aos quadros amplos do terreiro. E o vozerio alegre dos trabalhadores, esparramando-a como um panno de chita, casava-se com o tilintar dos cincerros das novas trópas que chegavam. A fazenda tumultuava.

O céo, de um azul diaphano, muito alto, pontilhava-se á noite de estrellas rutilas — como diamantes num fundo salpicado de lentejoulas. O ar secco, vibrando ás evaporações da terra, dava ao dia de sól fulgurante um aspecto de alegria e confiança. Só um farrapo de nuvem branca no horisonte, na confluencia das serras que se iam esbatendo como cançadas do esforço dos altos esgões da fazenda. E a catadupa de luz a redoír as pedras, o caminho e o cafesal esgalhado — despido das folhas pela colheita. Numa dessas noites de céo limpido, em que o café ficara amontoado em enormes cones no terreiro, resguardado por cobertões de lina, Leopoldo ao deitar-se, correu os olhos pelas estrellas,

pensou um pouco, fechou os sobrolhos e resmungou: Parece que vae chover...

O farrapo de nuvem perdido ha dias no horisonte, augmentára agóra, trocando a sua brancura de algodão por um tom escuro de ameaça. Pela madrugada, ventos principiaram a silvar nos varaes. Leopoldo levanta-se, abre a janella, veste-se apressadamente e corre ao sino da Casa Grande. As notas do bronze repercutiram pelas quebradas como um dobre a finados. Nervoso, a olhar o céu ameaçador, ouvindo os cães ganirem e o vento ramalhar nas cópas das laranjeiras visinhas, Leopoldo confere o relógio: — tres horas — volta de novo ao sino e o chamado parte, incisivo, badaladas violentas. A camaradagem accorre, emquanto na colonia, que se avistava aos fundos, abrem-se as portas e saem presurosos os trabalhadores estremunhados. E começa a lufa-lufa de recolher o café.

Quando os ultimos jacás chegavam pelos hombros suarentos ás enormes tulhas da casa da machina, os primeiros pingos d'agua, grandes como nickeis, espapaçavam-se no terreiro. Num vozerio alegre de victoria, os colonos recolheram-se; mas Leopoldo, fiscalizando o serviço, deixara-se molhar. Estava, porém, satisfeito: salvara algumas centenas de contos. Preoccupado depois com as lides do dia, não ligou importancia ao tremor de frio, que a roupa molhada produzira. A' noite, achou-se febril. Na manhã seguinte, ao partir para o cafésal, Olivia quiz acompanhá-lo: o seu instincto de mulher alvoroçara-se com isso.

Pelo caminho que galgava a encosta, banhado pelos primeiros raios de uma luz pura e translucida, seguia o casal a cavallo, quando Leopoldo cambaleou e cahiu.

Olivia salta agilmente da sélla e acode-o:

— Que é isso, Leopoldo? Minha Nossa Senhora!...

— Nada. Uma tontura... Já passou...

E com aquella energia ferrea que o caracterisava, o administrador levantou-se desfigurado. Um vômito negro e fétido reteve-o ainda; e desde ahí uma febresinha impertinente o tomou. Não houve chás nem quinino que a atalhassem; e debalde a esposa o aconselhou a que procurasse medico na cidade. Leopoldo respondia-lhe que aquillo passava, que era constipação, que não valia a pena, e o certo é que elle esverdecia a olhos vistos. Seus ossos já ameaçavam furar a roupa. Um dia, não pôde ir ao cafésal. Olivia, assustada, chamou o pae. O Wenceslau olhou-o demoradamente, reparou na sua respiração cansada, viu que o genro tinha leve suor a porejar-lhe as temporas, a tosse fraca de uma bronchite chronica, e teve então a resolução das grandes previsões:

— Leopoldo, isso não vae assim. Sabugueiro, lósna, herba-ci-

dreira, e quanta garrafada ha por ahi, não o livrou da tinhosa. Você tem familia, Olivia é moça. Convém tratar. Com essa-magreza, é bom procurar medico longe. Vamos p'ra S. Paulo. Escreva aos patrões. Você tem economias. Resolva já.

E assim Leopoldo veio tratar-se. Chegou, e o medico consultado internou-o na Santa Casa de Misericordia. Trazia quatro contos, podia ser cuidadosamente medicado em um pavilhão especial. Os dias passavam, as semanas corriam, a molestia progredia avassaladoramente, e o dinheiro diminuia. Olivia não arredava passo da cabeceira. Acabados os quatro contos, desconfiou que o marido não melhorasse e falou ao medico:

— Doutor, eu queria saber como vae Leopoldo. Elle chegou andando, agóra nem forças tem para ficar de pé. Levará muito tempo essa cura?

— Leva. Creio que não sára mais. Não fique triste. E' melhor assim. Elle está tysico, tem mesmo de morrer.

— Mas nós não temos mais recursos para hospital...

— Então, vão embora d'aqui. E' bom que morra em casa...

— Lá não tem medico, moramos muito longe...

— Olhe, eu dou um attestado da molestia, a senhora toma um quarto por ahi e faça o tratamento. A Santa Casa não tem lugar agóra para essa doença. O pavilhão commum está cheio.

Sentou-se, passou attestado de tuberculose, e antes que Olivia lhe dirigisse palavra, retirou-se. Logo depois, uma enfermeira veio dizer que um carro os esperava á porta. Ajudou-os no arranjo das malas e foi empurrando o casal para fóra. A Santa Casa despejou-os assim em São Paulo, a elles que ninguem mais tinham por si, nem mesmo o desafogo de uma carteira recheada. Possuiam apenas 20\$000 dos quatro contos gastos no hospital.

O cocheiro perguntou-lhes para onde iam.

— Por ahi afóra... Precisamos de um quarto...

E o carro poz-se a rolar pelas infindaveis ruas borbórinhantes de gente apressada e forte. Depois de muito rodar, desceu a rua da Gloria. Falou-lhes o cocheiro:

— Eu tenho um compadre aqui. Talvez haja um quartinho bom e barato.

E alojou-os num cubiculo, que era o céu para o inferno dos solavancos do vehiculo.

Leopoldo teve logo uma hemoptyse. O senhorio, um italiano esperto, soccorreu-o com offerecimentos de medicos e pharmacia. Com isso, informou-se da sua molestia, leu o attestado e exclamou em meio da filharada, á gordalhuda mulher com um pequeno ao peito:

— Mas elle vem morrer aqui!...

E entrou esbravejando para o fundo da casa, seguido da récua de filhos e da matrona gesticulante.

O dinheiro terminára com a compra de chás e bolachas.

Horas depois surgia-lhes o carcamano, pedindo a mensalidade adeantada. A' resposta de que o Wenceslau viria pelo fim da semana, enraiveceu-se. Que não alugava a casa a tratantes, que era um desaforo, que iria á policia e isto e mais aquillo. Sahiu. Entardecia. A' noite appareceu-lhe o soldado com a intimação. Cançado e doente, attendera ás ordens e aqui estava para explicar que não tentou esfaquear ninguem.

Cahira o pobre homem numa prostração dolorosa. A longa tirada da sua vida infeliz, exgotara-o por completo. Arquejava.

O delegado, commovido com a desventura, ficou a pensar, de olhos fitos no lampião da meza, até que rompeu:

— Onde está Olivia?

— Ahi fóra... Vou chamal-a...

E arrastando os passos, escorando-se pelas paredes, num esforço supremo, desapareceu o fantasma do administrador por traz do reposteiro.

Momentos depois, pedindo licença, entrava elle amparado:

— Está aqui, doutor...

— Mas é uma menina!

— O medico escreveu que eu morro. Ella sabe, morro mesmo. Sinto só deixar esta coitadinha que tanto me ajuda...

E aquelles olhos esbogalhados, embaciaram-se por um leve marejamento de lagrimas.

O Emilio, sem saber o que dizer, dirigiu-se então á moça:

— E a senhora?

— Acompanho o meu marido até o fim. Não hei de deixal-o atôa...

Falava mansamente, de vóz carinhosa, com a simplicidade dos heróes humildes.

Eu olhei-a, admirado daquelle timbre. Era uma creança, desabrochando para a vida fecunda da mulher. Talhe esbelto, proporções finas, tinha esse encanto suggestivo das bellezas que se adivinham. Rosto ovalado, de perfil grego, possuia a beleza de expressão que uma candura latente espiritualizava. Os cabellos castanhos e ondulados, semelhavam uma aureola áquella bondade meiga de santa. O busto, de seios altos e bicos irritados contra a blusa que os comprimia, resaltava do vestido simples de cassa. Lindo botão prestes a se abrir.

— Mas é um crime soffrer uma mocinha assim! exclamou o delegado, levantando-se. E poz-se a passear pelo gabinete, de cabeça baixa, a mão no queixo, preocupado com o caso. Sentou-se de novo, tomou um folego e começou pausadamente a explicar ao

casal, o que era a tuberculose, a marcha da molestia e a fatal contaminação que o descuido produzia. Contou casos de mortes dilacerantes, cousas de arrepiar o cabello, e terminou:

— Leopoldo, você sabe que vae morrer. O tal medico já garantiu. Assim, você não póde matar essa pobresinha. Olivia está-se desenvolvendo, e nesta passagem de menina a moça, a tysica é tremenda. O microbio penetra nesse corpo desabrochante, por um beijo, por um talher usado, pelo cópo, o lenço, o simples escarro no chão. O bacillo invade o organismo indefeso, reproduz-se violentamente, e quando ella abrir os olhos, não tem mais cura, está perdida. E Olivia — que tem sido o seu consolo, não deve morrer. Você, Leopoldo, não quererá carregar na outra vida esse remorso. Si não quizer assassinal-a, não se esqueça disto: separe tudo o que é seu, evite a contaminação. E' o pagamento á bondade de sua esposa...

E o delegado arranhou-lhes um passe para São José dos Campos, afim de adoçar os ultimos momentos daquelle casal infeliz.

Nisto, a campainha da Assistencia soou, seguida logo depois da do Gabinete Medico Legal e da sala do Delegado.

— Que é? perguntei.

— Crime... respondeu Emilio. A Assistencia para o curativo, o medico legista para o corpo de delicto e eu, para resolver o embrulho. Seguimos até uma caixa perdida por ahi afóra, onde o soldado que deu aviso nos indica o local. Si quizer, vamos juntos...

E entramos no automovel, que partiu fonfoneante.

.
.
.

Semanas depois voltei á Central em visita ao amigo. Lá estava elle ás voltas com um relatorio. Cumprimentei-o:

— Muito serviço?

— Algum. Este inquerito é que me está aborrecendo. Trouxe-o da Delegacia, é um facto interessante. Hei de mostrar-te.

Emquanto elle escrevia, eu pensava nos horrores que a sociedade encobre, nesses mysterios que fazem a dor de cabeça da policia, e que, em algum tempo, transforma a alma destes homens, fazendo-os enxergar a vida por outro prisma que lhes endurece o coração. Lembrei-me:

— E' verdade! Que noticias me dás daquelle tysico?

Emilio terminou a escripta, accendeu o cigarro e contou-me:

— Na manhã seguinte o casal embarcára para São José dos Campos. Levava ordem de internação no Sanatorio. No carro de segunda em que viajavam, alguns individuos puzeram-se a con-

versar desabridamente. Eram caixeiros-viajantes. A's tantas disse um delles, chamando a attenção dos companheiros:

— Reparem que bellezinha. Que seios duros! Parece que nos desafiam...

— Será casada com o estafermo? Olhe a alliança... replicou outro.

E não tiraram mais os olhos de Olivia.

Leopoldo ouviu os commentarios, e uma dor surda, mixta de odio impotente e vergonha de affronta, tomou-o a viagem toda. Com desespero n'alma, pôde ainda perceber do effeito que a esposa produzia nos outros passageiros. A dor aggravou-se ao relampejar-lhe a idéa de que morreria breve e ella, tão ingenua, seria judiada por esses individuos sem piedade nem escrupulos. Lembrou-se da Junita, a filha de um colono, bonita como Olívia, que fôra seduzida pelo namorado, que afinal a abandonou. O pae morrera de desgosto e ella cahira na "vida" para não morrer de fome. Medrosa e arisca, andou de déo em déo, sempre levando bofetadas dos carreiros enciumados, numa agonia de maus tratos interminaveis. Um dia um amante riscou-a de faca. Junita, no desespero, poz fogo á roupa. E Leopoldo vira aquelle corpo pubescente, que fôra o desvario dos que o contemplaram, coberto de chagas, em carne viva, repelente. Comparou essa vida angustiada com a que talvez tivesse a sua Olivia, alma de sua vida, conforto de sua existencia.

Ao descer no Sanatorio, tinha uma idéa no craneo. Voltava-lhe a calma, com um tom sereno de doçura á conversa. E foi todo ternura e mimos para a esposa. Cercava-a de affagos, de attensões, de elogios, dizendo-se melhor de saúde, reprimindo a tosse, pontual nos remedios, alegre e satisfeito ao seu lado. Parecia que os ares do Sanatorio o revigoravam — com a esperanza de optimos dias. Evitando que ella percebesse o seu estado, fazia tudo para convencer-a de que sarava. E assim, nesse banho de ternura com que a cercava, Leopoldo conseguiu beijal-a em cheio na bocca. Ella quiz evitar o perigoso contacto; mas ao ar triste do marido, cedeu. Os beijos se reproduziram com violencia. Uma febre de sensualidade corria as veias do enfermo. E nos agrados e carinhos, forçava elle o contagio. Afinal, com um resfriado, explodiu tambem em Olivia uma galopante. O medico, examinando-a, sacudiu desanimadamente a cabeça; e Leopoldo exultou.

A satisfação de vêr Olivia perdida foi tal que o prostrou exausto. A energia dispendida nesse drama encurtou-lhe a existencia. E ao morrer, como morrem os passarinhos, dizia com vóz sumida á esposa chorosa e pallida:

— Filha, vou primeiro. Morro contente, porque sei que me acompanhas. Fingi-me são, para poder contaminar-te. Perdôa-me.

Amei-te muito para deixar-te sósinha aos outros. O delegado ensinou-me. Os beijos mataram-te. E's nova, não soffrerás tanto, acabarás depressa. Por despedida, mais um beijo, aqui, na bocca...

Emilio, levantando-se, olhou-me de frente, no fundo dos olhos, terminando:

— E a pobresinha um mez depois o seguiu...

Eu fiquei a pensar:

— Qual delles é mais criminoso? A Santa Casa — feita com a caridade do povo para soccorro e amparo aos infelizes, que se desfaz assim de um moribundo, o medico — sem piedade nem entranhas — que lhe tira violentemente toda a esperança, matando-lhe a unica energia, quando lhe era tão facil prolongar uma illusão, ou este delegado amigo, que, pretendendo o bem, lançou e fez germinar num cerebro doentio a idéa do assassinio legal?

E ia dizer qualquer cousa, quando um rumor, confuso a principio, avolumou-se, até que a ordenança entrou precipitadamente:

— Doutor, vem uma “encrenca” ahí!...

.

Excerpto do “Noites de Plantão”





A UM ADOLESCENTE

*J*Á não te ris. A especie te reclama,
E o desejo indizível em que anceias
No brilho dos teus olhos se reflecte.
Dizem os teus dezesseis annos: "Ama!"
"Ama!" teu sangue diz na luz das veias,
E tu'alma em delirio: "Ama!" repete.

*Essa vaga de amor em que te banhas
Aquece-te a epiderme satisfeita;
E, illudido, te cuidas, nessa idade,
Capaz até de praticar façanhas
Pela mulher que acaso foi eleita
Pela tua curiosa ingenuidade.*

*Por essa que elegeste entre as mulheres
E que cada vez mais te aviva as chammas
Que pensas consumir-te pouco a pouco,
Todos os desatinos que fizeres
São naturaes em ti, porque tu amas,
E perdoaveis tambem, porque andas louco.*

*Mas o amor que te exalta, amor intenso,
Que, tornando-te aos deuses semelhante,
Te ensinou a falar divino idioma,
Não será mais que um gránulo de incenso
Que, em contacto com o fogo, arde um instante,
Desfazendo-se logo em fumo e aroma.*

DESTINO

*BATEM com força á minha porta um dia.
Bello dia de sol. Quem me procura?
Não quiz abrir a porta a quem batia:
Cançada de esperar, foi-se a Ventura.*

*Batem de manso. E' noite e o frio corta.
Quem será que a tal hora me visita?
E corri pressuroso a abrir a porta
Para acolher nos braços a Desdita.*

LIVRO DOS PROVERBIOS

I

*EMBORA com sacrificio,
De que és bom aos mais dissuade
E esconde a tua bondade
Qual se esconderas um vicio.*

*Se a não guardas em sigillo
A occultas de toda gente,
Impõe-te o mundo, exigente,
Que te exgottes em servil-o.*

II

*QUEM tem direita a attitude,
Não deve recear a queda;
Honra, porém, é virtude
De que se não cunha moeda.*

*Quem tal faz por desafio
A' ingenuidade da gente,
Depressa perde o feitio
Por não ser moeda corrente.*

*Se ha gente ingenua que a acceita
Pelo brilho que a realça,
A maior parte a rejeita
Por saber que é moeda falsa.*

JULIO CESAR DA SILVA

S. Paulo, Abril, 1922

OLHOS NEGROS

(A Mlle. Betty Del Nero).

*OLHOS negros, lembraes dois astros de velludo,
— Gondoleiros cantando uma romanza ao luar,
E eu, triste trovadôr, por vós daria tudo,
Se ainda mais do que a vida eu vos pudesse dar!*

*Quando até mim baixaes num gesto suave e mudo,
Genuflexo e constricto, eu me ponho a rezar
O evangelho do amôr que esplende em meu escudo,
Recamado da luz do vosso estranho olhar!*

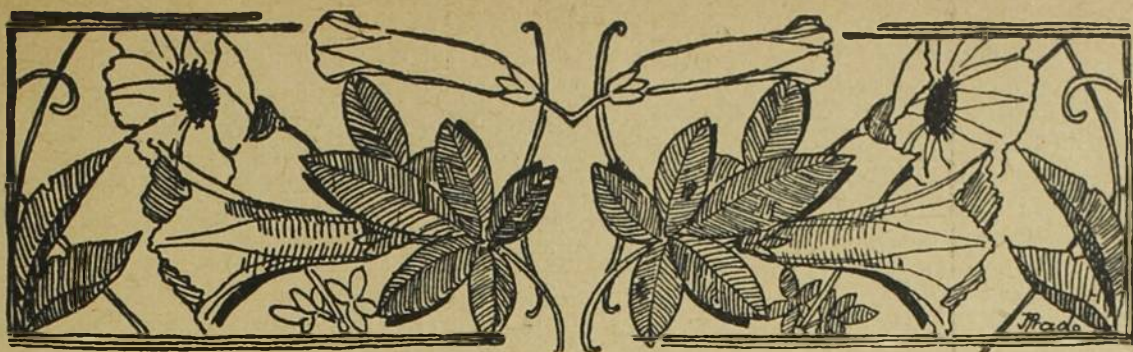
*Venho ha muito fugindo ás rudes hibernias
Da atra perfidia humana, e as horas infelizes
Procurando esquecer, transfigurado e só!*

*Olhos negros, dae vida ás orbitas vasias
De quem cegou por vós; fazei das cicatrizes
De minh'alma descrente a escada de Jacob!*

MOACYR CHAGAS.

(Da Academia Mineira de Letras).

(Do "Pollen", em preparo).



VARIANTE CARIOCA DE UM SUBDIALECTO BRASILEIRO(*)

ANTENOR NASCENTES

LEXICOLOGIA

A PRINCIPAL característica do vocabulário carioca é, se assim nos podemos exprimir, o seu cosmopolitismo.

Com effeito, capital e mais importante cidade do Brasil, o Rio de Janeiro exerce sobre o paiz uma força centripeta que acarreta para o vocabulário carioca contribuições oriundas de todos os Estados.

Ao lado desta força existe a contraria, que espalha pelo paiz inteiro os neologismos cariocas, como se deu ha pouco com os termos *paredro*, *avacalhar*.

O vocabulário carioca, ao lado dos elementos portuguezes, tupys e africanos, communs a todo o Brasil, contem elementos estaduaes e elementos proprios.

Os elementos estrangeiros não são levados em conta porque, quando veem, introduzem-se no paiz inteiro.

Os elementos estaduaes incorporam-se por infiltração lenta e, mais raramente, *ex-abrupto*.

A infiltração lenta escapa á apreciação; uma pessoa natural de um Estado introduz o termo num pequeno circulo, o termo vae começando a ser usado fora deste circulo e com o andar do tempo se generaliza.

A incorporação immediata pode ser melhor apreciada; vejamos, por exemplo, o que se deu com a palavra *urucubaca*. Esta

(*) V. numeros anteriores da "Revista".

palavra era conhecida pelos cariocas que mantinham relações com pessoas do norte, mas era ignorada de muita gente.

Uma circumstancia deu a ella uma applicação que a impoz á generalidade da população e assim se deu a incorporação immediata.

Os elementos proprios, ou se criam *ex-nihilo*, apresentando-se como Minerva quando sahiu da cabeça de Jupiter, ou são meros compostos, derivados ou parasynteticos calcados sobre termos já existentes: *luxento*, *capengar*, *baba-de-moça*.

Os termos novos geralmente são expressões de giria que conseguem nobilitar-se um pouco mais, ou são criações carnavalescas. Toda a gente sabe a importancia que para o povo carioca representa o Carnaval. Nos tres primeiros mezes do anno tudo gyra em torno do Carnaval; no Carnaval apparecem novas canções, novas modas; dahi os termos novos.

E' preciso salientar que ás vezes apenas se dão meras transformações semanticas, conservando o termo antigo ou perdendo a primitiva significação. Sirva de exemplo a palavra *pirata*; 90 % das pessoas do povo que o usam, desconhecem-lhe o significado verdadeiro.

A grande difficuldade da lexicologia da variante carioca, está no joeiramento dos termos estaduaes.

A tal carioca pode ser familiar tal ou qual termo de um Estado porque frequenta a casa de familia proveniente deste Estado e o termo não é conhecido pela generalidade dos cariocas.

Como fazer este joeiramento?

Só vemos um meio: fazer o léxico carioca sómente depois que estiverem feitos os léxicos de todas as variantes.

Para o Rio Grande do Sul já temos o trabalho de Romaguera Correia, para S. Paulo o de Amadeu Amaral, para Alagoas o trabalho de Theotônio Ribeiro, para Pernambuco os de Rodolpho Garcia e F. A. Pereira da Costa.

Quando tivermos todos os lexicos das variantes, poderemos fixar o que é regional, isto é, do subdialecto e o que é geral, isto é, do dialecto, e com meticoloso exame destacar dentre os regionalismos aquelles que já se acham implantados na capital do paiz.

Eis porque deixamos de completar este estudo na parte lexicographica.

Temos muitos apontamentos sobre o assumpto, mas por falta da base que indicamos, elles são naturalmente defficientes.

CONCLUSÃO

Nosso intuito em toda esta série de estudos sobre a phonologia, a morphologia e a syntaxe da variante carioca do subdialecto

fluminense, foi apenas o de, investigando casos de pathologia linguística, fazer uma fixação que de futuro fosse útil.

Não admittimos, nem justificamos os erros e solecismos que mostrámos e em certos casos reconhecemos até com pesar que mais tarde ou mais cedo, por maior que seja o combate ao analfabetismo, taes erros hão de dominar e ser considerados daqui a seculos maneira correcta de falar. Não foi de outro modo que a culta filha do Lacio se deturpou em dialectos que, mais tarde, pulidos, deram as harmoniosas linguas do sul e do sudoeste da Europa.

Procurámos apenas explicar o que nos pareceu a razão de taes erros, do mesmo modo por que o medico faz a diagnose de um caso morbido.

Não é só a lingua culta, artificial muitas vezes, diga-se de passagem, que deve merecer a nossa attenção.

A linguística é hoje em parte uma sciencia que não prescinde da observação.

As linguas sendo organismos vivos, em evolução, devem ser estudadas em todas as manifestações; ha mais vitalidade no falar espontaneo, natural, do povo, das creanças, do que no falar artificial, alambicado, affectado das classes cultas.

No primeiro artigo já mostrámos as vantagens que podemos tirar dos estudos dialectológicos; não queremos insistir nellas.

Não terminaremos o presente trabalho sem atacar uma importante questão que a proxima commemoração do primeiro centenario da nossa Independencia e que a consciencia da nossa nacionalidade manifestada no movimento nacionalista suscitam.

A' nossa independencia politica seguiram-se a independencia intellectual, a artistica, a economica, etc. e tambem a da lingua.

O portuguez do Brasil, queremos referir-nos á lingua falada pelo povo, póde ser comparado com um ramo que venha de um arbusto por mergulhia.

Até se criarem raizes o ramo é sustentado pela seiva do arbusto, mas, uma vez apparecidas as raizes, já não ha mais necessidade disto; a planta pode por si haurir no solo nova seiva que se vae juntar á que lhe veio do vegetal donde sahiu, e quando o jardineiro por um golpe de tesoura separa arbusto e ramo, este vae separadamente proseguir sua evolução.

Outro tanto se deu connosco; proseguimos hoje evolução separada, como a peninsula ibérica seguiu depois da queda do colosso romano.

Apesar da immigração portugueza, apesar da constante influencia do intercambio literario com Portugal (Julio Dantas, o

Eça e outros são mais lidos talvez aqui do que lá), nada pode deter o rumo que a lingua tomou.

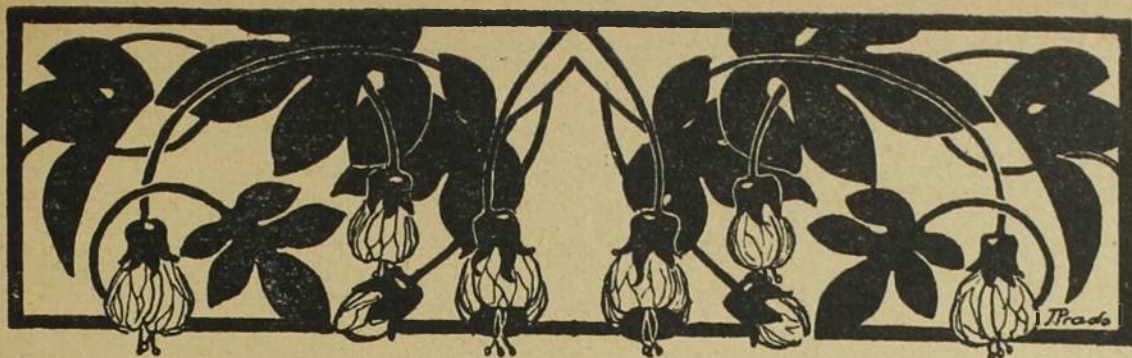
Nós, que somos brasileiros, muitas vezes encontramos em escriptores como Alberto Rangel e Monteiro Lobato termos, modismos que não comprehendemos.

Estamos assistindo aos prodromos de uma transformação linguistica; contemplamos o ponteiro das horas, por isso cremol-o fixo.

Para a America hespanhola temos o prognostico de Andrés Bello, que, referindo-se á enxurrada de neologismos de construção que innunda e turva grande parte do que se escreve na America, diz que, "alterando la estructura del idioma, tiende a convertirlo en una multitud de dialectos irregulares, licenciosos, bárbaros; embriones de idiomas futuros, que durante una larga elaboración reproduciriam en América lo que fué la Europa en el tenebroso periodo de la corrupción del latin".

Emfim, o futuro encarregar-se-á de demonstrar os factos.





A GRAVATA AZUL

ATTILIO CHIAPPORI

(Traducção de Mario Sette)

-
- Visita com frequencia Maximo Lerna?
 - Não minha senhora, desde a sua prisão.
 - Eram tão amigos!
 - Coitado! não o visito justamente por evitar um desgosto inutil, uma vez que o meu affecto nada pode fazer em seu favor.
 - Então, está de todo perdido?
 - E para sempre.

Silenciamos. Contagioso enervamento pairava no ar suave daquelle occaso de fim de Abril. A cor pallida do céu monotono, a completa immobildade das arvores, o profundo e communicativo silencio annunciador da queda das sombras — toda essa ausencia de vida pathetica da natureza impellia o espirito para as cousas tristes e longinquas...

Minha interlocutora, entregue á emoção ambiente, aticava lembranças pungentes:

— Que cousa horrivel pensar na inditosa Luisa que morreu julgando-o grande culpado, talvez odiando-o! E que luta secreta, cruel a desse obsedado! O que admira é a explosão subita do mal, imprevista para elle mesmo, isenta de signal precursor, com a summa fereza de não ser, siquer, completamente inhibitoria da razão... Será possivel semelhante desharmonia na natureza humana?

— *Tout homme est révetu d'invisibles cilices* — respondi com Leconte.

- Houve um momento de pausa.
- Nunca me contou os pormenores da tragedia...
- Quer se apavorar?

- Não sou mais creança...
— Tem certeza de o não ser ainda?
— Não falemos de mim... — obstou com encantadora seriedade.
— Então, deseja mesmo?
— Exijo — intimou sorrindo.
As sombras vinham cahindo, gradualmente, no jardim.

— Preciso rectificar uma das suas reflexões: os symptomas precursores não faltaram. Somente é de notar que, no virtual encadeamento da vida, elles se antecipam, por vezes, aos do proprio enfermo. Lembra-se do ar melancolico da mãe de Maximo, dos seus frequentes e angustiosos paroxismos, sem causas visiveis de nenhuma sorte, e que semearam seu infortunio e o da familia até o final dos seus dias?

— Sim.

— Pois bem. Esse desequilibrio redivivo no filho, sob a forma hyperesthesica que mallograra seus melhores esforços, culminou na crise daquella scena tristissima, facil de reconstituir graças ao exame dos profissionaes e mercê das suas proprias declarações. Naquella noite, soadas as oito horas, Maximo pervagava, debatendo-se com a propria afflicção, sem lograr resolver-se a volver á casa. Desde uma hora viera á cidade, resolvido a consultar o celebre dr. Biercolde, mas havia já percorrido toda a *urbs*, indifferente ao formigar do povo, como ausente, sem realizar o seu proposito. A'quella hora reanimava-se a avenida Florida, povoada da concorrência aos bellos restaurantes da moda, movimentada pelas carruagens sumptuosas que conduziã familias aos theatros.

Maximo olhava a multidão, mergulhado numa especie de auto-pathia, porém, entrando na Avenida, a visão de um casal aconchegado á tenue penumbra dum *coupé* trouxe-lhe á idéa a sua joven esposa, que o estaria esperando inquieta por essa demora desacostumada.

— E' preciso — disse consigo mesmo — resolver este absurdo conflicto.

Parou. E, como sempre que, desesperado, a força de vontade se libertava da dolorosa preocupação, experimentou grande fadiga, analoga á que succede a todo paroxismo. Os musculos retesados pela longa marcha começavam a relaxar-se dolorosamente. O estomago denunciava-se vasio e, completando a sensação de languidez generalisada, premia-lhe a garganta um nó atroz.

Dirigiu-se ao *bar* mais proximo, buscando na fugaz excitação do alcool a energia exgotada, mas o vulto dum policial infundiu-lhe um medo incoercivel, imperioso. Sobresaltado, voltou-se, com a precipitação dos perseguidos, temendo virar o rosto, estremecendo

a cada passo. Sómente vingados dois quarteirões, teve consciencia desse temor pueril...

— Porque estou fugindo? — inquiriu-se afflicto. — Estou ficando doido...

Tirou o chapéo. Quedou assim por minutos, gozando a suave impressão do ar da noite a serenar-lhe a fronte escaldante. Persistia ainda a anciedade mas a razão já discernia. E, como quem fala a alguém, em pleno dualismo, tentou convencer-se. Era crível o receio de ceder a esse inconfessavel desejo? Não amava Luisa acima de tudo, mais que a vida, tanto quanto a Deus? Admittindo mesmo que se não libertasse daquelle impulso exasperante, não lhe restava a consciencia, a vontade, para conter-se? Porque, dias atraz, ao apertar-lhe demasiado o nó da gravata, duvidára de si proprio? Oh! que absurdo!

— Voltemos para casa!

Deliberadamente, depois de haver comprado os vespertinos, tomou o primeiro bonde que demandava a Floresta. Davam nove horas quando chegou a Flores, quasi tranquillo, interessado na leitura das noticias. Na estação, mudando de carro, inquietou-se novamente. Experimentou uma sensação intraduzivel, repentino escurecimento cerebral, onda dolorosa vibrando os musculos posteriores do pescoço, até a base do craneo.

Poucas pessoas viajavam no bonde. Um velho lavrador, meio estirado no banco dianteiro, talvez ebrio, mirando enternecido o cachimbo apagado; atraz, dois rapazes conversavam futilidades e, no assento anterior, uma rapariga de porte esbelto lia uma novella. Instinctivamente analysou-a. Devia ser bonita... A nuca, velada por leves cabellos castanhos, era tentadora, o pescoço gracioso, fino...

— Que rara coincidencia — pensava — o mesmo tom dos cabellos de Luisa! A mesma delicadeza de linhas! Meu Deus! Porque serão assim frageis os pescoços femininos?!...

De subito, estremeceu:

— Porque estou pensando nisto?

Rondou a vista pelos companheiros e pareceu-lhe que todos o fitavam.

— Tel-a-ei tocado?

Essa allucinante duvida, admittida sem reflexão, exagerou tanto o intimo supplicio, que, na primeira esquina, desceu. E parou, estupefacto, na escuridão, olhos pregados no vehiculo que se afastava, furando as trévas, num halo de fugitivas florescencias de chispas azues. Minutos mais, sem deliberar, automaticamente, encaminhou-se para casa.

* * *

Encontrou Luisa debruçada na cêrca, agitada, anciosa, e um rápido calafrio percorreu o seu corpo.

— Porque vieste tão tarde, Maximo?

— Distrahi-me com um amigo — respondeu impassivel, admirado da facilidade com que mentia.

— Bem. Vamos jantar.

— Não, desculpa-me. Vae sósinha. Quero me deitar já.

— Estás doente?

— Apenas cansado. Vae...

— Sosinha? ah, não!

— Ora, porque?

— Não insistas, querido. Perdi o appetite. Deitemo-nos. Mas... porque me olhas?

— Eu? Não te olho! — exclamou Maximo, tremulo, notando que sua esposa trazia a perturbadora gravata azul.

— Tens alguma cousa... Não me negues!

— Nada, Luisa... Porque te havia de esconder?

Entravam em casa, não lado a lado como de costume, porém um após outro, imprevisivelmente separados por algo impalpavel e fusco que domina as rupturas do espirito. Cruzando a porta do quarto de toucador, Maximo percebeu que ella o não acompanhava. Parou, indeciso, adivinhando a penosa impressão que a sua frieza causaria á sua sensível esposa. E vacillava, atormentado. De um lado, sentimentos de carinho, de outro a firme vontade de evitar a menor circumstancia provocadora do seu delirio. Mas, por fim, triumphou o amor, fortalecido pelas recordações dos dias felizes, das apaixonadas caricias, trazidas á memoria pela presença dos objectos que o rodeavam, e, então, voltou-se para a esposa, rubro de acanhamento.

Luisa, immovel e calada, contemplava-o. Seus grandes olhos claros, muito abertos, humedecidos pelas lagrimas afluantes, brilhavam como dois astros humanos. O tumido seio pulsava profundamente em amplas inspirações reveladoras de infinita magua. Essa dor discreta, que parecia haver-se concentrado nas pupillas angustiadas, reviveu nelle tão intenso amor que, dominando a acuidade da tortura, levou-o a supplicar, tomando-lhe as mãos:

— Não te agonies, Luisa, por favor. Não vês como estou fatigado?

— Sim, sim — repetia ella. — Mas, nem uma palavra carinhosa! Nem sequer me olhas...

Maximo, presa de grande ternura, acariciou-a vehementemente, beijando-a, e ella, mais calma, querendo prendel-o:

— Tomarás commigo uma chicara de chá, feita por mim...

— Está bem. — murmurou Maximo, a quem a imminente conjuncção do beijo despertara de novo o paroxismo, enquanto Luisa, baixinho, estreitando-o felinamente, amorosamente, murmurava:

— E por castigo da tua demora, condemno-te a assistir ao meu penteado...

E interpretando consentimento no silencio do marido, separou-se risonha, quasi alegre, sem reparar que elle torcia angustiosamente as mãos...

Sentou-se no sofá que a lampada de alta columna, velada por uma galante pantalha cor de ambar, deixava em meia penumbra. As fontes latejavam-lhe e mal sabia disfarçar a agitação. Tão expressivo era o silencio que se escutava o borbulhar da agua na chaleira posta sobre uma mesinha do centro.

Luisa, depois de avivar a luz, desembaraçou-se do roupão, enviando-lhe pelo espelho graciosos muchochos. Maximo sorria, mas esse riso espasmodico mais semelhava um rictus. E por menos que se esforçasse por não vel-a, espreitava-lhe todos os movimentos, avidamente. Viu, abalado por violentas palpitações, como desfazia o laço da gravata, como a sacudira para cahir no respaldo da cadeira e, ainda depois, escondida sob o corpinho e outras vestes, via-a sempre, flutuando acima de tudo, qual a tivera gravada na retina...

Uma interrogação da esposa despertou-o. Ella cobrira os hombros com um penteador de seda verde-malva, cujas mangas folgadas, orladas de galões de granadas, a cada movimento ascendente desnudavam os braços redondos até a sombra das axillas. Desatára os bellos cabellos castanhos que se espraíram, como onda calida e entumecida, pela espadua alçando a cintura e, em seguida, separou-os em duas madeixas fartas que seguiam as bordas do entreaberto penteador, inundando o seu alto seio agitado sob a cambraia transparente. Durante segundos, deliciou-se mirando-a assim aureolada por mil raros effeitos de luz. Sua cabelleira resaltava-se com dourados brilhos, em toda a gamma dos matizes, desde o pallido auriflavio ao sangrento bronze batido, sobre um fundo de cambiantes luminosas onde predominava o verde amarellado dos crysoberilos. E como a luz incidia lateralmente, seu rosto copiava-se no crystal meio esclarecido, meio sombreado, até o pescoço, cujas linhas esfumadas entre as circumdantes, adquiriam tão rara delicadeza que se julgaria fragil hastil sustendo uma flor do tropico, tecida de luz e sombra...

Incapaz de evital-o, Maximo já não despregava olhos dessa esguia garganta. Apparentava-se-lhe cingida por uma cinta azul, logo

após tornada violacea, rubra, de bordas nitidas como as de um nevus.

E sob o imperio dessa allucinação, onda sinistra de prazer corria-lhe pelas veias, irrigava-lhe o cerebro em cujo centro sentia um nucleo vagamente dolorido. Sêde agonica queimava-lhe o paladar, e os olhos, transbordando das orbitas, numa extrema tensão do olhar, doíam-lhe de quando em quando...

Já não lutava. Ao contrario, deixava-se possuir pelo desejo de opprimil-a. Do seu eu — quasi abolida a actividade psychica — restava apenas laivo de consciencia passiva, espectante. Quando mais o acirrava esse impeto cruel, imperioso como um instincto, gerava-se no seu espirito assombrosa agudeza, percebendo os mais intimos detalhes materiaes. Assim, de todo o corpo da esposa, sómente o pescoço fino e arredondado, attrahia-o com o poder de maligno feitiço de fascinação sensorial. Tão grande era a vehemencia de seu delirio que á simples idéa de apertar aquelle pescoço, transmittiam-se-lhe allucinações phisicas e se lhe crispavam as mãos em cujas palmas tinha a sensação antecipada do contacto.

Nesse momento, crendo Luisa que elle a contemplava por curiosidade, disse-lhe:

— Já podes olhar... Olha, conservo ainda um signal do teu descuido.

— De verdade? — inquiriu Maximo em voz abafada, no naufragio da razão, na obscura vertigem da irresponsabilidade. — Onde está?

— Olha aqui! — accrescentou a infeliz, approximando d'elle o pescoço, onde se percebia sobre a pelle lactea pequena mancha avermelhada, qual a deixada pela longa sucção dum beijo.

Maximo nada mais viu, nada mais sentiu, além da impressão de contacto nas palmas das mãos, cada vez mais intenso, num esforço consolador dos musculos contrahidos...

* * *

Imagine a senhora — indaguei, interrompendo a historia — todo o horror, a inaudita confusão de idéas e sentimentos que Luisa experimentou naquelle instante, vendo seu esposo, a quem estremecidamente amava, transfigurado, esganando-a sem piedade?

— Continue — respondeu minha interlocutora, depois de rapida pausa.

— Quando tornou a si, ainda conservava apertado o pescoço da sua joven companheira que, desta vez, apresentava com um collar cianotico. Louco de desespero, quiz reanimal-a mas a infeliz havia succumbido a um reflexo nervoso, antes mesmo que á asphyxia.

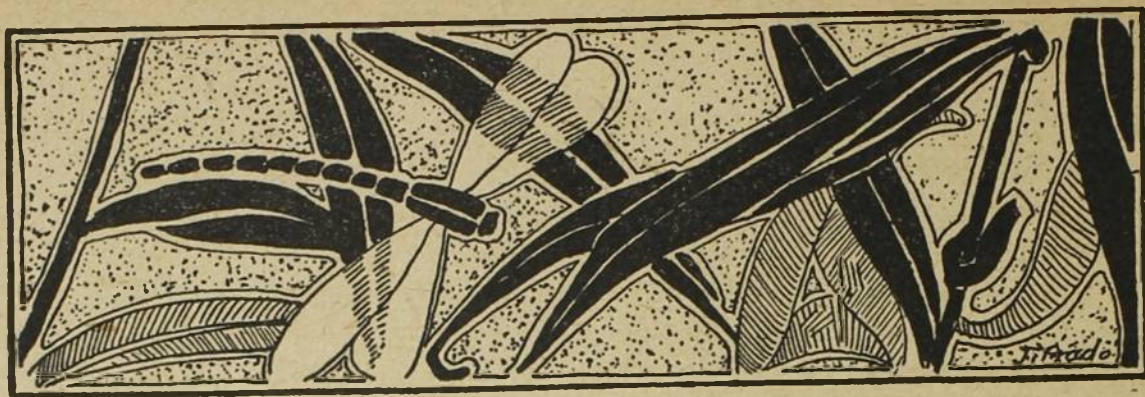
No seu rosto exangue, os grandes olhos parados, pupillas demasiado dilatadas, miravam-no opacos como dois astros extinctos... O resto é sabido. O desespero apressou a demencia precoce do pobre amigo... — conclui.

Ella nada ponderou. Com o olhar vago parecia seguir o vôo altanado do pensamento. De repente, estremecendo, balbuciou:

— Está mudando o tempo. Entremos.

Sob os nossos passos, enquanto nos afastavamos das arvores quietas, rangia a areia do caminho...





A METALLURGIA NO BRASIL E A USINA DE RIBEIRÃO PRETO

ELIAS PACHECO E CHAVES, neto

NÃO fosse o edificio da Metallurgica—um cazarão de zinco a se elevar num vasto chapadão coberto de capim gordura—nada nos indicaria termos deixado uma região essencialmente agricola: ao longe morros verde-escuros de café; a fachada tortuosa de uma estrada cor de terra cortando a encosta de um morro, e, á direita, o imponente aspecto de um trecho de matta.

“O minerio, explicava-nos o dr. Flavio Uchôa Filho, apontando do alto de uma abertura praticada em uma das paredes lateraes da usina para um edificio menor construido á sua esquerda, é para ahi transportado de nossa mina do Morro Pellado, em Minas, — e em breve este serviço será feito nas proprias linhas da Empresa — e em seguida por meio de um systema de cabos areos, introduzido directamente nos altos fornos, onde é fundido. O ferro liquido é carregado por essas caçambas — uma colossaes caçambas de seis toneladas cada uma — e despejado no conversor “Bessemer”, apparelho que no espaço de 20 minutos o transforma em aço. Aqui o aço é fundido em barras, e com essas pinças que os srs. estão vendo, suspensas a este trilho, ao longo do qual ellas correm, o operario submette as barras de aço a uma primeira operação de laminação. Aqui as barras incandescentes são novamente laminadas...” e ao ouvirmos as suas palavras, o problema da metallurgia, que no Brasil residiu durante tantos annos no dominio do sonho e da fantasia, nos apparecia de uma simplicidade infantil, si o tamanho massico dos machinismos de formas extranhas, si o trepidar da forja onde as pontes rolantes se moviam carregando

material, se milhares e milhares de ligações minuciosas de milhares e milhares de fios a se entrecruzarem, não nos assombrassem com o trabalho, a energia e a coragem necessarias para a realização de tal empreendimento. Essa capacidade de trabalho, essa coragem e essa energia teve-as o dr. Flavio Uchoa.

O grande obstaculo que até hoje impediu no Brasil o surto da industria metallurgica, foi sempre a falta de carvão. O alto forno electrico veio em parte remover essa difficuldade, não a removendo, porém, por completo: para cada tonelada de minerios que é fundida são ainda necessarios, para as devidas reacções chimicas, 200 kilos de carvão, seja elle mineral, vegetal, ou simplesmente coke. Ora, a solução deste problema reside em nosso paiz na plantação em grande escala de florestas de eucalyptos.

Os resultados obtidos pela Companhia Paulista em seus hortos florestaes são concludentes no que diz respeito aos lucros que pode auferir o agricultor que se lançar nesse ramo de cultura. A Empresa Metallurgica de Ribeirão Preto, em estudos que fez a respeito do fabrico do carvão vegetal, chegou ás seguintes conclusões: um alqueire de terra, e terras que não necessitam de primeira qualidade, pode produzir de seis em seis annos, 1.200 a 1.500 metros cubicos de lenha, que por sua vez, á razão de 150 kilos de carvão por metro cubico, darão 225 toneladas de carvão vegetal, ou sejam, ao preço corrente de 60 mil reis a tonelada, 13 contos e 500 mil reis.

O preço do custo de uma tonelada de carvão não deve ficar em mais de 30 mil reis, auferindo pois o productor um lucro de cerca de 1 conto de reis annual por alqueire de sua cultura. Além de ser a plantação do eucalyptos uma plantação altamente renumeratoria, e que não conhecerá as crises periodicas da super-produccção, pois o futuro da industria metallurgica no Brasil depende justamente do cultivo em grande escala do eucalyptos, tem essa cultura como consequencia a valorisação de extensões vastissimas do nosso territorio, hoje improductivas e sem valor.

A Suecia, pois que como o Brasil possui grandes jazidas de minerio, de igual composição chimica — ferro magnetite com 60 a 70 % de ferro obviou ao igual impecilho (a falta de carvão) que lá também encontrava a industria metallurgica, por um aproveitamento racional de suas florestas de pinheiro. Em 1917 a produccção de ferro da Suecia foi de 750.000, produzidas quasi exclusivamente pelo emprego de carvão vegetal, que, aliás, dá um producto muito superior ao que é obtido pelo uso do carvão mineral. Como o preço do carvão vegetal se elevasse constantemente, os metallurgistas suecos volveram as suas vistas para a energia electrica, procurando empregal-a na fundição do ferro, tornando exequivel o invento do capitão Bassano. Em 1917 já funcçionavam na Suecia 22 altos fornos electricos, produzindo 58 mil tone-

ladas de ferro guza. Em 1919 eram assentados mais 6 altos fornos electricos na Italia e 2 no Japão.

No aproveitamento de nossas colossaes reservas de energia electrica e na utilização de carvão vegetal para a redução chimica do ferro, e mesmo no emprego exclusivo do carvão de madeira, reside a solução verdadeiramente brasileira do problema da metallurgia, aquella que nos liberta da dependencia, sempre onerosa, do estrangeiro; e é na solução deste problema que vem empregando os seus esforços a Empresa Metallurgica de Ribeirão Preto. Essa empresa, com effeito, se utiliza do excesso de energia electrica de que pôde dispôr a Empresa de Força e Luz daquella cidade, e vae fazer uso exclusivamente de carvão vegetal na redução chimica do ferro, iniciando dentro em breve, para esse fim, a plantação de 4 milhões de pés de eucalyptos.

“No dia em que o Brasil, dizia-nos o dr. Antonio Uchôa, um dos directores daquella empresa — puder dispôr de carvão vegetal em grande quantidade, terá desaparecido entre nós o chamado problema de metallurgia, e o Brasil estará em condições de lutar com vantagem, nos proprios mercados estrangeiros, com os maiores productores de ferro do mundo. A abundancia de quedas d’agua, capazes de fornecer a energia electrica em quantidade simplesmente fabulosa, a riqueza do nosso minerio, que é dos mais ricos entre os conhecidos no mundo, pois minerios de 40 a 45 % de ferro já são considerados bons, o preço do carvão de madeira, que se costuma pagar a 60 mil reis a tonelada, quando os industriaes europeus chegam a pagar 150 mil reis por tonelada de coke, que é o producto que elles mais empregam para reduzir o ferro, tudo tende a fazer do producto brasileiro um producto baratissimo. A industria do ferro no Brasil se apresenta em condições vantajosissimas para o seu desenvolvimento, e está simplesmente á espera de iniciativas.”

Dez mezes são apenas decorridos do dia em que o presidente da Republica, indo especialmente a Ribeirão Preto, procedeu á classica cerimonia da collocação da primeira pedra, e hoje já se eleva um primeiro alto forno sobre o local onde então fôra depositada, com toda a solemnidade, a caixa em que haviam sido encerrados a acta e os discursos inauguraes, que, todos, prediziam a essa nascente industria os mais gloriosos destinos. A usina, hoje, já se apresenta prompta para funcionar; os materiaes esparsos, porém, aqui e além, diversos machinismos que ainda não estão montados, os ultimos retoques dispensados á construcção, dão-nos uma idéa do trabalho dispendido na montagem de tamanha instalação e assombram-nos pela rapidez com que foram executados.

A usina abrange uma área de 3.600 metros quadrados, e é toda construida de barras de aço cobertas de zinco, pesando a armação

mais de 450 toneladas. As paredes lateraes podem ser abertas, de conformidade com a direcção do vento ou a posição do sol, de maneira que o estabelecimento conserve uma temperatura fresca. Hoje já estão montados e promptos para entrar em funcionamento, dois laminadores, um de 16 e outro de 10 pollegadas, accionados cada um por um motor de 500 HP; dois fornos de reaquecimento para as barras de ferro, nos quaes são aproveitados os gases desprendidos pelos altos fornos electricos; um forno de refinamento, systema "Ludlum" com capacidade para seis toneladas diarias; dois conversores "Bessemer", de seis toneladas cada um, com um compressor accionado por um motor de 700 HP; dois altos fornos electricos systema "Electro Metals", produzindo cerca de 30 toneladas diarias de ferro guza. A Empresa deverá principiar a funcionar no correr do mez de Junho, fazendo uso para a fabricação de seus productos de minerio hematite de ferro, dando um rendimento de 65 a 67 % de ferro, equivalente a 93-96 % de $\text{Fe}^2 \text{O}^3$.

A Empresa Metallurgica de Ribeirão Preto deverá produzir, quando estiverem funcionando os seus 4 altos fornos, cerca de 120 toneladas de ferro guza por dia, ou sejam 43.800 toneladas por anno. E' ainda um principio, mas praticado em uma escala que permite ao industrial fazer face, com perspectiva de lucro, aos capitães enormes exigidos neste ramo de industria.

Sem abandonarmos o campo estricto dos dados economicos, não nos querendo levar pela imaginação, sempre propensa a visões grandiosas, nem querendo entrar em considerações politicas, que fazem da industria metallurgica a base das sociedades modernas e a garantia de sua independencia, podemos avaliar da importancia que a industria metallurgica virá a exercer na economia brasileira, por uma simples vista dada á enorme quantidade de objectos de ferro que o Brasil consome por anno. Sómente o porto de Santos importou o anno passado 218 mil contos de objectos de ferro! A ninguem escapará a verdadeira revolução que virá operar, em nossa balança commercial a suppressão deste genero de importação, tanto em relação á valorisação de nossa moeda, como aos novos horizontes commerciaes que nos surgirão á frente. A suppressão de um genero de importação obrigatoria produz, em relação ao cambio, o mesmo, que em relação ao trabalho, produzem os inventos de machinas que o substituem. O trabalho do homem em nada é diminuido no mundo permittindo apenas, taes inventos, que elle se dedique a outras occupações, mais elevadas ou mais rendosas. E' o progresso. A importação que em condições normaes deve sempre contrabalançar a exportação, em nada será diminuida pela suppressão de um genero de importação obrigatoria, dando ensejo somente a que sejam importados outros objectos não fabricados ou fabricaveis no paiz, e

egualmente necesarios a esta sociedade neste estadio superior de sua civilisação. Outra forma de progresso.

A importancia, porém, da industria metallurgica, que Cincinato Braga chamou a espinha dorsal de uma nação, faz com que não a possamos abandonar aos acasos, muitas vezes desastrosos, com que têm que lutar as iniciativas individuaes. Uma acção collectiva, que a ampare, quando necessario e a guie para o verdadeiro fim que a industria metallurgica tem que desempenhar em uma sociedade, que é o de lhe proporcionar os meios de defesa, sem o qual nenhum povo é verdadeiramente livre, é para qualquer nação a mais comeseinha medida de prudencia, assim como a mostra mais elementar de interesse pela sua prosperidade. De facto a industria metallurgica deve ser uma industria essencialmente nacional. Isto é, um povo não pode abandonar aos estrangeiros os factores mais importantes de sua força e riqueza sem abdicar ao mesmo tempo de uma parte de sua independencia, pois se despoja dos meios de defendel-a. Cada povo deve possuir em si os elementos creadores de sua grandeza, se não quizer ir augmentar a turba dessas agglomerações parasitarias de homens, muitas vezes aparentemente prosperas, que constituem as colonias e as zonas de influencias conhecidas pelo Direito Internacional. Isto o comprehenderam todos os paizes; e a Suecia, paiz que não dispunha de recursos tamanhos que lhe permittissem descuidar do assumpto, tomou a esse respeito medidas, que, creio, serão de interesse lembradas aqui.

Em 1747 fundou-se na Suecia uma associação a "Yern-Kontoret", que significa a "Associação dos Mestres de Forja", cujo fim a principio era o de levantar o preço do ferro. Poderíamos dizer uma especie de "Defesa de Ferro." Com o evoluir dos tempos e a implantação de melhores idéas economicas mudou-se o fim desta Associação, que se tornou, em parte uma instituição de credito, para auxiliar com emprestimos baratos a todos os industriaes do ferro e em parte uma superintendencia de todas as questões referentes á metallurgia na Suecia, procurando impedir que as suas enormes riquezas mineraes cahissem nas mãos do estrangeiro, ao mesmo tempo que procurava implantar em sua terra as praticas e os methodos mais adeantados de outros paizes. Em grande parte deve a Suecia a essa Associação os bellos resultados por ella obtidos em materia de metallurgia, e a industria do ferro lhe deve igualmente a invenção e as experiencias de que resultou o conversor "Bessemer", assim como os esforços que tornaram industrialmente applicaveis o alto forno electrico. Essa Associação, a cuja testa se acha hoje o proprio rei da Suecia, além de possuir innumerous bancos, clubs, etc., dispõe de um fundo de reserva de 12 milhões de corôas.

O sr. Epitacio Pessoa, auxiliando a Empreza Metallurgica de

Ribeirão Preto, traçou as linhas da politica que o governo terá que seguir em relação á industria do ferro em nosso paiz, e que é a de fazer emprestimos e outras concessões a companhias que com capitaes brasileiros se propuzerem a fundir e trabalhar o ferro. A essa politica intelligente e san deverá, quem sabe, um dia, o Brasil a circumstancia de possuir uma industria metallurgica, que seja, como deve ser uma industria essencialmente nacional.

São fallaciosas todas as propostas de empresas estrangeiras, que, pedindo concessões, exorbitantes, e em contrario aos interesses do paiz, como seja a importação de carvão de pedra com isenção de impostos, prteendem locupletar-se á nossa custa, ao mesmo tempo que nos menosprezam. Exportar minerio nosso para o estrangeiro é collocar-nos simplesmente em situação de colonia, de povos que por indefesos não podem se oppor á criminosa drenagem de suas riquezas.

São dois factores que determinam a prosperidade de um povo: a abundancia de riquezas que lhe proporcionem o bem estar, assim como as outras occupações mais elevadas do seu espirito, e a consciencia que tem de encontrar em si mesmo a força sufficiente para defender a sua civilização, que justamente o distingue, como personalidade consciente, da massa dos outros povos. E é sob este ponto de vista que a criação de uma industria metallurgica, que resolva este problema de conformidade com os interesses do Brasil, se liga ao maior problema nacional hoje em dia, que é o da formação do povo brasileiro.

O nacionalismo bem entendido comprehende que nesta formação deve entrar uma forte liga de iniciativas, de capitaes e mesmo de sangue estrangeiro; não se acham porém nessas condições empresas que em nosso paiz são como um prolongamento do seu, fazendo-nos a cada passo sentir a sua força e o seu poder.





AO REDOR DO MOINHO

LUIZ GONZAGA FLEURY

(Ao Dr. Ed. Navarro de Andrade)

NÃO attingissem as rumas dos saccos quasi ás telhas do moinho e, com essa noite mal dormida, o velho Bernardo não teria feito madrugar o giro da roda sob o jorro da setia.

No céu escuro, ainda não languesciam as estrellas; todo o campo estava sonorizado de tiples; e apenas, prenunciando o dealbar, longe e longe os gallos clarinavam.

Assim, quando acima da lombada da serra de S. Francisco, os primeiros listrões côr-de-rosa da manhan se tingiram de vivo sangue, orlando-se de ouro resplendente, e uma flecha de sol veio mudar num esparzimento de scintillas o gottejar da roda, já nos tres compartimentos da arca o fubá subia, alto e a montes, ao farto chovisco das peneiras.

Mas Bernardo, sentado em um sacco, gemia baixinho, a cabeça apoiada ás mãos e os dedos mettidos grifanhamente nos cabellos brancos, suaves como painas.

Tanta encommenda e elle p'r'ali doente!

Nos mancaes o eixo ringia secco. E Bernardo, erguendo-se com um "ai!":

— Filhos! filhos! Si eu não faço tudo! Calaceiro!

Mas, santo Deus, — Que significaria aquillo?

Estava ourado, via tudo derredor vermelho e corcoveante como si o moinho estivesse guinando sobre as ondas do mar... Doiam-lhe os miolos. Dir-se-ia que levára uma pancada no craneo! Tremia. E os joelhos abamboaram-se-lhe e elle desabou de bruços para o ladrilho, pesadamente, como um galho decepado de um só golpe.

A trepidação potente e afanosa da mó continuava estremecendo

a tremonha, onde o catéte descia, lentamente, qual massa de ambar no funil de um phyltro.

* * *

Pela manhã radiosa havia gemidos turturinos, rumores de asas, chilros, cacarejos e mugidos; e uma dulcíssima tranquillidade bucolica sobrepairava ao despertar refeito e jubiloso das cousas. Emtanto, Miguel, a physionomia soporosa, um lenço sarapantão no pescoço e a viola muda, como exausta, no sovaco, lá vinha descendo, aos traspés, pela mais larga das trilhas em que se multiplicava a estrada em ophiasis pelo outeiro.

Ouvia o ruge-ruge da azenha, que trabalhava lá baixo, na rechã, occulta ainda por um capãozinho de aroeiras. Sahira na vespera com o sol no occaso e voltava com os mesmos olhos e com sol no oriente.

A casa do moinho agora apparecia — linda! — alva e extatica sob o azul nitido do céu, em meio á fresca verdura do vargedo, com sua enorme roda negra girando ao chofrar espumoso da espadana d'agua. Semelhava, assim, um carro branco, ao qual estivesse atrelado um cavallo de que só se via a cauda branca — branca e tremula, como percorrida de cristações nervosas, mas carro que extranhamente não se deslocava ao movimento inutil da roda.

Pelo terreiro as gallinhas cirandavam, esgaravatando o chão; e, com a cabeça por cima da cancella, orelhas abicadas, a besta de tiro, reconhecendo Miguel, relinchava uma gargalhada, satisfeita, na esperanza do embornal de milho.

— Que diabo! Pois então até aquell'hora estava de bucho vasio?

E Miguel, praguejando contra o pae, praguejando contra as gallinhas, que, esfomeadas, o perseguiam, cercando-o, mettendo-se-lhe por entre as pernas cambaleantes, derrubando-o quasi, endireitou para o moinho.

— Eta cambada do inferno! Sae, peste! — disse ainda, já de dentro, tornando a fechar atrás de si a portinhola que abrira ao chegar.

Foi-lhe um choque o imprevisto do quadro que então se lhe antolhou: o pae por terra, de bôrco, com o rosto no meio do sangue, um braço retorcido sob o corpo, o outro em flexão para a cabeça e o paletó sungado, repuxado em violentas rugas.

— Um crime? Não, não era possivel. De certo uma congestão.

A custo ergueu o pobre velho nos braços, conduzindo-o como um fardo molle, com as pernas, um braço e a cabeça pendentes, a bôca aberta, uma brecha sangrante na testa, para a casa de morada, logo do outro lado, indo largal-o a fio comprido num catre.

E, toscanejando e bocejando, ficou a olhal-o sem resolução, estupidamente, sem mesmo perceber que o velho pae largava a alma com o suspiro derradeiro...

* * *

A' trepida luz fumegante do candieiro, pousado sobre a mesa, Alzira, toda entretida, fechava grossos cigarros de palha para o marido.

Ennoitava-se a rechã, gemendo cryptophonias melancolicas. Pela janella, franqueada aos almos sopros do exterior, via-se a lua, muito redonda, muito serena, lá sobre o perfil em sepia da serra, como algido resplendor velando o somno silencioso de um monstro; e ouviam-se, na surdina da distancia, mysteriosos, obstinados lamentos de "sem-fins." Fóra, no terreiro, á viola soluçante, Miguel esganiçava-se cantando ora uma modinha mellosa, ora algum lundú reboleante e lascivo.

— Nem com a morte do pae, não faz tres mezes, hein, João?
— disse a moça.

E' um traste! — respondeu-lhe do quarto contiguo o vozeirão do marido. — E' quem nos estraga a vida!

Alzira calou-se. Era bem verdade! Não fosse o typo do cunhado, pensava ella, e viveriam elles dois num mar de rosas... Miguel não tomava geito, era á tôa! Tinha-lhe medo até. João Pedro andava com elle até á garganta e não era difficil a qualquer momento estourar por ali alguma dos diabos entre os irmãos.

Mas a cantoria cessára, perderam-se na noite os ultimos zangarreios da viola e os passos brutaes de Miguel vieram batendo os tijolos do corredor, surdindo elle na sala com uma bocarra bocejante e a contorcer o corpo todo, braços espichados, num espreguiçamento ostensivo.

— Hoje, daqui vou p'r'os lençóes, co'os diabos!

Alzira, quieta.

Miguel estendeu a manopla magra, pilosa, encordoadá de veias, — como um frango confiado estende o bico para o prato de uma criança, — até a peneirinha onde Alzira ia deixando os cigarros promptos, pegou num delles, accendeu-o á chammazinha do candieiro e do meio das baforadas de fumaça, que revoluteavam no ar:

— O café.

— E' cedo, ainda não coei, — respondeu a cunhada.

Elle relanceou-a com a vista, por baixo dos sobr'olhos carregados, pondo-se a tamborilar com as unhas na mesa e a assobiar em cicio por entre os dentes, nervoso.

— Demora muito isso? — disse de repente.

A resposta veio do quarto:

— E' ás horas do costume, nem mais, nem menos.

Miguel revessou um palavrão crespo lá para dentro.

— Sabe que mais? — perguntou-lhe o irmão, cujo vulto espadúdo assonárá, enchendo a estreita porta do aposento; — estamos por aqui com você, por aqui, — dizia, pegando a pelle do pescoço.

E foi um não acaba mais, um entrecruzar, um mutuar arrepiador de injurias, de ameaças, ambos com as cordoveias do pescoço entumescidas de ira, olhos coruscantes, narinas dilatadas, beiços brancos e tremendo.

A rajada só a muito custo amainou, mercê das supplicas afflictas de Alzira, a quem, afinal, attendendo, calára-se João Pedro, entretanto que o outro se recolhia ao seu quarto, resmoneando um chorrilho infinito de desaforos, em torpiloquencia espantosa, furioso.

Furioso, mas sem café!

* * *

Assim sempre, desde que João Pedro com a mulher tinham vindo de mudança para ali, dias após a morte de Bernardo. Evidentemente, era impossivel continuarem a viver por aquelle feitio. Sentia-se o casal satisfeito por lá, ganhando o sustento com ensanchas não de desdenhar; mas, intruso, Miguel atravessava-se-lhes na felicidade como um espinho de macahubeira, pontudo e negro. Visceralmente arredio ao trabalho, não queria elle vender ao irmão a parte que tinha na chacara e no moinho, nem entrar em accôrdo nenhum; ademais, por ocasião da partilha mensal dos lucros, era um resingar que dava o dia, “que estava perdendo dinheiro, que isto e mais, aquillo”. Um inferno!

João Pedro lamentava-se á mulher, desesperado, vagamente pensando em advogados, mas repellindo logo a idéa, cedendo a um pavor de explorações dessa bôa gente, que visionava no resumo de um fraque cheio de algibeiras, até por baixo das asas, de um “pince-nez” de vidros coruscantes como olhos de ave de rapina, envolto tudo num prestigio de calhamaços repletos de leis embrulhadas, incompreensíveis, inextricáveis, como malhas insidiosas, com as quaes não valia a pena mexer um homem para não cair e enredar-se nellas como mosca em aranhol, cujo fim é ser sugada.

— Não! Tá solto! Essa gente do governo! Aqui mais aqui! — dizia com gestos de quem se benze, espichando um beijo de repulsão instinctiva. — Nem pintada!

Porque, para elle o advogado era um ente de massa diversa do commum dos mortaes, que “tinha parte” com o governo, assim pouco mais ou menos como um feiticeiro com o Tinhoso. Hão de convir em que, joeiradas essas graúdas ingenuidades de João, sem-

pre alguma cousa se poderá aproveitar profundamente característica de não parcas duzias de bachareis. Causa, aliás, natural, embora lamentavel. Nunca constou a ninguem que as cousas lamentaveis tenham, só por o serem, essencial incompatibilidade com o natural, e que os bachareis sejam só e tão somente a classe unica em cujo letrado seio medrem almas talhadas para a chicana, diabolicas, sáfaras em absoluto aos germens dos escrupulos, da ingenua bondade e da simplalhona honestidade. O mal não está nas bagas do louro, está no homem. Agora, que em sendo um homem refractario a tolas vozes do coração e a não menos simplorios preceitos de dignidade, dobrado de bacharel arguto e mettido no mar largo das contendias humanas, muito justamente deva ser considerado temibilissimo, de certo ninguem contestará. Bem pesadas estas cousas, portanto, João Pedro não estava de todo em todo divorciado do razoavel. Quem sabe lá em que palpos poderia vêr-se fisgado e mais o moinho?

Ora, o moinho era-lhe a fartura, era-lhe o orgulho: — a sua menina dos olhos, logo, era-lhe o moinho.

A prova é que:

— Pois porque não vende a sua parte, João? — perguntara-lhe a mulher, respondendo elle:

— Eu? Ih! Homem, por causa de tanta cousa! Você sabe, aqui neste quarto foi que eu vi pela primeira vez a luz do dia, e isto tudo me está dentro do coração. Depois, aqui se poderia ir ameaalhando alguns patacos no fundo do canastrão de couro. E sempre a gente é o João Pedro da Silva, dono do moinho, hein?

— Hein?! — ecoou Alzira, éco de duvida: — Dono?

João Pedro coçou a cabeça, resmungou incomprehensíveis palavras gemidas, naturalmente sentindo uma espetada do “espinho — Miguel.” Chegou-se para Alzira, entre pezaroso e satisfeito, fez-lhe um tagatezinho no queixo:

— E o principal é que você está outra! Mudou com esta vida, com estes ares, voltou ao que era no tempo de solteira... Gorda, corada, bonita, hein? Até me sinto de novo na lua de mel...

— Ah! enjoado! — disse ella, juntando o busto a um abraço, sorrindo um sorrizinho incoercivel de instinctos femininos agradados. — Por minha causa, não! Vive-se em qualquer parte, ganha-se em qualquer trabalho...

— Qual! Ali é que estavam bem, — dizia João. Na cidade ella vivia embolorando, mettida em casa balofa como “guarda-chuva-de-sapo”, amarella, molle-molle, retrahida que nem bicho de caramujo na casca... Havia de dar-se um geito ao Miguel... Ora se!... — Não ha mal que sempre dure... Só a morte é sem remedio, não é verdade?

* * *

Só a morte... A morte e muitas outras cousas menos tetricas, até muitas vezes engraçadas, como, por exemplo, a turra dos jumentos. E tivesse Miguel uma turra! De memoria de homem, não se conhecia por aquellas redondezas, pelo menos, jumento que o desbancasse. Como lá diziam, “empacava numa idéa e prompto”: crêr-se-ia que a idéa se lhe agarrava no cerebro com raizames farpados. — Sahir? Só com miolos e tudo.

Era o que pouco mais ou menos e amorphamente pensava João Pedro.

Ora, a idéa que desta vez viçava na cabeça de Miguel não era apenas uma simples turra: era idéa chave, que lhe dava nada menos que a solução definitiva do problema de sua vida. Tinha a sua parte na chacara e no moinho; a outra parte estava nas operosas mãos fraternas do João. Logo, como na sua logica não havia lagar para os argumentos de consciencia, era deixar, gandaiando, que o barco da vida deslissasse “macio que era uma gostosura”, com o irmão nos remos. Tudo estava em não vender nem a elle, nem a Paulo, Sancho ou Martinho, o que ali possuia. No mais, dar largas á sua fama e quem seria o idiota de comprar a parte do irmão?

Talvez Stuart Mill não raciocinasse melhor, si fôsse individuo da marca moral de Miguel e mais si, nas mesmas condições, desejasse viver como parasita. O positivo é que Miguel raciocinou á empirica, daquella maneira, porque só tinha na vida uma paixão — a viola; e um só ideal — durante a maioria dos dias, barriga para o ar, descanso; e quasi todas as noites, regabofes, cachaça, lundús, modinhas e mulheres.

Vida de vampiro: sugar o suor do irmão, fechar os olhos na cama quando o dia abria a sua pupilla de sol e abrir os olhos quando a pupilla do dia moribundo se trasmontava — para então sahir voando e cantando livremente atráz de amores...

— Poetico!

* * *

E o caso é que João Pedro, lutando, lutando sempre com elle luta inutil, pensando que venceria, sem sentir ia cedendo. Os proprios malhos se esbeçam de malhar.

Pacato por natureza, as discussões atormentavam João Pedro, tanto mais quanto assustavam a sua rôla, a sua Alzira, e começou a esbeçar muito e a responder pouco, o dia não tardando em que as discussões cessaram, porque não respondia nada... Tudo, então, principiou de andar em apparente calma e Miguel a refestelar-se

como ao tempo do velho pae, que, apesar de tudo, tinha um grande fraco por "aquelle mocetão" do seu filho, de cabelleira castanha "pinchada" p'ra trás, lenço atado no pescoço com as pontas tremendo ao vento e um geito destorcido de chegar sem muita conversa num "cabra."

Engordar, Miguel não engordava, pela simples razão de trazer magreza de berço; mas tinha musculos e cerne rijo e bôas côres, a não ser que fossem más com aquella apparencia: "que isso de ser homem tirante a vermelho," conforme assegurava uma velha do bairro, mezinheira, preparadora eximia de "refinados de carobinha", etc., e que era tida como oraculo em assumptos sanguineos, — "isso de ser tirante a vermelho um homem, nem sempre diz saúde..." Seja como fôr: Miguel não se queixava de suas forças, nem tão somente dellas, mas de cousa nenhuma. Apenas não tinha conseguido que a cunhada lhe desse café a horas que muito bem entendesse elle. Apenas. Mas era ella quem, "por conveniencia do serviço," o ia despertar, com sua doce vozinha, como a de uma avezita, para o almoço ou para o jantar, — fazendo por ser secca, mas com isso mesmo tendo um sal adoravel, — "porque era uma massada do diabo fazer prato:" era ella quem lhe varria o aposento e lh'o punha deliciosamente em ordem," porque não supportava porcarias dentro de sua casinha e tinha pavôr a percevejos!..."; era ella quem... Baste a amostra. O mais, o longo "tudo o mais", se pode inferir por esse breve principio de uma enumeração certamente fastidiosa, como pela só ponta do dedo minimo se pode avaliar a corpulencia de um gigante.

João Pedro e a mulher trabalhavam — Miguel panreava; João Pedro e a mulher ganhavam suando — Miguel gastava cantando; João Pedro e a mulher eram as formigas e Miguel uma cigarra, bem ou mal — acolhida... Haverá quem proteste contra a verosimilhança desta verdade observada. Não é de admirar. Deve existir mesmo por esse vasto mundo além muito topetudo capaz de negar a propria parasitologia. Pois si de um sujeito do "interior" se conta que não crê na existencia da Europa...

— Mas, "seu" Fulano; e os italianos, os allemães, os portuguezes, hespanhoes... donde é que vêm? — Ora! Pois de S. Paulo... Lá ha tantos!

A diuturnidade invariavel de uma sensação acaba relegando-a para o plano segundo da consciencia, quando não embotando-a. Por onde mostra a alma a grande analogia que tem ás vezes com o nariz; porque o nariz á força de respirar, franzido embora, um máu odor termina por ficar-lhe mais ou menos, senão de todo, insensivel, desfranzendo-se. A sensação do "espinho-Miguel," cessadas as discussões, passou decididamente para um canto vago e obscuro da consciencia das "formigas"; tanto assim que ellas já

estavam a pique de achar a vida suave, deslisante, numa serenidade de causar invejas, tal como geralmente um passageiro marítimo, depois dos primeiros engulhos e pragas começa a gostar dos balanços do navio sobre as ondas, como um gôrdo quarentão dos embalos de sua rêde sorocabana.

E, pela tarde, certo sabbado, estando João Pedro a descansar do seu dia muito asperamente trabalhado, todo elle porejando suor, — a que tresandava, jogado para cima de uns saccos, enquanto a mulher redopiava a vassoura pelo moinho, vendo elles a “cigarra” que sahia, fresca e bem posta em roupas recém-trocadas, com a viola encordoada de novo:

— Não tem notado como mudou? Já não resmunga, não arma barulhadas, hein, João? — disse a moça; ao que o marido respondeu victorioso:

— Pois si eu dizia... Só a morte não tem remedio! Olá, si eu fôsse burro de me metter com advogados, si eu vendesse aqui a minha parte...

— E é mesmo!

— E'...—disse João, já agora com muito menor expansibilidade, engasgadamente. Não era o asno tão rematado que não lobrigasse as realidades. Mas sahiu-lhe o “é”, ainda que frio, e não o retirou. Era, a muitos respeitos, conveniente deixal-o pairando no ambiente da sua vida familiar, como uma mentira prudente. Rebental-o como a uma bôlha de sabão no ar, seria implicitamente confessar por sua bôca, sem vantagem nenhuma e contra o seu amor proprio, que era elle o mudado, elle o vencido ridiculo, e que era uma besta de carga, bestissima, portanto.

Dahi, — quem sabe? — não estaria Alzira analogamente a representar como elle? Si ha tanta conveniencia, não raro, nesta vida, em fingir crêr com exterioridades no que intimamente não se crê...

* * *

São conjecturas provaveis, que pouco importam, pois com ou sem fingimento de parte de Alzira, entretanto, como em mutuo accôrdo tacito, ella, marido e cunhado, a curto praso, estavam vivendo em bello trio familiar harmonioso. Foi quando, sem muitas cerimoniaes, Miguel chegou-se ao irmão:

— Estive pensando numa cousa. Estou p'r'ahi com uma rapariga... Séria. Lá isso! Muito séria. A casa aqui é grande, com pouco dinheiro se pode dividir pelo meio.

— O quê! Ainda si fossem casados...

— Qual! Bobagens, historias... Lá casar, não me caso. Pode ser peor, você sabe. Casamento é assim uma especie de nó de sacy: não ha quem possa desatar. Trago-a. Vae-se experimentando.

Si as cousas por cá não derem certas, mando-a para outra freguezia. Fica-se livre.

— E'... mas...

Por todo protesto, João ficou no "mas" e em coçaduras de nuca, que é um modo como outro qualquer de dar derivativo aos nervos.

— Miguel era turrento: brigar ou ceder; dos males, o menor, — philosophou João. A Alzira apresentou-se elle com estas falas insinuantes, todo o rosto sob uma risonha mascara de satisfação:

— Olá, mulher, temos uma de espavento! O Miguel vae constituir familia e deixa-nos...

— Casar elle? Quem é a louca?

— Isto é, casar... não é bem isso, mas não quer dizer nada. E' o mesmo para nós. Arranjou uma mulher, deixa de viver em nossa casa... Que saia!

— Que vá e nos deixe!

— Que duvida!

E assim foi conduzindo as revelações, paulatinamente, envoltas em cautelosos e excitantes correctivos, hoje um avançozinho, outro avançozinho amanhã, até que Alzira estava concordando já em ter uma "concunhada", paredes-meias. A casa ficava pela metade, — si era mesmo grande demais! — pela metade os trabalhos de sua limpeza; não teria que "servir" o "typo" e, afinal, casado ou não, mas com uma mulher, era, de certo, de esperar que Miguel deixasse a completa vadiação e melhorasse.

E a casa foi dividida e Miguel trouxe de dentro do lado esquerdo do peito uma bonita Rosalina para dentro da metade direita da casa.

Os primeiros constrangimentos e repugnancias vencidos, muita agua não moveu a roda do moinho até que a vida ao redor d'elle reentrasse na normalidade corriqueira dos eixos.

Lucrámos mulher, dizia, então, João Pedro. Elles vivem p'ra lá, vivemos nós p'ra cá; no meio — uma parede de tijolos... Ora! E' como na cidade, onde se vive com visinhos, mesmo ruins, principalmente quando a gente é proprietario da casa unica em que se mora...

* * *

Continuariam as cousas nesse pé indefinidamente, si, apesar de ter "constituído familia" — para usar o euphemismo mimetico de João Pedro, não recahisse Miguel, em cheio, como recahi, idos celeres dois mezes, na vida de outr'ora, deixando a sua Rosalina ilhada nas noites, que ella povoava de suspiros de abandono...

De mistura com muitas queixas lacrimosas e com não menos azedos bate-bôcas, eram de vêr-se os requintes de habilidade femi-

nil, que ella, bakladamente, aliás, desenvolvia, imaginosa, na anhelante esperança de realfinetal-o ás barras tafues de sua saia de chita. Não houve suaves riscos que lhe não armasse com suavissimos endezes ninhegos; nem houve carmin, decote hiante, braços roliços, ridentes exposições estonteadoras de dentinhos brilhantes, pós de arroz e perfumes de mascate syrio, penteados novos com fitas pela testa, com flôres, ás vezes, que não ensaiasse e caricias e manhas e cuidados, para enternecer, excitar, attrahir e vencer o ingrato: effeitos, sempre produziam taes artes, mas tudo fogo da mais secca palha.

Rosalina desesperou. De quanto é capaz uma Rosalina quando desespera!

Um dia, enquanto durava o fogo á palha:

— Não posso continuar aqui, Miguelzinho; você me deixa p'r'ahi e seu irmão, não sei, mas parece que se engraça com a gente... Não é vida!

— O que é?! — disse Miguel, vivamente, empallidecendo, num choque de quem sente uma pontada no coração.

— Pois todo delambido, com palavrinhas, olhares...

Mentia, calumniava, por despeito, para accender em ciumes o coração ao companheiro e vêr si por esse modo o trazia ali vigilante ao seu lado, como um cão de guarda cioso. Nem só por isso, mas para preparar-lhe a animo de geito que um dia levasse a cizania ao seio do casal visinho, cuja felicidade honesta não supportava sem perversa inveja. Sobretudo odiava Alzira, porque apesar das suas palavras de boas querenças, sentia-lhe, com uma profunda ira, através dos dourados convencionaes, o gelo de desprezo que lhes morava no fundo. Vingar-se-ia della, vingar-se-ia de João Pedro, vingar-se-ia de Miguel, fazendo-os soffrer a todos.

— Ora... ora! Com que então o João...

— E' p'ra vêr...

Miguel arfava. Tinha pegado fogo o estopim.

E Rosalina, desde esse dia, começou a fazer-se encontradiça com João Pedro, silingornia com elle, procurando offerecer occasiões que quando menos armassem effeito.

Miguel espiava e sommava olhares, prosas, risos, mil pequeninos nadas innocentes do irmão, sem palavras, fechado numa mudez de cargas de nervos concentrados, a custo recalcados, roendo as unhas.

— O que eu quero é apanhal-o com a bôca na botija...

Safado! — disse uma vez a Rosalina.

Dois ou tres dias depois, pela tarde, tendo visto o irmão provocar prosa, rindo, com ella, que ensaboava uma colcha ao pé da roda do moinho:

— Que lhe estará dizendo o infame? E endireitando para elles:

— Muito bem, continuem... — disse, offegante e descorado, com as mãos vibrantes e um esgar mordente, sarcástico.

Num relance João comprehendeu que eram ciumes e mediu toda a gravidade da posição falsa em que se encontrava. Perplexo, empallidecendo, tartamudeou:

— Ué... ora essa... Que tolice...

E não teve tempo para qualquer explicação, recebendo um murro em plena cara. Atordoados, pelo choque, pelas dôres, dementados pela estupidez de tão insolita aggressão, João Pedro, cego de ira, atirou-se ao irmão feito um tigre em furia:

— Covarde!

— Bandido!

E agarrados um ao outro a plenos braços, numa luta de feras, arrancavam-se pedaços de rosto ás dentadas, cabellos aos punhados, carótidas pulsando entumescidas, olhares duros, fixos, rebrilhantes, dilatadas as narinas, peitos resfolgantes, e ambos com o sangue a escorrer para o pescoço, a gotejar, manchando as roupas.

Rosalina fugira aterrorisada, aos gritos de soccorro.

Alzira acudira, correndo.

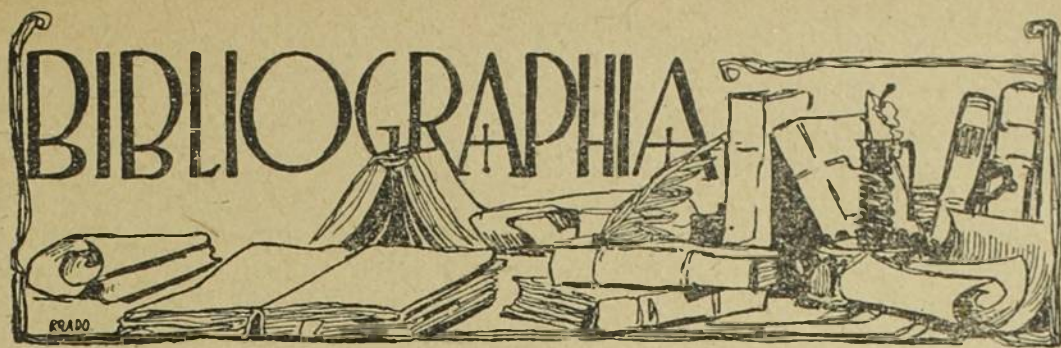
— Caem! Meu Deus!

Mas os dois irmãos, collados a peito como em xiphopagia de odio monstruoso, acabavam de rolar para o fundo do cabouco limoso, para o "inferno" onde girava a roda do moinho.

A roda, enorme e negra, sob o jorro branco da agua, entreparou, rangendo-lhe pêrro o eixo nos mancaes. Com um grito lancinante Alzira desmaiára. E a roda, numa descahida potente, vencido o obstaculo dos corpos que moêra, retomou sua marcha primitiva, rythmada, trepidante, gotejando scintilhas ao sól da tarde evanescente, que sobre ella incidia, de chapa, raios jaldes a flux.

.....
Não merecia, sem duvida, esse fim horroroso João Pedro.

Mas, por uma revoltante fatalidade, o seu corpo tinha sido o mais dilacerado pela roda... Fatalidade? Si elle era mesmo mais corpulento do que Miguel...



F. J. Oliveira Vianna — *PEQUENOS ESTUDOS DE PSYCOLOGIA SOCIAL* — Ed. Monteiro Lobato & Cia. — São Paulo — 1922.

Oliveira Vianna é o grande pensador nacional. A' luz do seu pensamento maleavel, percuciente, eminentemente philosophico, fecundam-se os problemas brasileiros, que já não podem ser estudados sem audiencia prévia do auctor de "Populações Meridionaes". Menos polemista, mais sereno, portanto, que Silvio Romero; menos sonhador que Alberto Torres, mais claro e mais realista que elle; menos poeta e mais sociologo que Euclides — a sua attitude mental é de perfeito equilibrio e orientação uniforme, ante as questões nacionaes. Entre os nossos intellectuaes, oradores, escriptores e estadistas, nunca, decerto, predominou tanto o espirito — no que elle tem de mais nobre, mais isento e mais fecundo — do que neste paciente experimentador, calmo, desapassionado, reflexivo e inspirado. Deante de grammaticos que ensinam o certo e o mais que certo; deante de historiadores que "provariam" mesmo, nova Ulysséa, o descobrimento de Lisboa por um brasileiro; deante de estadistas que apontam todos os males da nação e só sabem aggravá-los — é de vêr-se a serenidade do sociologo a apprehender as lições das coisas, a maleabilidade do philosopho no approximar os factos e a espiritualidade no desprehender-se da materia para as conclusões genericas.

Embora soltos, os estudos enfeixados neste volume formam um pequeno compendio de grandes ideias sociaes. Tres ou quatro capitulos, ao acaso da leitura, mostram como nelles se contem um systema de ensinamentos: "Degeneração apparente de character nacional", "Factores economicos de absenteismo eleitoral" e "O papel dos governos fortes no regimen presidencial". Lidos os tres, mais "O regente Feijó", complemento deste ultimo, exemplo e illustração do conceito de governo forte, só um cego deixará de ter a visão exacta do momento brasileiro.

O typo nacional é o do homem do campo, não passando de aldeias em ponto grande as nossas vinte e uma capitaes. Nada se perdeu das "fortes e sobrias virtudes dos nossos antepassados". A apparente degeneração do character nacional se resume numa nova tendencia das classes dirigentes para a concentração nas capitaes, soffrendo então uma crise intensa nos seus meios de subsistencia. O nosso mal não é o excesso de doutores, politicos e burocratas, mas a subversão operada nas relações dessas classes: o doutor e o politico que se consubstanciavam na personalidade do fazendeiro, conjugam-se hoje na do burocrata. Eis todo o mecanismo da degeneração do character nacional. Invertam-se essas relações, restabelecendo-se o antigo *statu quo* e todo o mal desaparecerá.

Pelas mesmas razões, no fundo, se explica o absenteismo eleitoral. Os trezentos annos da colonia não nos educaram para a democracia. O

imperio estabeleceu-a, de chofre. Mas, "a vivacidade do nosso espirito eleitoral" residia no instinto partidario dos grandes proprietarios do interior. Arruinados com a abolição e as crises subsequentes, extinctos os partidos tradicionaes, cessou o entusiasmo eleitoral dos caudilhos locais e, com elle, o das massas, que só os acompanhavam, sem nunca agir por si, democraticamente.

Está, pois, comprehendida a indole nacional e explicado o funcionamento politico do regimen.

Como funcionaria elle melhor? Com um governo forte... E Oliveira Vianna nos dá a verdadeira concepção de "governo forte": — a do magistrado superior a partidos, juiz de si mesmo e dos amigos, capaz de resistir-lhes, mais que aos adversarios. Feijó, ministro da Justiça e regente, é o grande typo do magistrado supremo, superior, de facto, ás facções, aos amigos, ás sugestões. Impessoalissimo, dissolve o exercito, policia o paiz, moralisa o funcionalismo, centraliza as provincias. E' o homem que molesta: dentro em pouco só tem inimigos. Propicia-se-lhe o golpe de Estado, mas o regente, que jurára sobre a Constituição, renuncia para não apostatar.

"O papel dos governos fortes no regimen presidencial" é o corpo de delicto mais perfeito, mais profundo e subtil destes trinta annos de Republica. Lê-lo é comprehender tudo, absolutamente tudo o que ha de humilhante, vergonhoso e indigno nesta machina complicada e mysteriosa de nossa Historia e que, assim entrevista, se reduz ás verdadeiras proporções da engenhoca a moer e remoer... para o "seu" compadre.

"Pequenos estudos" merecem bem mais que estas linhas de noticia.

J. A. Nogueira — SONHO DE GIGANTE — Ed. Monteiro Lobato & Cia. — S. Paulo — 1922.

"Sonho de Gigante" é uma obra seria de pensador, uma construcção solida de ideias num ambiente de

ideaes. Entre os livros que se têm publicado ultimamente no paiz, é um dos que mais hão de agir sobre a mentalidade nacional. Pela doutrina que explana, pela sua pureza e pela sua claridade, pelo fundo e pela forma, se destina a um grande exito.

E' que o auctor, que se assignala principalmente como escriptor de ideias, desenvolve o seu pensamento são e forte de verdadeiro doutrinador politico, de constructor e guia, com um "senso pratico" admiravel. Em terreno abstrato, distingue-se exactamente pela concretisação das ideias. Culto, de uma larga illustração, possuindo uma grande plasticidade mental, que só a cultura produz, dá sempre ao seu pensamento uma fôrma viva, palpavel, nitida, que lhe destaca todas as nuances e define todos os meandros. A arte da imagem, da figura, da illustração e da exemplificação, está, brilhantissima, em todas as paginas deste livro, como um desafio ao leitor mais avesso a abstrações.

E' a grande qualidade do estylo de J. A. Nogueira. Linguagem apurada mas simples e clara, não impressiona pela phrase, que desaparece, mas pela imagem que della resta e se nos grava na mente. O estudioso de philosophia, longe de obscurecer o espirito no dedalo das theorias e da technologia, voltou do meio dellas, como era forçoso, com o pensamento illuminado pela clareza, pela symetria e pelo vigor de materialisação. O espirito pedagogico, para não dizer philosophico, que tanta falta faz a alguns escriptores e que se manifesta na redução das ideias a figuras, a factos, a similes perfectos — o que é a unica maneira segura de conquistar o leitor — tem-no J. A. Nogueira no mais alto grau.

Como definir o ideal? Tomando a Goethe a allegoria do homem reduzido ás proporções de uma formiguinha, com todos os apanagios do homem, mas aspirando sempre á antiga estatura... Que é a consciencia collectiva? E', com Renan, uma especie de suffragio universal quoti-

diano. Como synthetisar as ideias antitheticas de patriotismo e cosmopolitismo? O capitulo allegorico "A ideia de Patria" responde: — os povos devem ser irmãos como as arvores cuja ramagem se confunde no alto, mas cujas raizes, mergulhadas na terra, lhes dão individualidade, força e vida. Dahi, a conclusão em "Patria e humanidade": a nossa Patria, que está mais no futuro que no passado se symbolisa no mytho de Babel invertido — a confraternização dos nossos elementos sociaes ao som do "mavioso cantico-dos-canticos de nossa lingua".

"Sonho do Gigante" é, assim, toda uma flóra maravilhosa de figuras e symbolos. As suas ideias vivem uma vida intensissima nas infinitas concretisações que as fazem extraordinariamente eloquentes.

João Ribeiro — NOTAS DE UM ESTUDANTE—Ed. Monteiro Lobato & Cia. — S. Paulo — 1922.

Os problemas de cultura, em sua variedade, dos mais graves aos menos ponderaveis, preocupam, todos, o sr. João Ribeiro, que é sem duvida um dos eruditos mais notaveis do paiz. A sua variadissima illustração, conduzida por uma curiosidade universal, visita, um por um todos os ramos do saber. A esthetica, a critica, a philosophia têm recebido d'elle numerosas contribuições, sempre cheias de interesse e originalidade.

A sua feição mental — si é possível caracterisal-a em escriptor de materia tão polymorpha — é a abstracção. São themas impessoaes de cultura, os seus.

Sob este ponto de vista, distingue-se, como de extremo a extremo, dos escriptores precedentes a que acabamos de nos referir. Do accentuado empirismo sociologico de Oliveira Vianna para o idealismo doutrinario de J. A. Nogueira vae uma distancia que, no fundo, a finalidade politica vence, reunindo um e outro como auctores que se completam, aquelle

estudando "coisas nacionaes" e este, justificando o estudo dellas. Theoria e pratica é o que significam os seus livros.

"Notas de um estudante", porém, é livro á parte das cogitações daquelles. Teria sido escripto no Brasil como na Europa ou onde quer que as coisas do pensamento preocupem os homens. E' obra de critica e de erudição, em que predomina a universalidade dos assumptos.

Com este, como com outros livros, o illustre sabedor realisa para si a torre de marfim, isolada, dos seus e de tudo o que o cerca. Assignala, com isso, uma longa evolução de espirito. De facto, o philologo, o historiador, o folclorista, que se desdobraram nelle, produzindo cada um algumas obras de accentuado valor, sobrepõem-se agora na mesma personalidade como em synthese.

Assim se explica a nova phase de actividade desse operoso e brilhante espirito a quem devemos "Notas de um estudante".

Assis Cintra — TIRADENTES PERANTE A HISTORIA — Ed. Irmãos Marrano — S. Paulo — 1922.

A proposito dos estudos de portuguez no Brasil, dissemos em nosso ultimo numero, nesta secção, que retrogradamos visivelmente, perdendo-nos em bysanthina minuciosidade, sem espirito, sem visão de conjuncto, em obras fragmentarias e dispersivas, reveladoras de um esforço desorientado e improficuo. Na Historia, o mesmo mal: — a dispersão, o criterio material do documento, o fanatismo da letra, a estreiteza do negativismo. A mesma falta de espirito, que diminue os grammaticos, apouca os historiadores. Assim como aquelles naufragam nun mar de citações classicas, estes desaparecem num amontoado de documentos.

O historiador deixou de historiar, na certeza de que a Historia está feita... nos archivos. Ora, o teste-

munho dos archivos para o historiador vale tanto como o dos phenomenos astronomicos para o astronomo. A vida sideral está ahi no espaço como a chronica dos povos está nos cartorios. E' preciso observá-la, descobri-la, estudá-la, deduzir-lhe as linhas geraes e apurar-lhe a essencia. Imagine-se, porém, que, em vez disso, o nosso astronomo se limitasse a "transcrever" no papel os factos da vida cosmica... Como Einstein teria chegado a renovar a concepção do universo? E a physica celeste é a mais positiva das sciencias...

Sciencia apenas conjectural, a Historia não pode restringir-se ao documento frio, secco, esteril. Cumpre julgar-o, interpretando-o, isto é, dando-lhe o devido valor perante a razão e o juizo critico. O testemunho mais cabal e peremptorio nem sempre é o que mais vale. A propria confissão de um crime póde ser nulla, perfeitamente nulla... A documentação historica, por si, não analysada, não estudada tambem pode valer absolutamente o que vale a confissão do réo.

E os nossos historiadores a affirmar, de pés juntos, com as "provas" na mão, as mais destemperadas "verdades" como essa da "covardia" de Tiradentes...

Decididamente, o trabalho do historiador não é o do escriba. E' função do pensamento e do engenho. Suppõe assimilação e criação. E' obra de arte e é sciencia. O resto é função tabelliôa de official juramentado, que faz fé mas não ajuiza.

A civilização e a cultura no Occidente chegaram a fins muito differentes.

"En Orient — disse Renan — rien que des compilateurs; ils juxtaposent. Ils devorent les documents antérieurs, ils ne les digèrent pas. Ce qu'ils devorent reste tout entier dans leur estomac: vous pouvez retirer les morceaux".

"Tiradentes perante a Historia" é um livro assim:—documentos amontoados e não digeridos, que permanecem intactos. Para o auctor, Tiradentes é covarde porque negou tres

vezes a conspiração. Tres vezes! — a prova alli está: é o proprio processo, em sua linguagem taxativa. Que negasse por lealdade á causa e aos companheiros, por politica ou por astucia, pouco importa a quem levantou a preciosa lebre da covardia do heróe. Que negasse por humana fraqueza mesmo, sacrificando-se depois gloriosamente, que importa?

O nosso historiador tem alli o seu codigosinho de honra, com todos os seus artigos, paragraphos, alincas. E' mais do que um codigo. E' um codigo reduzido a aparelho metrico de dignidade. Toma-se o freguez e colloca-se na machina de Procusto moderno... Tiradentes coube demais dentro della. Que fazer? E' simples: encher os claros com o Tiradentes "covarde"...

Mas porque não se prova que Silva Xavier morreu no anno da Independencia, afogado em Mar de Hespanha?

Estamos no anno do Centenario. Ainda é tempo.

Moacyr Chagas — CREPUSCULOS — Ed. Monteiro Lobato & Cia. — S. Paulo — 1922.

E' preciso conhecer Moacyr Chagas para bem comprehender-lhe os versos. Esse engenheiro que fala inglez, que se formou nos Estados Unidos e que exerce no Brasil a sua profissão, accumulando tão praticos misteres com o de cinzelador do verso e da rima, tem a voz sonora e possante do homem-acção, que se fez no campo, entre os grandes échos da solidão: é de Minas. Em sua pessoa, estatura meã, cabellos loiros — impressiona o falar, todo elle pulmões. Esta não é impressão de espectador.

Teve-a elle proprio, quando, menino, entendeu de pôr a colher torta nesse prato, que, parece, ainda lhe é vedado — a musica. Partiu para o Rio a educar a voz. Não educou nada nesse particular... Temperamento impulsivo, ás primeiras escaramuças entre os mestres sobre

o seu tonus vocal, creou birra á escala e á craveira. Era barytono? Era tenor?...

E veio ser parnasiano em poesia. Haverá nada mais natural? A theatralidade da opera não se contém, como no seu microcosmo, nas arcaduras largas do alexandrino? E as galas, os ouros, plumas e sedas, espadins, todo o scenario e toda a scena?

Si é expressão da escola a impassibilidade, eis aqui alguém que, com toda ella, não se pode dizer impassível. Ninguém, no emtanto, se sentiria melhor entre as pompas do parnasianismo, com seu feitiço hierático, o seu tom grave, os seus rufos heroicos. Vae-lhe muito bem tudo isso.

Renovação de um thema da escola eis aqui, com todos os caracteres:

Encrespa-se revôlta a phalange de espuma...

Escarva o bojo, amplia o dorso, enrija os flancos,

E, heraldica e brutal, eil-a que explode numa

Gloriosa irradiação de capacetes brancos!

Entumesce ainda mais, ora é serena, aos trancos

Contorna a escarpa, e hostil regouga e se avoluma,

Para, num prelio atroz, tombar aos solavancos,

Esfazendo-se em nevoa e perolas de espuma...

São as duas quadras do soneto "Symbolos", que, apesar do titulo e da natureza da ideia, bem se reconhece como herediano da gemma. Todo o livro tem ahí a sua medida: é uma obra una, da primeira á ultima pagina.

Depois do que fica dito, ocioso é salientar as qualidades de estylo do poeta — concisão, força, eloquencia — que desde logo se supõem.

Moacyr Chagas succede na Academia Mineira de Letras a Alfonsus de Guimaraens.

Renato Almeida — *FAUSTO*
(*Ensaio sobre o problema do ser*) — Ed. *Annuario do Brasil* — Rio — 1922.

"Não procureis comprehender o pensamento que me dictou esta obra, *O Fausto* é uma extravagancia..." — disse o proprio Goethe. Foi, dir-se-ia, uma incitação á critica, um convite á exegese. Não se tem feito outra coisa senão sondar esse insondavel do genio. O drama cujas scenas formam, cada uma de per si, "um todo completo, um quadro isolado, um mundo á parte" na phrase do auctor, continúa a attrahir "como um problema insolúvel."

De que não nos divorciamos do pensamento universal em consorcio em torno da criação goetheana, temos a prova pujante no livro de Renato Almeida — "*Fausto, ensaio sobre o problema do ser*". A excelsa "extravagancia" teve no escriptor patricio um estudioso apaixonado, que perlustrou a questão em todos os seus meandros, sem detença, sem desfallecimento, chegando a uma concepção propria do eterno thema. Para isso, não o assustou o cabedal de erudição que teve de adquirir e despender. O estudo, desde as origens e formação da lenda até a philosophia que se deprehende do poema, apresenta sempre grande interesse.

Uma ideia do que é o "*Ensaio sobre o problema do ser*" dá-nos Ronald de Carvalho, em prefacio, dizendo:

"Este livro é o espelho da inquieta adolescencia, que não se contenta com o amargo prazer da duvida, mas quer resolver-a pelo sentimento, já que o raciocinio é impotente e incapaz de vencel-a. "A felicidade não existe no homem que pensa; augmentando tua sciencia, augmentarás tua desgraca", exclama o sr. Renato Almeida, num dos capitulos mais profundos da sua obra. *Fausto*, sendo "o mais miseravel dos homens", não poderia deixar de ser o mais intelligente. Emquanto ouviu a voz enganadora da razão, foi in-

feliz, demonstra o pensador brasileiro. De nada lhe serviu divagar com os calculos da intelligencia. "Onde o homem puzer a intelligencia não terá amor mas só tortura..." Tudo lhe falhou. O céu das suas esperanças dia a dia se afastava; sómente o inferno das suas duvidas lhe refervia aos pés. O cumprimento do pacto parecia, pois, inevitavel. A labareda que o deveria consumir já lhe abrazava os desvãos reconditos de sua alma.

Fausto, porém, possuía a natureza dos heróes. Era contradictorio e impulsivo. As fórmulas e as regras não conseguiriam nunca prender o curso caprichoso da sua imaginação. A' semelhança dos heróes, elle creava as fórmulas e as regras que o momento exigia. Fausto salvou-se pela fé, observa com aguda penetração o sr. Renato Almeida. Pela fé no amor, na acção harmoniosa que dirige todas as coisas. Goethe percebeu, genialmente, que o mundo vive da luta entre o Eterno-Masculino e o Eterno-Feminino. Aquelle representa a força, este o Amor. Da combinação dos dois, nasce a fé. Ora, sendo Fausto o Sêr no que elle tem de mais alto e mais puro, só chegaria a Deus pelo equilibrio desses dois factores. Nem a simplicidade de Perceval, como apontou Wagner, nem a sabedoria da razão, como queria Fausto, seriam bastantes para resolver o problema. Aquella é mesquinha, porquanto só attingimos á perfeição pela dor; esta é vaidosa, e a vaidade é a mais orgulhosa expressão da duvida metaphysica, a vaidade de explicar sem comprehender.

Precisamos amar e crer para que não nos arraste o turbilhão das coisas...

A solução que o sr. Renato Almeida propõe para o "problema do sêr", redimindo Fausto pelo amor, além de consoladora, parece-me a mais verdadeira, a mais acorde com o pensamento de Goethe e com as irremediaveis contingencias do mundo. "A razão não é uma luz secca", disse Bacon, é mister que a lagrima

das coisas a fecunde para que o demonio da duvida não nos tente com as suas promessas...

Este livro admiravel é uma alta profissão de fé. Aquelle que nunca duvidou lhe atire a primeira pedra..."

Plinio Barreto — QUESTÕES CRIMINAES — Ed. "Estado de São Paulo" — São Paulo.

E' difficil tentar escrever, em rapido exame, sobre a individualidade de um jurista; quasi impossivel emittir conceitos que synthetizem, em poucas linhas, o valor de um jurista literato.

Jurista de largo descortino, de visão messianica, de senso invejavel; literato de purismo incontestavel, phraseado elegante, imaginação fecunda.

Tece a phrase com tanta elegancia quanta originalidade. Evoca Ingenieros, mas não se lhe póde taxar de emulo deste, mesmo porque a originalidade assombrosa de um, imitada por outro, deixaria de ser, neste, original.

E Plinio Barreto é original em tudo que escreve, quer na forma, quer no fundo, guardando sempre um modo muito seu de pensar e de exprimir-se.

E' dessas individualidades que se não confundem, bastando lel-o para saber-se logo quem escreve, mesmo que o seu nome não se denuncie. Suas sensações, sua observação, são muito suas; uma coragem de dizer o que pensa, sem amargurar, adorna os seus escriptos.

Conhecedor dos segredos do Direito, com uma logica apreciavel, escarpella os factos que estuda, com phrases elegantes, castiças de bom portuguez, sob uma elevação de vistas notavel.

Suas chronicas forenses são fontes de aprendizagem para os que cultivam o difficil problema do Direito: nellas ha como que albores de uma nova escola, cujas espiraes attingem porvir longinquo, em o

qual accentuar-se-ão as suas linhas particulares, ora sem nitidez pelo occaso, pelos ultimos raios crepusculares da escola antiga.

Illustra o seu pensamento, com arte, abrindo amplas janellas por onde penetram o ar e a luz que refrescam e alegram. E já o grande tribuno e escriptor notavel, Spurgeon, chamou á illustração, janellas que se rasgam no discurso falado ou escripto.

O nosso Tribunal tem nelle um critico competente, que aprecia resumindo os julgamentos, com criterio seguro; os leitores de suas chronicas são levados ao raciocinio pelo que escreve.

E o pensador que escreve ou fala, provocando o raciocinio, é o que mais agrada, deixando algo para o leitor ou ouvinte deduzir por si mesmo, seguindo a corrente do seu pensamento.

Os que trituram todo o trigo na mó do seu pensamento, pulverizam o assumpto, que, por isso mesmo esvoaça e nem sempre deixa residuos que o lembrem, de modo que se torna de bom aviso não moer... a paciencia do leitor.

E' o que evita, naturalmente, Plinio Barreto — moer o trigo todo. Escreve com a ampulheta á vista e não deixa passar o ultimo grão de areia; e sabe começar, tendo firmeza ao terminar. Isto é um segredo de escriptores de raça, bem como dos oradores, pois muitos ha que jamais encontram o porto de suas divagações para ancorar, boiando átôa, ao léo, cansando os seus ouvintes ou leitores, não achando nunca o momento de terminar o seu discurso.

Destes, temos a sabia lição do sachristão protestante, cujo ministro que discorria sobre a parábola do filho prodigo, já, por tres vezes, havia ido buscal-o dentre os porcos para trazel-o ao festim de recepção com que o pae alegrava a todos em sua plena alegria, e, não achava geito para terminar. Os fieis, uns após outros, sahiam, ficando a igreja vazia. O sachristão, depois de longo cochillo, vendo que ninguem mais

estava na igreja, e, o homem de Deus falava ainda, levou a chave e depondo-a sobre o pulpito disse-lhe:

— Quando acabar, feche a igreja e vá embora!

Plinio Barreto sabe escrever com um engenho lucido, fino, levemente sarcastico, com talento, com equilibrio notaveis.

Elle não reclama elogios, porque lel-o, gozar de sua logica sadia é tecer-lhe, para logo, francos e justos elogios na apreciação sincera, na grande admiração que elle nos causa.

Por vezes veste-se de austeridade como critico, mas a sua penna é jovial como o deve ser o seu temperamento e, d'ahi, trahe-lhe o diapação cathedratico para revelar-se chistosa, mesmo quando caustica.

Manuel F. Castero — LOS ACONTECIMIENTOS POLITICOS DE GUATEMALA — Nova York — 1922.

Neste folheto, de meia duzia de paginas, historiam-se succintamente os acontecimentos que agitaram ultimamente a politica da Guatemala. O A., após breves commentarios sobre a funcção da democracia na America, passa a informar dos succesos com que o general Orellana depoz o governador Herrera, dezoito mezes após a queda do dictador Estrada Cabrera.

Affonso A. de Freitas—QUEM DESCOBRIU OS DESPOJOS DE FEIJÓ—Typ. S. Lazaro—S. Paulo—1922.

A Veneravel Ordem Terceira de S. Francisco e o Instituto Historico de S. Paulo disputam as glorias da descoberta dos despojos de Diogo Feijó, realizada em 1918, no jazigo daquella corporação religiosa. O sr. Affonso A. de Freitas, neste folheto procura, com farta documentação, demonstrar a improcedencia das pretensões da Ordem, dando ao Instituto todas as honras do feito.

*Syndicato dos Agricultores de
Cacau — RELATORIO DA
DIRECTORIA—Imprensa Of-
ficial do Estado—Bahia—1922.*

Em mais de 150 paginas, colloca-se nos verdadeiros, dolorosos termos a situação da lavoura e industria caueira, esmagadas pela taxaço de mil impostos e pela concorrência de outros paizes productores. Foge, assim, ao commum dos relatorios commerciaes, pois apresenta interessante leitura.

*Francisco Lopes de Azevedo —
ESCRINIO — Casa Mayença
— S. Paulo — 1922.*

O A., que reside em São Bento do Sapucahy, longinqua villa de S. Paulo, encontrou acoroçadores de sua obra poetica, atirando por isso á publicidade esta plaquette. Taes incentivos não são immerecidos: de par com muita imperfeição, ha nos seus trabalhos, quasi todos sonetos, coisas apreciaveis, que fazem com que se possa esperar do A., obra de melhor acabamentoo.

*Paulo Brandão — ALMA AN-
TIGA — Editora Mineira —
Ouro Preto — 1922.*

Os versos que vêm reunidos neste volumesinho são geralmente bem cuidados, revelando o decidido pendor de quem os fez para a arte. São assim os sonetos bem como os versos livres, aos quaes, uns e outros, se dedica o auctor com o mesmo proveito.

Gustavo le Bon — PHILOSOPHIA POLITICA — Ed. Garnier — Rio — 1922.

Em bello volume encadernado, dá-nos a casa Garnier, do Rio, a traducção portugueza da "Philosophia politica", de Gustavo le Bon. Boa parte das obras do psychologo, do

sociologo e philosopho que esse grande nome reúne, já se encontra traduzida. Não admira, pois, que os editores escolhessem essa e não outra para a sua collecção, que é de desejar seja continuada, enriquecida dos estudos mais notaveis do mesmo auctor.

*Carlo Parlagreco — DIZIO-
NARIO PORTOGHESE-ITA-
LIANO E ITALIANO-POR-
TOGHESE — Ed. Antonio Va-
lardi — Milano.*

Conhecido jornalista que ha annos militou na imprensa do paiz, Carlo Parlagreco acaba de prestar um excellente serviço ao seu e ao nosso povo, publicando o Diccionario Portuguez-Italiano e Italiano-Portuguez que apparece editado pela casa Antonio Valardi, de Milão. A falta de uma obra no genero, capaz de preencher os seus fins, fica assim sanada, contando-se com mais um elemento de approximação entre os dois povos que ainda tanto têm que fazer unidos.

Dez annos de trabalhos, com a sobrecarga de grandes difficuldades, gastou o auctor — conta-nos elle — na organização do "Dizionario". Afinal, apresenta-nos um volume de mais de mil paginas, bem encadernado e bem impresso, contendo os termos em uso em ambos os idiomas, a parte historica e literaria, provincianismos, termos technicos, scientificos, juridicos, philosophicos, etc.

*Sebastião de Souza — SYRTES
— Typ. Athene — Bello Hori-
zonte — 1921.*

Cardos, poesia com que abre este volume, assim começa:

"Venho da escuridade igualitaria!
Sou filho da gelea primitiva,
Trago commigo a cellula embryonaria
Que ha de mover a forma redivida,
Dynamisada na materia varia..."

Será preciso pôr mais?

José C. Rodrigues Pinheiro — ANALYSE QUALITATIVA INORGANICA — Ed. Placido e Silva & Comp. Ltda. — Curityba.

Embora se trate da realização de um congresso de chimica por ocasião das festas do centenario, na Capital Federal, a verdade é que, em relação áquella sciencia, andamos de gatinhas.

Não possuímos revistas de Chimica, que nos ponham ao corrente dos progressos scientificos alcançados; não temos um estabelecimento official em que se ensine exclusivamente essa materia.

Por outro lado, afóra o que diz respeito a preparados pharmaceuticos, não possuímos industrias que se preocupem de Chimica. O que por ahi ha constitue verdadeira excepção, como é o caso da fabrica de productos chimicos "Luiz de Queiroz" e, por isso mesmo, não se cuida, nellas, da parte scientifica de Chimica, — cuida-se apenas do que já é sobejamente sabido e que se presta á exploração commercial immediata.

Dest'arte, sómente das escolas superiores e medias, onde se ministra o ensino de Chimica, é que poderíamos esperar elementos que nos robustecessem, pondo-nos em condições de andarmos de pé, firmes, sem vacilações.

E dissemos — poderíamos esperar, porquanto, infelizmente, não nos é concedido dizer, — podemos esperar. E' que as nossas escolas sofrem, no tocante á Chimica, de mal profundo. Além de que nellas o ensino de Chimica apparece nos programmas que não collimam a habilitação de chimicos, acontece que, amiude, não dispõem de laboratorios apropriados e que nunca contam com verbas largas que permitam um ensino pratico efficaz dessa disciplina. E desta falta de meios pecuniarios resulta, além do mais, um grande desamor pela Chimica por parte dos professores, que, não raro, são de competencia innegavel, fóra de qualquer discussão.

Por isso, não surgem, no Brasil, a não ser raramente, estudos sobre Chimica e não apparecem livros didacticos concernentes á alludida sciencia, como deveriam apparecer.

Ora, nestas condições, quando nos chega ás mãos uma brochura de duzentas e tantas paginas, como é a "Analyse Qualitativa Inorganica", da lavra do sr. José C. Rodrigues Pinheiro, lente cathedratico de Chimica analytica da Faculdade de Medicina e lente substituto da 4.^a secção da Faculdade de engenharia, no Paraná, somos obrigados a recebê-la com francas e vivas sympathias.

E assim a recebendo, procuramos com sinceridade corresponder ao apello do A. que espera, a critica imparcial indique "as omissões commettidas e as modificações a serem feitas em um trabalho com pretensão a didactico."

Primeiramente, notaremos que a terceira parte "Analyse por via humida" apresenta o "capitulo 1.^o e o 2.^o" traçados de accordo com o velho molde, hoje já completamente abandonado. Não se ensina mais Chimica analytica dando apenas os reactivos e descrevendo os caracteres physicos do precipitado ou colorações que se formam. Além disso, é indispensavel que se formulem as reacções que se dão, no tubo de ensaio. Exemplificamos: o acido chloroplatinico dá com os saes de potassio (salvo excepções) um precipitado amarello de chloro-platinato de potassio. H^2PtCl^6 e $2 KCl = K^2PtCl^6$ e $2 HCl$. O acido tartarico, nas mesmas condições, produz um precipitado branco crystalino de tartrato acido de potassio, com addição de acetato de sodio. $C^4H^6O^8$ e $KCl = C^4H^5O^8K$ e HCl . O HCl impede o apparecimento do precipitado, ou pelo menos o difficulta. Juntando-se CH^3-COON^a , este soffre a influencia do HCl , dando acido acetico e chlorureto de potassio. O acido acetico não impede nem retarda a formação do monotrato de potassio.

Com a formulação, damos uma ideia mais clara ao alumno das reacções que se verificam e, principal-

mente, o familiarizamos com a composição dos precipitados, de sorte que, quando se inicia o estudo de chimica quantitativa, já temos meio caminho andado. Um alumno, que vai dozar potassio pelo acido chloroplatinico, sabe de antemão que a formula do precipitado é $K^2Pt Cl^6$. Saberá também que tem $K Cl O^4$ quando preferir fazer a analyse quantitativa com acido perchlorico, $HClO^4$.

Deste exemplo, vê-se, perfeitamente, a vantagem da formulação no estudo de chimica analytica qualitativa. E ha mais ainda: sómente com auxilio de formulas podemos fazer o alumno comprehender a influencia da "Lei das massas". Sem esse auxilio, baquearemos, fatalmente. Haja vista a reacção do magnesio com ammoniaco, ou ammonia como prefere o A. Si não recorremos á formulação, cahimos em erro lamentavel, consoante aconteceu ao A., que diz: "Am-Prec. branco, incompleto, sol. nos saes ammoniacaes", fls. 117. Ora, hoje é perfeitamente sabido que a reacção que se dá com, verbi gratia, $MgCl^2$ e NH^4OH não é completa, em virtude da reversibilidade.

$MgCl^2$ e $2 NH^4OH$ reversivel
 $Mg(OH)^2$ e $2 NH^4Cl$.

A junção de chlorureto de ammonio provoca que a reacção se dê da direita para a esquerda e é por isso (effeito da lei das massas) que não se obtem precipitado de $Mg(OH)^2$ pelo ammoniaco, em presença de chlorureto de ammonio. Nada ahi ha que ver com a solubilidade do hydrato de magnesio nos saes de ammonio. Antigamente pensava-se que este hydrato se dissolvesse nos saes de ammonio, com formação até de

um complexo. Mas, hoje em dia, sabe-se que este modo de encarar o comportamento do hydrato de magnesio e saes de ammonio é erroneo e, portanto, já foi banido das Chemicas analyticas modernas.

Mas passemos para deante. Ainda na terceira parte, "capitulo 1", se nos depara um grave engano, — e tão grave que estamos a crer se trate de um erro de revisão, ou algum descuido deploravel. O A. que escreveu a bellissima e optima parte segunda, consagrada á analyse por via ignea, não poderia inserir, além de outros, o aluminio e o ferro, debaixo do sub-titulo "*Metaes tetratomicos*".

O aluminio é trivalente (ou triatomico se assim o quer designar o A.); o ferro é valencia variavel, funcionando como bi-trivalente. Coisa identica poderíamos ponderar a respeito do manganéz, chromo, cobalto, etc.

Será possivel que o A., de caso pensado, tivesse collocado esses metaes sob a designação de tetratomicos?

Parece-nos que não.

E é por isso que, em resumo, emittidos esta opinião a proposito da "Analyse Qualitativa Inorganica" do A.: sanado esse grave engano já apontado e illustradas as reacções caracteristicas com as formulas necessarias, seria ella aconselhavel para os alumnos que se dedicam ao estudo da materia.

Tal como está, só pode ser utilizada por quem conheça bem o assumpto, de sorte que aproveite o que ha de optimo na brochura e regeite o que, infelizmente, a prejudica fundamentalmente como livro didactico.

J. M. M.





JOHN CASPER BRANNER

Os Estados Unidos acabam de perder um dos seus homens de sciencia mais reputados e mais respeitaveis e o Brasil um dos seus amigos mais dedicados e mais desinteressados. Tivemos nos ultimos tempos uma tão longa lista de amigos interessados que na celebração dos nossos louvores encontraram rendosa seára, que é justo que aquelle predicao seja rememorado, ao evocar o nome do cavalheiro perfeito que foi nossa dita encontrar entre os que escolheram nosso paiz para campo dos seus estudos.

Branner era sulista e dos sulistas herdara esse temperamento affavel, essa distincção natural de maneiras, esse genio fidalgo que emprestaram tanto encanto á sociedade da secção do paiz onde florescia a escravidão, nos tempos anteriores á guerra de Secessão. A instituição servil dotara o character sulista, em alguns casos, de dureza para com os negros; em outros casos porém tal dureza era substituida por uma piedade que por sua vez tornava os escravos amigos dos senhores. Branner possuia demasiada bondade para não haver sido um negrophilo e agora mesmo, pouco antes de morrer, enfeixou em um volume os contos que lhe ficaram na memoria entre os que elle costumava ouvir na senzala, quando menino. Foi como que uma reversão á infancia, uma despedida da vida pela evocação de um trecho feliz do passado.

Sua vida foi feliz, porque elle sempre assim se sentiu a meio de uma incessante actividade scientifica. Estudava ainda na Universidade de Cornell quando foi pela

primeira vez ao Brasil na expedição do professor Hartt, um scienista eminente que a morte ceifou entre nós. Era seu companheiro Orville Derby, que ficou no Brasil e teve o triste fim que sabemos.

A amizade entre Branner e Derby prolongou-se por toda a vida, mas os seus characteres constituíam um contraste em certo sentido, porquanto em um predominava a feição optimista e em outro a feição pessimista. Ao vel-os, acudiam-me sempre á mente Democrito e Heraclito, philosophando diversamente sobre as coisas da vida. Não sei porém se Orville Derby foi de todo tempo assim ou se sua disposição de espirito se foi gradualmente azedando no Brasil pela falta de correspondencia com o meio. Elle teve entre nós admiradores e amigos, como foi por exemplo Eduardo Prado, e eu fui testemunha não só da gratidão experimentada por Derby pela memoria do amigo fallecido, como do carinho votado a dona Veridiana e retribuido pela illustre senhora. Junto fizemos uma visita á fazenda do Campo Alto.

Um homem grato não é um homem fundamentalmente pessimista. Derby era sobretudo um sensível e como tal se resentia dos agravos e mesmo dos esquecimentos. Elle queria que a geologia fosse tratada com consideração por toda a gente e que ninguém desfizesse ou mesmo prestasse á mineralogia menos attenção. Sua alma estava toda com os fosseis e com os minerios, como se para seu corpo houvesse transmigrado a de von Eschwege, e em um dado momento lhe foi em extremo doloroso o desprezo de que viu alvo sua repartição no Ministerio da Agricultura.

Branner não teve ensejo para quejandas

desillusões, mesmo porque nunca residiu no Brasil senão o tempo bastante para suas aliás longas viagens de estudos, e esteve muito menos em contacto com o pessoal do governo. Nessas viagens, em que percorreu grande parte do paiz, a cavallo, vestido de couro como sertanejo, adquiriu um perfeito conhecimento da lingua portugueza, que falava com uma saborosa inflexão caipira, e adquiriu tambem uma viva admiração pelos recursos naturaes do paiz e uma viva sympathia pela sua população do interior. Uma vez me disse que dos paizes de grande extensão era o Brasil o mais favorecido, o que menos trechos offerecia que se não pudessem aproveitar, que era mesmo todo aproveitavel, e que não acontecia com os Estados Unidos e a China.

Muitas foram suas idas ao Brasil e para este anno projectava a ultima. De uma das vezes, já estando á frente do departamento de geologia da Universidade de Stanford, da qual chegou a ser presidente e que é uma das grandes universidades americanas, fez-se acompanhar de um grupo dos seus alumnos e o resultado foi o bello livro sobre os recifes coraliferos da costa septentrional do Brasil.

O trabalho constante e maximo da sua vida scientifica com relação ao Brasil foi porém a feitura do seu mappa geologico, que lhe coube a boa sorte de ultimar e que associará para sempre o seu nome com o da terra que tanto prezou e que lhe deve perenne reconhecimento. Acompanha o mappa um tratado de geologia brasileira, não se cifrando comtudo nesta synthese scientifica a sua bibliographia, que comporta avultado numero de monographias e estudos especiaes de que Alfredo de Carvalho organisou uma relação.

Possuidor de uma grande bibliotheca de geologia e mineralogia, Branner formara tambem uma boa collecção de livros sobre o Brasil, scientificos e literarios, que era o seu passatempo predilecto. Conhecia bem nossos historiadores e nossos novelistas e entre os novos professava admiração por Gustavo Barroso, cuja "Terra de Sol" lhe parecia perfeita, e por Monteiro Lobato, que apellidou de nosso Mark Twain. Essa dupla bibliotheca foi por elle doada á da Universidade, mas antes lhe serviu a brasileira de fundamento á sua "Grammatica Portugueza" para uso de gente de

lingua ingleza. Branner não podia levar á paciencia que se confundissem hespanhol e portuguez e zelava como poucos os fóros do nosso idioma, cujas bellezas sentia e apregoava. Um dos seus ultimos trabalhos foi a traducção para inglez dos tres volumes de Alexandre Herculano sobre a introdução da Inquisição em Portugal.

No falar corrente, e não só na pronuncia como nas locuções, é que se revelava em todo seu sabor a proficiencia por elle adquirida do portuguez do nosso povo. "Isto é café de miseria", dizia elle um dia referindo-se a um café fraco que nos era servido. De outra vez, ainda não ha muitos mezes, escrevia-me elle que esperava restabelecer-se, na forma que entre nós se expressara um seu conhecido do sertão: "com algum pão e muita graça de Deus".

As viagens do dr. Branner ao Brasil sempre tiveram um fim socialmente utilitario, nunca pessoalmente lucrativo. Passou da primeira vez varios annos em trabalhos puramente geologicos, demorando-se até 1880; logo voltou, commissionedo por Edison, para procurar uma fibra vegetal que pudesse ser usada na sua lampada electrica incandescente, percorrendo nessa occasião mais de 25.000 milhas, das quaes parte na Republica Argentina; voltou em 1882, poucos mezes depois de regressar aos Estados Unidos, para investigar por encargo do governo americano as doenças do algodão, da canna, da laranja e outras plantas; em 1899 acompanhou a primeira expedição scientifica de Stanford ao Brasil e em 1911 outra expedição á foz do Amazonas para estudar os effeitos da grande massa de agua doce sobre o oceano, tendo entremettes, em 1907, realizado uma viagem de caracter geologico na Bahia, Alagoas e Sergipe. Seus livros e brochuras, quasi tudo versando sobre assumptos scientificos, sobem a mais de 300. Delle se pôde dizer com ampla justiça que viveu uma bella vida.

Washington, Março de 1922.

Oliveira Lima.
("O Estado de São Paulo").

BRASIL E ARGENTINA

O manifesto da mocidade argentina em favor do monumento a ser offerecido ao

Brasil, no centenario de sua emancipação politica, e que o sr. Benjamin de Garay teve a deferencia de me communicar, é um documento de alto alcance para a mais intima approximação das duas patrias vizinhas. Ainda não pude comprehender que vantagens de ordem moral ou economica obriguem certos "patriotas" a todo momento alimentar entre nós e a Argentina odios pequeninos e vis. Um cinematographo de quarta ou quinta ordem exhibe no Prata, um "film" em que se ridicularizam cousas de nossa terra? Logo os guardas vigilantes da dignidade nacional offendida se julgam no dever de a desaggravar solennemente. Um chantagista qualquer, desses que proliferam em toda a parte, escreve um folheto quasi anonymo aggressivo ao Brasil? Esperem na certa que no outro dia vem o troco, na mesma moeda ou peor. No entanto esses senhores muito de industria e de má fé esquecem de dar ao menos uma palavra de referencia quando por exemplo um homem como Zeballos banqueia os nossos artistas ou divulga as obras dos nossos escriptores; quando os grandes jornaes portenhos convidam os nossos publicistas a exporem livremente, de suas columnas, o seu pensamento sobre os problemas de ordem geral ou quando a juventude argentina num bello gesto de captivante cortezia appella para as elites e para as massas da nação nos seguintes termos que nos falam á alma:

"A mocidade argentina se considera autorizada a falar em nome dos seus direitos futuros e proclama e affirma, antecipando realmente a sancção do futuro na vinculação da Argentina com as nações da America e possuida destas idéas que traduzem fielmente os sentimentos da nação o Comité da Mocidade Argentina pró-monumento ao Brasil por ocasião do seu centenario, solicita o concurso popular com o objectivo de render uma homenagem ao povo irmão no primeiro centenario da sua independencia nacional obsequiando a sua Republica com um monumento symbolico que concretise na perpetuidade da brancura do marmore a certeza e a pureza da fraternal amizade da Argentina para com o Brasil".

Mas os "patriotas" preferem calar tudo isso, para pôr a bocca no mundo quando qualquer desclassificado nos atira com meia duzia de desaforos na cara. Ou então re-

pisam a velha historia da inimizade de Zeballos com Rio Branco como se as nações tivessem de guardar perennemente certos mal-entendidos que o tempo mesmo se encarrega de dissipar. Esses ingenuos não conhecem a historia universal e não veem que a Prussia que humilhou a Austria em Sadowva foi, é e será sempre a sua eterna alliada; que a Inglaterra que esmagou a França em Waterloo cooperou com ella no Marne; que a propria Allemanha seria alliada da França si a politica chauvinista não os houvesse separado, com o mais flagrante desconhecimento das necessidades economicas de ambos os paizes. Pois seriamos nós, que misturamos o nosso sangue com o dos argentinos no Paraguay, que temos quasi as mesmas origens, "avigorados por uma historia de harmonia e de uma amizade tradicional", que iriamos cultivar o odio a esse povo, só porque num dado momento de politica internacional Zeballos não via com bons olhos a actuação de Rio Branco ou vice-versa?! E' essa animosidade que os nossos Barrés em miniatura teimam em manter, como se os destinos de duas nações se pudessem medir pelo de dois homens!

O manifesto da mocidade argentina é uma demonstração de cordealidade que nos deve falar mais alto que as pequenas misérias dos partidarios da guerra, daqui e de lá, desses mesmos que seriam os "embusqués" de amanhã, quando por uma infelicidade um choque de armas fosse inevitavel.

O espirito americano, feito de paz e de sinceridade, não permittirá porem que esse crime se venha a commetter. Hoje não é mais a "intriga dos gabinetes secretos" que decide essas questões, principalmente no Novo Mundo. E não será a nós nem á Argentina que a guerra venha a aproveitar. Muito pelo contrario...

A. Fernandes.

("Diario de Pernambuco").

QUANDO JUPITER ENGASGA... —

— "E' tremenda a ira dos deuses"

(Homero)

— "Aquillo tudo estava mal feito. Era mistér uma reforma, completa e decisiva. Porém, para se transformar assim radical-

mente as coisas do Epiro,urgia apparecesse um reformador que ouvisse os deuses olympicos e delles furtasse a graça divina, a sonhada inspiração da verdade soberana.

Reunidos no magnifico templo de Delphos os mais conspicuos mortaes da Hellade gloriosa, a idéa foi discutida e analysada, sem que se chegasse a um accordo definitivo. Eis quando surge da multidão um joven humilde e obscuro, taciturno e reflectido que transpõe os portaes sagrados, proclamando aos discutidores egregios:

— “Pois, senhores, em demanda da verdade, por mais asperos que sejam os caminhos, por mais ingremes que sejam as alturas, por mais perigosas que sejam as jornadas, chegarei ao Olympo e defrontarei Jupiter, clamando pela Verdade.”

E partiu. Experimentou todas as vicissitudes e todos os soffrimentos. Cansado e exausto, alfim chegou ao Olympo. Os deuses banqueteavam-se. No centro, Jupiter poderoso dispensava os favores do seu sorriso aos amigos e serviçaes. Então, com espanto e perplexidade, o humilde e obscuro mortal delphiniano verificou que os deuses eram como as criaturas humanas, com as mesmas paixões e com as mesmas fraquezas. E, resolutio, dirigiu-se ao soberano da côrte olympica:

— ‘Senhor, aqui vim em nome dos mortaes, demandando uma idéa reformadora para a soberania da verdade na Hellade gloriosa. Attendei, pois.”

Jupiter, já empanturrado de ambrosias e nectares, arregalou o olho direito, emquanto o esquerdo, immovel e vitreo, parecia reflectir a inercia de sua consciencia no banquetear divino.

Solcito, Apollo levantou-se, emquanto Jupiter, com um calix deante dos labios, fixava o mortal.

E Apollo falou:

— “Delphiniano, não perturbeis a alegria das divindades, pois os deuses são vingativos. Ide em paz.”

O teimoso mortal não se conteve, e balbuciou:

— “Sim, descerei aos campos da Hellade, entristecido por encontrar um Jupiter ambrosiado e nectarizado, enchergando por um só olho, insensivel aos reclamos da Verdade.”

Então Jupiter, irado como o peor mortal, esquecido do poderio immenso de sua omnisciencia e omnipotencia, atirou para

dentro da boca o resto de nectar do seu calix magnifico, e quiz falar... Mas o liquido foi no gotto. Jupiter engasgou. E emquanto os deuses do Olympo mordiam os labios para não rir, o mortal humilde e obscuro desmandibulava-se na mais humana gargalhada. Podendo fulminar com um raio de sua divina intelligencia a insignificante creatura que o desafiara com o riso de sarcasmo, Jupiter, engasgado, botando pelas ventas nectar e ambrosia, baixou-se, enterrou as unhas nas rochas olympicas e dellas arrancou um punhado de calhãos, atirando-os, entre regougos de injurias, sobre o delphiniano sequioso de verdade.

Evandro, o delphiniano, fugiu, e proclamou aos mortaes:

— “Pois, senhores, encontrei um Jupiter com um olho só, soberano divino que, quando engasga, não maneja o raio, mas atira calhaos e injurias como os garotos das nossas praças.”

Abri os olhos. Rememorando essa historia “apocrypha”, que lera algures (em Aretino, parece-me), quasi dormi. Alguem me batera nos hombros, amistosamente. Trazia na mão o “Imparcial” de 4 de abril. Nelle, o illustre e eminente cathedratico de Historia do Collegio Pedro II respondia a um artigo meu. Li, reli e tresli o que o dr. João Ribeiro escrevera. E, confesso, immediatamente eu comparei o Jupiter da Academia de Letras do Brasil com o da Hellade, e os achei semelhantes, principalmente no engasgo...

Assis Cintra.

(“Trecho de um artigo publicado n’“O Jornal” do Rio”).

A CONFERENCIA MORAES BARROS

A Sociedade Nacional de Agricultura teve hontem um dos seus grandes dias: é que discorreu ali sobre os problemas actuaes da pecuaria nacional o Sr. Dr. Paulo de Moraes Barros, presidente e delegado da Sociedade Rural de São Paulo.

Ouvinte interessado da brilhante allocução desse animoso concidadão, guardei das suas palavras a mais viva e duradoura impressão. S. Ex. é dos que alliam á exposição documentada dos factos o arrojo e a ele-

gancia da palavra, de sorte que a monotonia que em geral acaba por cercar de enfado tantas conferencias desse genero, ali não se fez sentir, antes o enthusiasmo do orador a tudo e a todos se communicou, mantendo de principio ao fim o auditorio no mesmo interesse e na mesma afinação dos periodos iniciaes.

Pondo de parte, entretanto, a figura sympathica e dominadora do orador, muito ha que meditar na crise cuja gravidade accentuou, naquelle recinto, a todas as luzes.

Não é de agora que os criadores nacionaes reclamam um pouco da attenção governamental no sentido de se atalhar essa crise. Do Rio Grande do Sul, principalmente, as queixas têm-se succedido num tal crescendo que os menos interessados na sorte da producção brasileira ahi puzeram vista amiga, ansiosos pela solução que já não pôde ser procrastinada.

Mas a verdade é que, a despeito das iniciativas particulares e dos projectos submettidos ao estudo do Congresso, nada se fez ainda de efficaç e de serio no sentido do que pleiteia a pecuaria.

Emquanto as conferencias se succederam, emquanto os encarregados de zelar pelos interesses da sua classe vieram batendo ás portas do poder publico, fecharam-se quasi todos os frigorificos e o boi baixou de cento e trinta e de cento e cincoenta mil réis para oitenta, para sessenta e até para cincoenta mil réis!

Além dessa revelação que S. Ex. nos fez, após haver percorrido as zonas de criação de São Paulo, Rio Grande e Matto Grosso, outra, por igual interessante, impressionou fundamente quantos a escutaram: foi a dos excessivos impostos, e as taxas e tarifas que incidem sobre a rez no seu trajecto do sertão aos frigorificos, e, depois, destes até o embarque, para a exportação. Tributam os Estados, a União os Municipios; cobram tarifas absurdas as estradas de ferro. Em cerca de cincoenta mil réis orçam taes tributos sobre uma rez até o seu ponto de destino em São Paulo.

Por sua vez os frigorificos, que S. Ex. considera a base da nossa pecuaria, soffrem os vexames de uma incalculavel oppressão fiscal, de tal sorte que sómente os quatro de São Paulo, trabalhando annualmente com metade da sua capacidade de producção.

isto é, abatendo apenas seiscentos mil bois, devem pagar de tributos quantia superior a vinte e dois mil contos.

Foi mais longe ainda nas suas revelações o illustre presidente da Sociedade Rural Brasileira. Disse que as nossas carnes congeladas são classificadas nos mercados inglezes como de terceira e quarta qualidades, encerrando a sua exposição da situação actual da pecuaria nacional com a declaração de que os preços alcançados pelo nosso producto na Europa no maximo logram os que obtem em nosso mercado interno!

Não se precisa de mais para reconhecer que a crise é real e assoberbante. Ninguém dirá, diante do exposto, que os criadores estejam a formular queixas desarrazoadas. Toda a gente sensata e amante do Brasil, por cujos destinos se empenha, proclama agora que a producção brasileira, num dos seus principaes fundamentos, a industria das carnes, atravessa a peor das situações.

Como bem salientou o orador, duas ordens de cousas concorreram para estas aperturas: as nacionaes, que synthetizamos nestas linhas, e as europeas, que se podem resumir na espantosa reconstituição dos rebanhos nos paizes criadores da Europa, após a guerra, e no abarrotamento dos depositos por carnes congeladas americanas, bastando para exemplo desta ultima o facto de se acharem no Tamisa, desde o termino da grande conflagração, nove enormes cargueiros peçados de carnes conservadas dos E. Unidos, á espera de preço que ao menos lhe compense as despesas do transporte e da estadia.

Que remedio aponta S. Ex. para essa perspectiva de catastrophe? Pede um regimen de tolerancia para os frigorificos. A seu ver, é nos frigorificos que repousa a principal solução deste problema. Sem a assistencia carinhosa do governo aos frigorificos, não vê o Dr. Moraes Barros saída para a crise. Não é que elle seja um derrotista, no que tange á pecuaria. Antes acredita e proclama que a crise talvez não dure mais de quatro annos, tanto assim que concita os criadores a melhorarem as condições do seu gado, de molde a obtermos mais confortadora classificação nos mercados da Europa. A solução immediata, porém, está no frigorifico.

Ao contrario pensa o Sr. Miranda Jordão, para quem a solução está no credito.

Seja, todavia, qual fôr a medida a adop-

tar, o certo é que ella já não pode ser adiada. Nada impede, mesmo, que se tomem as duas medidas alvitadas: a de beneficiar os frigoríficos, para que voltem a exercer a sua benefica actividade industrial, e a de impulsionar o credito agrario, especialmente o pecuario, nas zonas de maior criação do paiz.

O assumpto está em fóco. Elle já saiu das fronteiras dos estados criadores para se unificar numa acção conjunta e decisiva nesta capital. O governo vae auscultar melhor aquellas necessidades. O Congresso vae ouvir de viva voz os grandes "leaders" da nossa industria pastoril. Mas é preciso que a imprensa, apoiada na opinião publica, tome nos braços a sorte desta grande industria periclitante, para leval-a até as alturas do poder, donde baixará com a victoria, que não será apenas de um pugilo de homens, mas da propria nação que tem na pecuaria um dos mais fortes esteios da sua grandeza.

Lemos Britto

("D" "O Imparcial," do Rio.)

MAIS TRES NOTAS

Por motivos cuja explicação já condescendi em dar a mim mesmo, desembaço de trabalho muito ultimado, sobrescriptando-as á imprensa. "Mais Tres Notas". Referem-se ellas a assumptos que a proximidade do Centenario da Independencia actualisou, e, supponho, não perturbarão a consciencia e as convicções de quantos leitores preferirem, para a verdade da historia, a realidade dos factos.

* * *

"Nota B — Os Andradas receberam o Brasil colonia; entregaram-no emancipado. São censurados pelo que fizeram; pelo que não fizeram foram galardoados os seus successores. Governaram dezoito mezes; dezoito annos, quasi, permaneceram no poder os seus adversarios.

Verdade seja que jamais tiveram, em S. Paulo especialmente, perduravel popularidade. A altivez de sua pobreza honrada, e a insistente recusa de titulos nobiliarchicos, foram sempre casos de divergencia entre a effectividade do seu merito e a média da opinião. Demais: para os embaços de sua carreira politica, frisa com

acerto Joaquim Nabuco, bastante concorreram suas conhecidas tendencias abolicionistas. Outro estorvo, ainda, num paiz influenciado pela escravaria: bondozos no governo, enrgicos na opposição, não podiam os Andradas ser populares no Brasil.

Mais uma dissimilhança entre os Andradas e o meio nacional: o esmero no cultivo da gratidão. Do pai que o exilára, acceitou José Bonifacio a tutoria gratuita dos filhos; a Caldeira Brant, commanditario da dissolução da Constituinte em 1823, indicou em 1829 para ministro da Fazenda; e, nos estertores da agonia, interrompia-os, tendo para a visita de Pedro Labatut o sorriso resuscitador da velha amizade: que, no animo estrebuchante do Patriarcha, dominava queixas e offensas, resentimentos e retruques, a grata lembrança dos serviços prestados á causa da Independencia. Mesmo em Joaquim Gonçalves Ledo mais via elle o auxiliar dos primeiros dias do que o traidor de Outubro de 1822.

Ha em 1838-40, nos discursos de Martim Francisco, topicos de significativo abrandamento ás maguas de Feijó decahido. Na, em parte publicada, correspondencia do ex-regente com Antonio Carlos, é visível quanto ás honestas difficuldades do antigo contendor não foi insensível o coração do patriota."

* * *

"Nota H — A's recentes exhibições da ignorancia contra os Andradas duas perfidias se juntaram: a substituição da prova por fragmentos de antigos debates politicos, e a suppressão de factos, quando favoraveis aos accusados.

A ôca sentença de Evaristo da Veiga "despotas no governo e demagogos na opposição" ainda ninguem poude roborar com a lista dos actos despoticos, nem com a indicação de pensamentos, palavras e obras de demagogia andradina. Capitulo da "Formação Constitucional do Brasil" — livro em que Agenor de Roure inferiorisou, pela imparcialidade indagadora e talentosa, os escriptores que o precederam no assumpto, — analysando os trinta e cinco numeros do "Tamoyo" — o jornal dos Andradas que forneceu ao capitalismo portuguez e aos seus adhesistas nacionaes o melhor pretexto á dissolução da Assembléa Constituinte, — demonstra não haver nelles phrase, palavra sequer, insultuosa ao

poder publico, ou mesmo prejudicial ás instituições.

Chamada a concretisar libello, a calumnia emmudece. Exorbitante de persistencia, é esse silencio a balda convencional dos incompetentes. Peçam-lhes que elucidem o papel de Gonçalves Ledo em 1829, quando denunciado e fortemente accusado o ministro Oliveira Alvares; instem pela publicação dos endeusados artigos de Evaristo da Veiga: inutil! Persistem calados. Calados como todos os dolorosos submisos ao despotismo. Calados como todos os flexiveis, que não podem ser o que os Andradas sempre foram: governistas no governo, opposicionistas na opposição.

Na campanha emprehendida pela ignorancia em exercicio de má fé e á cata de notoriedade, para demittir José Bonifacio de Patriarcha da Independencia, um dos recentes manejos consiste em attribuir a companheiros e ajudantes do velho santista uma preeminencia que, nem á guisa de suspeita, lhes entrara nas cogitações. Certo, um homem só não poderia ter feito uma revolução; promover, porém, seus cooperadores a directores é assaltar a historia com sem cerimonia identica á daquelles que, exilados os Andradas, assaltaram o Thesouro. Aceitas e sommadas ás suas intenções as suas invencionices, chegaríamos ao seguinte resultado: com excepção dos Andradas, todos trabalharam pela Independencia."

* * *

"Nota I — Não sou andradista. Nunca o fui. A admiração que tenho por esse triumvirato fascinante de merito, e unificador nacional a despeito dos obstaculos aqui e alem-mar accumulados, não me perturba a tranquillidade da critica, nem me veda a convicção de que mais teriam os Andradas acertado impedindo, em Abril de 1821, a retirada de d. João VI. Portugal que se separasse de nós. Proclamasse a sua terceira independencia, ou se unificasse á Espanha.

"Tiraram-nos o melhor dos reis", queixava-se o "Manifesto ás Nações", redigido por Martim Francisco e revisado por José Bonifacio e Gonçalves Ledo, todos em harmonia nas columnas do "Apostolado". Mas porque o deixaram partir? Porque, se o povo lhe chorou o afastamento? Porque, se dous mezes antes, Fevereiro, que

o filho partisse para a metropole, claramente patenteára d. João VI a vontade de ficar no Brasil?

E não se vá procurar uma replica nas circumstancias em que se achava a familia. Antonio Carlos já estava solto. José Bonifacio, este, fôra lembrado pelo monarcha para reitor de projectada Universidade. E, quanto a Martim Francisco, conhecida lhe era a capacidade administrativa do Bragança, pois com elle conferenciára ainda em 1816 sobre o apparelhamento da capitania do Ceará e (boato da época) tivera seu nome preferido para Conselho da Regencia quando, certo de inutilizado o espectro bonapartista em S. Helena, pela primeira vez cogitou d. João VI de sua possivel retirada para a outra banda do Atlantico.

Porque não se atiraram os Andradas á scena politica um anno antes? Esse, o seu erro. Não o houvessem praticado, e quanto valeria hoje o Brasil nas vicissitudes da Republica Occidental!

* * *

Não sei na historia tres irmãos tão intimos, tão alheitados, completando-se tão bem! Da competencia quasi encyclopedica do mais velho como que fizeram constantemente parte, na acção nacional, o talento brilhante do segundo e a intelligencia firme do terceiro.

Nascidos na mesma villa, inseparaveis na vida publica e amicissimos na particular, unidos no patriotismo e na gloria, na opposição e no poder, no exilio e na patria; eguaes na pobreza e na honradez, na generosidade e no estudo: só a morte os poud separar. Os Andradas... Injuriados ainda hoje? Mas lembrados sempre: que é assim, na justiça da historia, a sina dos invejados e a punição dos invejosos."

S. Paulo — 1920.

Martim Francisco.

("Jornal do Brasil").

O CONVESCOTE

A alguns, a paixão torna gagos; a muitos, poetas; a quasi todos, sandeus; de um homem sei que, ao vêr um bello rosto, espirra inevitavelmente; de sorte

que, sendo a doença a mesma, os symptomas variam.

Nenhuma singularidade, porém, como a do rotundo Anselmo, empregado do fisco; a este, qualquer reboliço interior de ordem amantetica (sentia-os frequentemente), dava-lhe para suar, e, se o reboliço era grande, diluía-se em bicas de suor. E, no entanto, havia lá suas razões matrimoniaes para que se abtivesse de taes transudações e fosse comportado, accrescendo ainda a multipla responsabilidade com que o sobrecarregavam os quarenta annos, a prole numerosa e as funções publicas de fiscal municipal. Tres cangalhas num só lombo! Por isso, Anselmo, a bem dizer, era uma tropa resumida num homem.

* * *

Como começou seu pendor pela viuva dos olhos garços, não sei eu. Ou esse azul-céo engastado em dois lindos olhos seria por si uma razão sufficiente para original-o. O facto é que se tornou notado seu cahido pelo honestissima d. Elsa. Desleixava as funções fiscaes, olhava a lua suspirando e com as suas orelhas de dimensões fóra do vulgar já apurava o sentido das phrases que as estrellas se dizem umas ás outras, para entreterem o tédio de sua eterna ociosidade no infinito azul, como bisbilhotices que de janella para janella se trocam vizinhas desoccupadas, a matar o tempo.

Uma das phrases elle a traduzira assim:

— Que lindos olhos os de d. Elsa!

E outra:

— Que encantador sorriso o de dona Elsa!

E outras do mesmo teór, como se a pessoa della fosse o unico assumpto digno das palestras da terra e do céu.

* * *

Ora, essa paixão contrariava e escandalizava a d. Elsa, que procurava modo (que tambem fosse castigo) de reenviar á trilha do bom senso aquelle coação desgovernado.

Azou-se-lhe ensejo num "pic-nic" em que ambos tomaram parte.

O sitio escolhido foi um bosque de altas e copadas arvores.

Omitto a descripção de particularidades. Não direi dos incidentes communs a essa especie de diversão: uma vacca a investir com o farrancho, moridellas de insectos, o sol a derreter o "maquilage" das damas e a comichar nas costas dos homens, a agua impresentavel, os ramos que não se ageitam a armar-se uma rêde. etc. Como disse, são males que affectam a todos os convescotes. Direi sómente que, quando o acaso emparelhava Elsa e a consorte de Anselmo, sentia-se o fiscal extremamente perturbado. Raro, porém, as reunia o acaso, porque Anselmo o auxiliava a distancial-as o mais possivel, de modo que só o perfil gracioso da viuva occupasse de continuo seu campo visual.

Direi ainda que, certo momento, no alto da mais alta arvore do bosque, avistaram uma orchidéa florescente em lindo cacho de ouro.

Vendo-o, lembrou-se Elsa das palavras que lhe dissera Anselmo aquelle dia, as mais atrevidas de quantas até então lhe sussurrara:

— Eu desejaria adivinhar seus menores desejos, para satisfazel-os.

Onde haveria lido elle semelhante phrase? Certo, de seu bestunto não brotára, com a espontaneidade com que viça uma flôr num prado. Aquella flôr nascera em prado alheio e para o seu: que era um carrascal maninho, fóra transplantada com torrão.

Vendo a orchidéa a redourar lá nas alturas, como uma pequena constellação de sóesinhos de ouro, Elsa voltou-se para Anselmo e disse:

— Que lindas flôres! Se o senhor fosse gentil, iria buscal-as.

Era a reiteração do episodio da dama da luva e do cavalheiro de Lorges.

Anselmo, de olhar a arvore, esfriou: tinha um tronco erecto e igual, como um fuste de columna; duvidou de suas forças; mas Elsa insistia, fitando-lhe uns olhos tão lindamente brejeiros, que sem mais hesitar, se abraçou com o tronco, asseverando:

— Terá as flôres que deseja, d. Elsa.

Invocando seus antigos talentos de garoto trepador de pitangueiras, Anselmo conseguiria vencer a difficilima prova, embora as suas muitas arrobas de banha e responsabilidade lhe tornassem os musculos menos ageis e resistentes. Mal,

porém, deu os primeiros arrancos para cima, uma idéa importuna começou a beliscar-lhe o espirito. Dizia para si que a impressão que dá de sua pessoa um namorado a trepar numa arvore, não seria das mais lisonjeiras e que a um olhar que se volta para o alto, a ver alguém que grimpa, se desenrola uma perspectiva anatomica apta a render corações. Por pouco não pediu a d. Elsa e ás mais pessoas que lhe ficavam vizinhas: "Não olhem para cima, que me acanho!" Reflectiu, porém, que tal pedido seria risivel e contraproducente. E, resignando-se, foi, aos arquejos, subindo.

A estranheza e a violencia daquelle esporto em pouco o extenuaram.

Quando ainda se achava a meio pão, enxergando a orchidéa lá nas alturas inatingiveis, começou a sentir na pelle um prurido subtil, acompanhado de ferroadas de demasiado ardor. Attentando bem, viu que eram formigas, cuja laboriosa faina elle estorvava. Alto a baixo naquelle tronco ia um carreiro dellas, de sorte que, no lugar em que Anselmo tinha o corpo, se fazia, no alludido carreiro, solução de continuidade. Perdido o seu trilho habitual, pela interposição daquelle corpo estranho, as formigas atarantavam-se, sem comprehensão exacta do que acontecia; e, nessa confusão, espalhavam-se atrapalhadamente pelo obstaculo, mettendo-se-lhe pelo tunnel dos punhos, por dentro do collarinho suarento, pernas para acima, costas a baixo, com excursões pela barriga, emfim, de tal modo tontinhas, em faina de não querer chegar atrasadas, que é provavel nunca mais atinassem com o bom caminho.

E Anselmo, esbugalhando os olhos terrificados, via o carreiro preto que descia descontinuadamente das altitudes a que havia ainda de subir: uma caravana de atarefados serêsinhos, uns arcando sob a carga immensa para seu corpinho reduzido, outras de ferrões abertos, sem carga, como em funções municipaes, a fiscalizar apenas, promptas a lavrar, ao modo fórmico seus autos de multa contra os Anselmos perturbadores do transito. Era a pena de Talião applicada ali, ás ferroadas, no energico fiscal que tantas vezes ferretoára o inerme contribuinte.

Com aquelles seus olhos tornados enormes, Anselmo, que nem por sombra sabia existir uma coisa chamada zoologia, ad-

quiriu nesse dia, sobre os insectos, um cabedal de conhecimentos sufficientes para passar em exame da materia, se lhe cahisse esse ponto. Pela primeira vez em sua vida, attentava para a existencia dos pequenos sêres, ficando conhecendo traços geraes de seu habitos de trabalho, expedientes de defesa e processos de ataque.

Nesse dia não se illustrou apenas com esses dados sobre o costume das formigas; no seu subir travou conhecimento com umas lagartinhas felpudas, de instincto sociavel, que viviam em colonias populosas, e cujo contacto com a pelle levanta nesta uma brotoeja ardida, de aspecto e "ardume" variavel, conforme a parte do corpo affectada.

Ao chegar na zona mais povoada pelas mesmas, que era, pelos modos, uma especie de capital da tribu, teve Anselmo que fazer uma gymnastica perigosa. Entrevendo ao fundo um abysmo, teve de largar do pão com uma das mãos, para atirar longe, aos piparotes, um a um, os membros innumeraveis da colonia.

Transposta esta zona, com alguns esforços mais poude ter ao alcance da mão o desejado cacho aureo.

O que foi a volta não é mistér por menorizar. Sobre ella poder-se-ia dizer a Anselmo, como de afamado outeiro "que era melhor de descer que de subir".

Em um parenthese desapropositado seja-me licito glosar a calinada camoneana deste lanço, pois em todos os tempos, desde que ha gravidade, os outeiros foram sempre melhores de descer que de subir, a menos que occorresse a reviravolta celebrada nestes graciosos versos de Belmiro Braga:

"Quando subo a encosta agreste
Para vêr-te, em ancias morrendo,
E' tão penosa a descida,
O' vida de minha vida!
E' tão suave a subida,
Que eu penso que estou descendo.

Mas quando volto saudoso
Desse teu olhar infindo,
E' tão penosa a descida
O' vida de minha vida!
E' tão penosa a descida,
Que eu penso que estou... subindo."

Reatando o fio da narrativa: Anselmo desceu rapido, triumphante, tendo na mão

o lindo cacho de ouro.

Pisando o chão, caminhou sorridente para o vulto feminino que o guardava ao pé da arvore. Mas oh, que horror! esse vulto era o de sua propria esposa, que sorria satanicamente.

Não se sabe por que artes foi feita essa substituição nem o que entre os dois se passou ali, no ermo, ao pé daquela arvore, nem a historia registra o desfecho do "pic-nic"; note-se apenas que data desse dia a regeneração definitiva do fiscal Anselmo, que desde então sempre se mostra chefe de familia exemplarissimo e incorruptivel zelador de Fazenda Publica.

Godofredo Rangel.

("O Dia").

DICCIONARIO DE MORAES

De uma chronica do sr. João Ribeiro:

"Um dos grandes numeros literarios da festa centennial da independencia do Brasil vae ser a edição photographica do — "Diccionario de Moraes" — agora emprehendida por Laudelino Freire.

Foi escolhida a segunda edição que é a melhor do imperecivel monumento que na especie, desde Filinto Elisio a Ruy Barbosa e Candido de Figueiredo, é considerado o thesouro mas precioso da lingua commun, a tentativa mais bem ordenada das lições de autoridade da linguagem classica.

Todos os grandes conhecedores da lingua, Adolpho Coelho, Gonçalves Viana, Leite de Vasconcellos, Castilho e Camillo, reconheceram em tempos diversos a opulencia e o cabedal de grande obra de Moraes tão desgraçadamente deturpada em edições ineptas e imperfeitas.

Restituil-a á sua grandeza propria foi a tarefa que com grande sacrificio Laudelino Freire desinteressadamente se impoz e vae conseguindo com exito absoluto nesta reedição que é mais um serviço, que começa e levará a cabo o editor da — "Revista da Lingua portuguesa".

Organisado ha mais de um seculo, o diccionario do nosso compatriota nada perdeu do seu grande prestigio oracular. Um seculo, porém, na vida da linguagem é um enorme lapso que não podia passar na immobibilidade.

Assim é que Laudelino Freire nos promette ainda um volume supplementar de accrescimos e correções, que venham justificar as necessidades de actualização do grande monumento lexicographico que deve ficar separadamente intangivel e immutavel na sua imagem grandiosa e primitiva.

O tentamen que é já uma realidade constitue um dos magnificos serviços prestados á nossa patria e aos seus interesses intellectuaes, pois que esse Moraes primitivo que resurge agora é uma das raridades do bibliographia contemporanea.

Poucos teem a boa fortuna de possuir um exemplar do livro que vae ser vulgarizado em "fac-simile" photographico em milhares de copias.

Temos á vista os dois primeiros fasciculos que pela nitidez e belleza de execução material dispensam qualquer elogio."

GRAND GUIGNOL

ACTO UNICO

SCENARIO. — *A peça contigua a um salão de baile. Durante toda a representação, ouve-se a orchestra.*

PERSONAGENS. — *Um medico e um senhor de casaca.*

O SENHOR DE CASACA — Tenha a bondade, doutor; entre para aqui.

O MEDICO, *entrando* — Demorei-me um pouco. A ambulancia havia sahido para socorrer a victima de um accidente, na rua do Cattete. Mas, ainda assim, espero que não tenha chegado tarde.

O SENHOR DE CASACA — Sim, não chegou tarde. Sente-se, por favor. Explico-lhe o caso em poucas palavras. O doutor não ignora o que são as festas de familia. Um homem da minha situação não póde deixar a sua casa fechada, no dia em que ha uma data intima a commemorar. Não é que estas reuniões me agradem ao temperamento. Bem ao contrario, sou um typo de gabinete. Gosto de afundar-me no estudo, isolado. O silencio é o grande gerador das descobertas do homem. Tenho, entretanto, deveres sociaes a cumprir. No dia em que me afastasse da sociedade, todas as minhas concepções e todo o meu trabalho de gabinete ficariam sem o menor

valor. O doutor sabe que Einstein, o proprio Einstein, precisou de viajar para que o mundo começasse a comprehender a relatividade de todas as coisas. E Einstein, querendo provar ao mundo que o tempo não existe, perdeu um tempo consideravel em conferencias e banquetes. Certo, não é este o meu caso; mas o facto de me ser indispensavel um baile em casa, afim de que a sociedade conheça o valor das minhas descobertas, mostra que o tempo, na realidade, não existe, pelo menos, para os meus convidados. (*Puxando a charuteira*). O doutor aceita um charuto?

O MEDICO — Obrigado. Sou contrario ao fumo.

O SENHOR DE CASACA — Eu, tambem, não acho que haja um grande bem para a humanidade no gesto ridiculo de collocar entre os beijos estes objectos. Um homem, porém, que não sabe accender um charuto, depois do jantar, arrisca-se a ser tido como de educação incompleta. O charuto é, além disso, o pretexto para que, nas reuniões de sociedade, se passe a uma sala especial, em que as damas não são admittidas e onde livremente se pôde falar das ditas damas e dos negocios que ellas não devem comprehender.

O MEDICO — Mas, meu caro senhor, por maior que seja o encanto de sua palestra, permitta-me lembrar-lhe que vim a esta casa, acompanhado de uma ambulancia da Assistencia para socorrer um enfermo. Parece-me que, se no entender de Einstein o tempo não existe, como affirmou ha pouco, para esse pobre afflicto os minutos são preciosos. Leve-me ao aposento em que elle se encontra e conversaremos mais tarde.

O SENHOR DE CASACA — Eu bem imaginava que o doutor não me deixaria contar o incidente aqui occorrido. Os medicos têm uma concepção errada do mundo. Elles entendem que o seu dever é contrariar a morte, como se esta não fosse uma função necessaria á propria harmonia da vida. A existencia do homem sobre a terra não se completa sem a morte.

O MEDICO — Ora, temos conversado, meu amigo. Não vim á sua casa para ouvir paradoxos.

O SENHOR DE CASACA — Não é paradoxo a verdade. O Antigo Testamento fala-nos do diluvio universal, expediente engenhoso que Deus encontrou para resolver o pro-

blema do excesso de homens sobre a face da terra. O doutor não ignora que, naquelle tempo, os varões chegavam a duzentos, quatrocentos, quinhentos, seiscentos, oitocentos annos. O mundo era uma coisa monotona e insipida, sem o contraste das edades. O diluvio liquidou tudo e a humanidade tornou-se mais interessante, pelo facto dos homens viverem muito menos tempo. A morte é, assim, uma função de equilibrio da vida. Aos sessenta, aos setenta, aos oitenta annos, o homem já desempenhou o papel que lhe cabia e deve retirar-se, para o céu ou para o inferno. Essa retirada costuma verificar-se entre lagrimas e no meio de solemnidades lugubres. Seria muito mais logico e mais humano que a fizéssemos acompanhar de demonstrações claras de alegria, porque ella só prova que toda a belleza da vida está na renovação dos homens. O medico, no seu proposito de disputar os homens á morte, é um factor de desordem. A morte é a valvula de segurança que mantém o mundo suspenso no espaço. Não lhe tolhamos o trabalho intelligente, na sua colheita quotidiana.

O MEDICO — Pois, meu caro amigo, applicarei esses principios no dia em que vier á sua cabeceira. Por emquanto, o que sei é que tenho de socorrer um enfermo, em sua casa. Peço que me leve ao logar onde se acha o doente.

(*A orchestra, num som brejeiro de cordas de violino, rompe, na peça vizinha, os compassos de uma dança sensual*).

O SENHOR DE CASACA — E' um maxixe, o "Vamos acabar com isto", precisamente o que o seu enfermo, como o chama, mandou tocar na hora em que teve o desfallecimento.

O MEDICO — Trata-se, então, de uma syncope?

O SENHOR DE CASACA — Melhor do que isso: um colapso.

O MEDICO — Um colapso! e o senhor detém-me a explicar a sua estranha theoria da morte, quando ha entre estas paredes alguem nesse estado?

O SENHOR DE CASACA — Paciencia, meu caro doutor, paciencia... Como pôde um medico providenciar, numa conjuntura qual a presente, sem conhecer os antecedentes da crise? O caso passou-se da maneira como vou referir-lhe. O meu convidado era um

dos mais alegres da festa; era ainda um dos que mais dansavam. Elle mesmo, em pessoa, ia ao chefe da orchestra e indicava os trechos de musica a serem executados. De uma feita, pediu o maxixe "Vamos acabar com isto". Parecia advinhar...

O MEDICO — Como assim?

O SENHOR DE CASACA — Já vi que percebeu. O dansarino deu ainda algumas voltas no salão e de repente, como se escorregasse na cêra, deixou-se abater sobre a sua dama, que, espavorida, não o susteve. Fui eu que o amparei, levando-o nos meus braços para a bibliotheca, no porão da casa. Tranquillizei os outros convidados, communicando-lhes que o que havia era uma ligeira indisposição e que ia chamar a Assistencia. O baile continuou, como vê.

O MEDICO — Mas, se houve um colapso, o soccorro precisa ser immediato.

O SENHOR DE CASACA — Não, não precisa. O ataque foi fulminante. Quando o agarrei, no salão, o musculo central da vida já parára... O cadaver está lá em baixo.

O MEDICO — Nesse caso, porque pediu o soccorro?

O SENHOR DE CASACA — Para confirmar o que eu declarára aos outros convidados. O doutor vae passar pela porta do jardim. Dois homens de minha confiança transportarão o cadaver de um modo especial, mantendo-o em sentido vertical, para que as pessoas que dansam no salão vejam que entra na ambulancia apenas um enfermo, carregado, é certo, mas ainda com forças para suste-se de pé. Desse modo, o baile não será interrompido.

O MEDICO, precipitando-se pela porta do jardim. — E' horrivel!

O SENHOR DE CASACA, accendendo a charuto — E' a vida.

Costa Rego.

("Correio da Manhã")

NOTAS DE UM ESTUDANTE

Escreve no "Imparcial" o sr. João Ribeiro:

"Uma vez, ha tempos, a proposito de desintelligencias communs entre autores e

criticos, suggeri que podiam os autores uma vez por outra, tomar a iniciativa e falar discretamente acerca das obras que escreveram sem intuito de elogio proprio que vale proverbialmente como vituperio.

Desta arte, ousou falar de um livro meu — "Notas de um estudante" — tão lindamente impressas e editadas por Monteiro Lobato.

Trata-se de uma serie de pequeninos estudos de actualidade, uns, outros de informação curiosa de historia, aqui e alli colhidos pelo sabor do momento ou de qualquer predilecção de quem as escreveu.

Eram e deviam ser mais numerosas essas — Notas; foram, porém, reduzidas ao numero imposto pelas dimensões imprescriptiveis da collecção editorial a que pertencem.

Essa reducção, de que só tarde teve noticia o autor, privou-o do prazer de notar num indice analytico (como fizera em obra anterior, a — "Lingua nacional") — as contribuições de amigos, referencias de leitores habituaes daquelles pequeninos estudos.

Haveria, então, o ensejo que escapou, de mencionar as contribuições interessantes de Alberto Faria que alargou consideravelmente o sentido de um dos capitulos sobre a arte de emendar em Raymundo Corrêa; e escreveu um excursão digressivo nas interessantes, da literatura classica antiga sobre o conceito do — pé e sapatinho — no folk-lore.

Por sua vez contribuiu Afranio Peixoto com duas graciosas parabolos sobre Einstein e a theoria da relatividade. Havia que notar ainda quanto ao capitulo — a Marcha da civilização — a identidade do thema, ao mesmo tempo excellentemente tratado por Affonso Celso.

Outras communicacões ineditas e suggestões preciosas recebi em cartas de amigos que preferiram ficar anonymos, mas me deram a consciencia de que essas — Notas — foram lidas com interesse quando appareceram na imprensa.

A reducção imposta ao volume cerceou-me ainda o desejo de aproveitar os capitulos posto á margem, sobre o — "Darwinismo abstracto" — theoria dos quantuns — que é ainda uma novidade na physica, a nota acerca de preciosa carta do saudoso Branner, grande amigo do Brasil, os contos de indios de Koch-Grünberg, a nova "Se-

xualwissenschaft", a Eugenia, as series de Kammerer, algumas notas da exegese da vida de Jesus etc. Virá tudo isso a lume em outra oportunidade, se a houver.

Mas ha com este meu livro uma anecdota jornalística de extranha vulgaridade.

As demonstrações que esses pequeninos estudos pareciam despertar por ahi fóra não pareceram razoaveis dentro da folha, em que sahiram, a dois ou tres individuos que lá dentro se apostaram em me expellir da companhia.

Tiveram uma idéa. Taxaram de — "immoral" — um artigo meu que foi excluido e é agora reproduzido no livro sob o titulo — "Caso carnavalesco" — segundo as provas que conservo (do proprio "Jornal") — para documento da baixa intriga.

Verá o leitor curioso que a accusação, insolita e injusta, é literalmente inepta e idiota, e foi apenas indecente pretexto, para a premeditada façanha.

Está claro que uma vez barrada a porta com esse "pixe", dei ganho de causa aos pixadores.

Afinal, eu estava incommodando aquella boa gente; e aceitei o conselho de Renan: "Pecunia tua tecum sit."

O chamariz de um capitulo immoral pode talvez augmentar a freguezia das — "Notas de um Estudante". E', todavia, uma mentira satanica. Nunca escrevi artigos immoraes.

João Ribeiro.

A CURA DA FEALDADE

A proposito do novo livro do Dr. Renato Kehl, a apparecer dentro d'alguns mezes, forneceu-nos o autor as seguintes notas:

"Em poucas palavras direi os fins do meu livro, que provavelmente só apparecerá no proximo anno. Em primeiro logar direi que a palavra fealdade, nelle empregada, tem uma significação mais

ampla do que a do entendimento corrente. Não corresponde, apenas, á falta de predcados physicos, de graças e de outros attractivos, que fazem de um homem ou de uma mulher alvo de admiração e sympathia. A fealdade é encarada, nas paginas do meu livro, sob o ponto de vista galtoniano e, como tal, emprestei-lhe o sentido claro de dysgenesia ou, si quizerem, de cacogenia. Em outros termos, ella equivale á anormalidade, á morbidez assim como a belleza equivale á normalidade, á saude integral. Procurarei demonstrar que a fealdade é um mal muito generalisado; que ella tanto pode ser physica, moral, como psychica ou intellectual; finalmente, que a fealdade não é um fructo expontaneo da natureza, e, nestas condicções, apresenta causas determinantes que são, não só combati-veis, como evitaveis.

"Dividi esse trabalho em tres partes. Na primeira estudo o bello em relação á natureza e ao homem, considerando as possibilidade de uma selecção pelas regras da Eugenia. Ainda nessa parte estabeleço, de um modo geral, as bases para avaliar da perfeição physica, physiologica e physica dos individuos de ambos os sexos, apresentando, a proposito, os caracteres que são proprios aos hygidos.

Na segunda parte estabeleço as regras para a prophylaxia da fealdade, estudando os factores degenerativos e os meios de os eliminar. Na terceira parte e como complemento, apresento as indicações therapeuticas para a remoção das principaes causas da fealdade physica.

Penso ter dito o sufficiente para satisfazer á vossa curiosidade. Quanto ao restante... é questão de esperar a publicação do livro que, espero, sahirá a lume dentro de muito pouco tempo, si as cousas correrem a meu contento."

A edição desta preciosa obra acaba de ser contractada com a empresa Monteiro Lobato & Cia.



DEBATES E PESQUIZAS

A MISSAO DE EUCLYDES

Do precioso conjuncto de papeis historicos que apontam um por um dos passos do general Solon, desde suas lutas pela abolição e o novo regimen até o disfarçado exilio no septentrião, resaltam como incidente as cartas que lhe enviava o genro, mais tarde roubado tragicamente ás letras e ás sciencias por que desde então decididamente se inclinava como se vê dos repetidos e insistentes pedidos de publicações e estudos principalmente do sabio Goeldi a quem chama "distinctissimo naturalista", cujos trabalhos, diz, "tenho grande vontade de lê-los".

Cercado dos seus, por quem já vimos que dedicado affecto experimentava, Euclides bem poucas vezes lograva eximir-se dos cuidados do lar a que todo se dava, entre o amor e a sciencia dividindo sua nobre alma.

"Somente hoje posso escrever-vos porque sómente hoje tenho algum descanso para poder cumprir esse dever. Do dia 2 ao dia 13, hontem, do corrente — diz elle ao sogro em carta de fevereiro de 97, — tive que velar continuamente junto á santinha, que se acha felizmente restabelecida da grave febre palustre adquirida aqui mesmo...

A não ser este contratempo, — diz adeante, — vae tudo bem na casa: os seus netos continuam fortes, athleticos, bonitos e turbulentos — tendo na mais alta dose cada uma dessas qualidades. Eu continuo seguindo resignado a linha recta difficil do dever".

Que força, pois, poderia retirar do meio sulista que, conforme uma de suas cartas é tão diverso do que o sogro experimentava, esse homem abraçado apaixonadamente a seus livros, ao lar, a sua engenharia, para atirar com elle "dos sertões do sul mais beneficos que os do norte, pelo sertão a dentro naquella Bahia que tanto malsina, em virtude do incidente do sogro general, como fóco das intrigas "viannistas"? Elle vae explicital-a, antes declaral-a, na carta, já esta da Bahia, escripta no seio da força e da direcção do ministro da Guerra, depois colhido tambem num espesso assassinio engolphado, na morte do seu autor, para sempre no mysterio historico.

Veremos então porque, das regiões do sul elle se faz rumo á Bahia que reputa menos salubre que o septentrião, naquelle tempo em que seu espirito agitado pelo incidente Solon se enchia de prevenções contra a terra então dominada, como a propria capital, por todas as epidemias. Diz, em data de Agosto de 97, escrevendo da Bahia a 12 ao general Solon:

Deve estar surprehendido com a minha vinda á Bahia, inesperadamente. A minha missão é esta: fui convidado em S. Paulo para estudar a região de Canudos e traçar os pontos principaes da campanha. Acceitei-a e vim. Além do assumpto ser interessante, além de estar em jogo a felicidade da Republica, considere que tinheis um nobre papel em tudo isto e almejo definil-o bem perante o futuro. Conseguil-o-ei? Anima-me a intenção de ser o mais justo possivel; porei de lado todas as

affeições para seguir rectilineamente. Assim pensando acceitei uma apresentação do dr. Campos Salles para o Dr. Luiz Vianna que me tratou gentilmente. E' excusado, porém, declarar que motivos de ordem elevada, fizeram com que agradecesse os seus offerecimentos. Aquella apresentação era indispensavel não só para afastar injustas prevenções, como tambem porque vindo eu no Estado Maior do general Bittencourt e estando este hospedado com o governador, o que me obriga a ir diariamente a palacio, sem ella, somente vexado cumpriria esse dever."

Mais adiante, para justificar ainda a sua missão, diz: "Trago á Bahia a mais nobre e elevada aspiração e hei de realizal-a. Estou certo que o meu velho amigo e chefe que me conhece bastante aproval-a-á inteiramente."

Assim, numa carta escripta "tão ás pressas que inverteu a folha do papel; resultado de preocupações constantes aggravadas pelas saudades dos entes queridos", cujos deixára, com a esposa em companhia do pae, "na fazenda do velho", enquanto estava elle "em casa do tio José", José Rodrigues Pimenta da Cunha, de que usa o papel timbrado na missiva citada, Euclydes vae realizar a sua missão de justiça historica, integralmente, superiormente como promettera realizar e o fez no marmore sem egual do seu "Sertões."

De como ali foi ter o escriptor que apenas, como confessa na introducção dessa obra, levára a missão de escrever a historia da guerra, ou antes da chronica dos fastos de Canudos, dá conta a epistola que transcrevemos quasi na integra: mas de como andava o seu espirito na occasião turbado pelo que depois criticou tão fundamentalmente nas paginas em que verbéra os que acreditam o sertão uma Vendéa monarchista em armas, e a linguagem dos proprios poderes publicos citando a jagunçada retardaria como "inimigos da Republica" não automatizados pelo fanatismo mas accionados pelo sebastianismo, as outras cartas, anteriores a sua chegada na Bahia, onde ainda assim fala em "estar em jogo a felicidade da Republica, demonstram com muita abundanciá quanto as paixões do tempo podiam subir o diapásão até mesmo alcançar a alma dos fortes, ainda que por breve tempo.

"Chegaram hoje (6 de junho de 97) aqui noticias desta ultima (a Bahia) pelas quaes se vê que o Antonio Conselheiro abandonou Canudos, internando-se no sertão. E lá vão no encalço da horda selvagem os nossos pobres soldados..."

Treze dias depois escrevia Euclydes, ainda "apaixonadamente abraçado á sua engenharia" na capital paulista: "Aguarda-se aqui a todo o momento o desfecho dos successos de Canudos.

Felizmente o general Arthur Oscar vencerá; vencerá inevitavelmente, vencerá pelo tino e cautela com que levou a expedição — pondo de lado as "facilidades" de governadores educados nas estrategias eleitoraes.

Ao receber esta o Sr. já terá noticia da victoria e deve sentir-se feliz — duplamente — por que a victoria depois de tantos sacrificios quer dizer claramente que tinha razão em ver na horda de Antonio Conselheiro alguma cousa mais do que MULHERES, VELHOS E CRIANÇAS, conforme dizia o ingenuo e interessante Luiz Vianna de comica memoria."

Assim impellido para o sertão, o historiador forrado de um scientista, deu a este ultimo a primazia ou antes realizou nelle a concepção laplaysta da "science sociale" de Edmond Demoulins, fazendo do caso historico de Canudos a perfeita dissecção de que resultou entre nós o unico nacionalismo, humano e largo, que é o sertanismo na dilatada e nobre expressão politica e sociologica desse termo. ("O Imparcial").

Mauricio de Lacerda

UMA EDIÇÃO DE VILHENA

De uma chronica do sr. João Ribeiro:

"Devem estar lembrados os leitores habituaes deste registro bibliographico da informação que lhes dei, em tempo de uma iniciativa que tomou o notavel erudito, doutor Braz do Amaral (o inesquecivel editor das — "Memorias" — de Accioli, com tanta profusão enriquecidas de anotações preciosas).

O presidente do Instituto Historico da Bahia resolveu agora editar, com o auxilio do Estado, o manuscrito de Vilhena,

o hellenista que na Bahia entre os seculos XVIII e XIX escreveu as cartas — “Cartas Soteropolitanas” — até hoje ignoradas do grande publico que se não dá ao incommodo de perflustrar os reconditos archivos da nossa Bibliotheca.

As — “Cartas Soteropolitanas e brasilicas” — constituem mais do que um livro de curiosidades e de antigualhas; são um repositório de informações da historia e da chorographia brasileira.

O nosso centenario verá mais essa contribuição valiosissima em si mesma, e ainda muito mais, exornada pela minuciosa e profunda erudição do seu editor.

Aqui damos uma informação (que devemos a Braz do Amaral e a Xavier Marques) e que vae aguçar o appetite de todos os estudiosos de nossa geographia e da nossa historia.

Eis o conteu'do do precioso codice:

— Um prospecto da cidade da Bahia em 1801, seguindo-se um prefacio.

Após este, a carta em que o autor offerece as primeiras 20 cartas ao principe regente D. João, seguindo-se a esta outra carta a Patrifilo, em que se acha o catalogo ou summario.

Vem depois a carta primeira, seguida de notas e commentarios feitos por B. Amaral. A estas seguem as outras 19 cartas, todas ellas acompanhadas por commentarios e notas.

Entre ellas se encontram diversas estampas, uma das quaes é a do frontespicio da Sé que foi demolido por haver cedido o terreno que não supportou o peso da construcção, outra é uma planta do porto e mais 17 plantas e prospectos das fortalezas que defendiam a cidade e o porto.

A obra é ainda illustrada com uma planta da cidade, do principio do seculo 18º.

Após a menção dos corpos militares de guarnição sem os uniformes, usados por elle nos começos do seculo 19.

Estas estampas, em numero de 10, são coloridas.

O livro tem depois duas cartas a D. Rodrigo de Souza Coutinho e a estas se seguem as cartas 22ª, 23ª e 24ª.

O trabalho abrange na sua descripção todas as capitánias do Brasil, excepto a de S. Paulo, pois a carta que della tratava, a 21ª, parece se haver perdido. São 1.000 paginas em 2 volumes.”

A PHILOSOPHIA EM PORTUGAL E NO BRASIL

A geração, que surgiu ruidosamente na arena litteraria em 1865-1866, restabeleceu é certo, mais estreito contacto com a cultura geral e imprimiu ás nossas letras e ao nosso pensamento mais fundo cunho do cosmopolitismo, pelo que é credora do reconhecimento das gerações posteriores que lhe devem essa admiravel e pujante phase da nossa litteratura; mas tambem creou uma attitude desdenhosa e hypercritica perante certos valores tradicionaes da cultura lusitana, que se não dignou mencionar e apreciar nas suas syntheses formosas e suggestivas, mas um pouco apressadas, pelo que tem de arcar com culpas não leves.

A minha geração, formada no estudo da obra desses escriptores e criticos, sem nunca esquecer quanto lhe deve, parece ter comprehendido o dever que lhe impende de completar e ampliar os juizos dos seus mestres espirituaes, substituindo ao seu facil e immoderado negativismo uma aproveitada economia na arrecadação e consideração dos valores da cultura portugueza.

Justo é reconhecer que um dos mestres dessa geração, o sr. Theophilo Braga consumiu a sua longa carreira litteraria numa cruzada nacionalista, mas os seus methodos, as suas idéas geraes, o seu criterio de apreciação estão hoje longe de satisfazer as nossas exigencias espirituaes e de corresponder aos progressos da erudição.

Um dos districtos mais esquecidos fôra a philosophia portugueza, e adiante. Alguns ainda affoavam a influencia do sangue portuguez de Spinoza, timidamente lembravam a probabilidade de ser natural de Braga o famoso Francisco Sanches e o triumpho polemico de Antonio Gouvêa sobre Pierre de la Ramée, em Paris. E era tudo, não tão pouco que não tentasse alguns chronistas.

Lopes Praça, em 1868, affrontou o scepticismo geral com a sua “Historia da Philosophia em Portugal”, ousio certo menor ainda que o de Silvio Romero com a sua “Philosophia no Brasil”; Lousada Magalhães, ao doutorar-se na Allemanha, em 1881, apresentou uma these sobre Silvestre

Pinheiro Ferreira procedida duma introdução sobre os mais importantes pensadores portugueses; e Ferreira Deusdado em 1898 bosquejava a historia da philosophia thomista em Portugal. Mas nenhuma influencia exerciam estas investigações, que não atingiam a geral indiferença.

O problema, na verdade bem attrahente, da existencia ou não existencia duma philosophia em Portugal entrou em nova phase quando pôde ser associado ao problema mais vasto da existencia duma philosophia peninsular, de que Menéndez Pelayo revelou alguns momentos capitaes, que Bonilla y San Martin está historiando na sua sequencia e plenitude, e em que Assis y Palacios descobriu uma brilhante phase musulmana.

Hoje poderemos opinar que o genio ibérico tem representação condigna na historia geral do pensamento e que nessa representação se distingue com brilho o matiz portuguez. Recentemente reunimos a bibliographia portugueza de philosophia desde Santo Antonio e Pedro Julião aos autores contemporaneos e apesar das fataes deficiencias de trabalhos desta natureza, pudémos reunir mais de quinhentas especies de valor variavel, mas que no seu conjuncto mostravam que a mentalidade portugueza, nos oito seculos da sua existencia não deixára de sentir seus pruridos de especulação. Essa bibliographia revela que o genio portuguez reflectiu com brilho vario e fidelidade mudavel as principaes correntes de idéas e que influiu ou reagiu com intensidade apreciavel no seculo XIII quando proporcionou um dos mais proficuos vulgarizadores medievos do aristotelismo, Pedro Julião, momentos antes da adopção do doutrina do Stagyrta pela Egreja, antes que o Boecio revelasse o conjuncto das obras desse philosopho e se constituísse o thomismo; no seculo XVI quando produziu o manifesto audacioso de Francisco Sanches, reviviscencia do pyerhonismo e introdução a um projectado tratado do methodo, que faz d'elle um digno companheiro do Montaigne e Pierre Charron, e original precursor de Campanella e Descartes; quando no mesmo seculo a voz eloquente de Antonio de Gouvêa defendeu Aristoteles das arremettidas do Ramée, e Leão Hebreu tornou em doutrina esthetica do amor o velho

platonismo; e quando uma legião de commentadores e exegetas, chefiada por Pedro Fonseca, briosamente quebrou lanças por Aristoteles e S. Thomaz, ao reboar já a repercussão forte do Renascimento.

Tão infensa á novidade philosophica como á heterodoxia religiosa a mente portugueza tem-se alimentado com preferencia impressionante da doutrina aristotelica, em cuja moderna restauração collaboraram alguns portuguezes tambem, como Sianibaldi, Sant'Anna e Ferreira Deusdado.

E o Brasil? Do pensamento philosophico brasileiro não ha que registrar contribuições durante os seculos coloniaes; contribuições litterarias, sim, deu-as o Brasil numerosas e importantes á metropole. Mas durante o seu primeiro seculo de autonomia politica, o Brasil não se desinteressou da especulação, reconhecendo sem duvida que é nas sociedades onde melhor se acautelam as idéas e os "interesses da alma" que mais clara noção das realidades quotidianas se ostenta.

A philosophia no Brasil no seculo XIX e neste incompleto quartel do XX tem já seu chronista no padre Leonel Franca, que juntou á 2.^a edição das suas excellentes "Noções de Historia da Philosophia" um admiravel capitulo sobre essa materia. Conhecimento profundo das correntes philosophicas modernas; criterio são de quem possuindo e praticando uma doutrina de nenhum modo confunde "imparcialidade", regra moral do historiador, e "impassibilidade", attitudo só possivel em quem não dispõe de nenhum padrão para aquilatar valores; bom methodo, indulgencia e severidade bem temperadas são as principaes e nobres virtudes desse trabalho.

E' muito para encomiar como em produção tão vasta, tão dispersa e de valia tão varia, o padre Leonel Franca com visão segura conseguiu introduzir boa ordem e organização. Em tres correntes dominantes grupa o autor os pensadores brasileiros: espiritalismo, positivismo e materialismo, dentro dos quaes ainda descreve aspectos particulares como são o eclectismo, o ontologismo, idealismo, escolastica, fidelidade e dissidencia, transformismo, monismo e evolucionismo. — Como era de prever é Farias Brito a figura primacial do seu elenco. Do seu panpsychismo pantheista apresenta o escriptor um

escorço fiel e bem equilibrado, em que não deixa de apontar a influencia profunda e crescente do poderoso pensador, que em certa medida converge com a do espiritualismo religioso ou lhe prepara o caminho.

A juventude brasileira deve apreciar o serviço prestado á sua cultura intellectual pelo padre Leonel Franca, que lhe ministrou um guia amigo e leal para as suas excursões e curiosidades philosophicas e tambem, por esse intelligente balanço ao pensamento brasileiro, um argumento de que os povos raros e sem tradições philosophicas podem e devem crear uma tradição philosophica e que não ha fatalismo que determine fulminantemente que tal ou tal povo tenha ou não "la tête philosophique". Portugal tem uma historia da especulação, em que ha momentos poderosos de originalidade, que têm suscitado a attenção de criticos estrangeiros, como os que apontamos na nossa alludida bibliographia; e o Brasil tambem vibrou de curiosidades metaphysicas, envolvendo-se na discussão dos problemas superiores da existencia e os tentando já uma nobre figura do pensador, Farias Brito — prova — o padre Leonel Franca.

Fidelino de Figueiredo.

("O Jornal").

A VERMINOSE POLITICA

(De Euclides da Cunha ao General Solon)

No archivo de Solon onde rebusco alguns pontos relativos á abolição e quédia do Imperio, bem como aos primordios republicanos em que o grande soldado revolucionario foi parte convicta e decisiva, amostram-se ao pesquisador algumas epistolas de seu mallogrado genro Euclides da Cunha, dignas de meditação e commentario actual.

Relativamente aos acontecimentos que ora agitam a alma popular e põem em sobresalto a nação inteira, entre esperançosa e alarmada na occaso de uma dynastia electiva, ha algumas opiniões que merecem ser logo transcriptas.

Assim, de S. Paulo, onde em 97, diz elle, "continua abraçado á carreira penosa, á sua fatigante engenharia civil — dez mil

vezes mais trabalhosa do que a commoda engenharia militar", enquanto seu pae, "como quasi todos os fazendeiros, que deante da baixa crescente do café e difficuldades de toda a sorte, se retrahiram, velando de perto pelas propriedades" estava na roça; Euclides traça com firmeza o libello das "perfidias duma epocha lamentavel" nestes termos, em que colhe nossa permanente hypocrisia politica ou o imperio da "intriga torpe de meia duzia de sujeitos que se dizem politicos":

— "O lamentavel desastre de Canudos, revés deplorabilissimo para a Republica, vem com singular eloquencia patentear-nos a influencia nefasta destes homens sem principios e sem convicções, capazes de sacrificar a um egoismo estreito os grandes interesses nacionaes". E mais adiante, na mesma carta de 14 de março de 97, diz, referindo-se ao que chama a trindade nefasta do então vice-presidente, do governador bahiano e dois dos ministros federaes: "E' o que acabam de fazer. A trindade nefasta, surda ás advertencias sensatas que fizestes a proposito da horda de Antonio Conselheiro, diz Euclides ao sogro general, acaba de atirar a Republica, a Republica pela qual nunca correram o menor risco, acabam de atirar a Republica na situação critica e vergonhosa de vencida de um fanatico boçal dos sertões, affirmo-vos que bem poucas vezes tem-me assaltado commoção tão intima e profunda... Nunca absolutamente nunca imaginei a possibilidade de tal revés que é, antes de tudo, uma immensa vergonha — vergonha que seria poupada á Republica se houvesse mais dignidade e mais desassombro e mesmo mais intelligencia nos homens que governam esta terra".

Depois de se referir ao ministro alludido que "como todo politico actual (Euclides grifa politica), vivia preso aos manda-chuvas locais que dispõem das eleições apoiando abertamente as tolices desses seus patrões, soffresse embora a Republica, cahissem embora mortos, barbaramente trucidados os nossos valentes soldados", acrescenta sobre "a remoção acintosa e incorrectissima e cujas pessimas consequencias ahi estavam no desastre que enlutava a Republica e envergonhava o Exercito", os seguintes conceitos cheios de confiança no elemento nacional em contraste com o "desastrado governador

de estatura, ora gigante, ora tão pequena que chegava ao ponto de desaparecer de todo, Guliver, ao contrario, tinha sempre o mesmo tamanho, mas em suas viagens encontrou successivamente uma raça de homens minusculos em um mundo proporcional a elles e um paiz onde tudo era desmesuradamente grande. De facto, Lewis Carroll e Swift tiveram os mesmos phenomenos para descrever, ambos devidos á desproporção de tamanho do observador e das dimensões das coisas observadas.

Eddington fala do Universo de quatro dimensões, dos differentes generos de espaço, compara a nova lei de gravitação á antiga, mostra que a luz é pesada. Sabia-se disso, aliás, deste Newton, mas Einstein calculou o valor numerico do desvio da luz mais exactamente que Newton.

Um dos capitulos mais impressionantes do livro de Eddington é o que se intitula: — “Para o infinito.” O professor do Siffer fez um estudo aprofundado do “espaço-tempo espherico”, fala de “um continuum de quatro dimensões de espaço e de tempo imaginario formando uma superficie espherica em um espaço de cinco dimensões.” Si se toma o tempo real, o Universo é espherico em suas dimensões de espaço, mas elle se dilata como um hyperboloide para os infinitos positivo e negativo do tempo. Por causa da curva segundo a dimensão do tempo, quanto mais nós nos afastamos do nosso ponto de partida, mais depressa corre o tempo; em outros termos, os phenomenos naturaes, da mesma forma que os relógios naturaes, são cada vez mais lentos; finalmente, chega-se ao estado descripto por H. G. Wells em “The new accelerator.” A meio caminho dos antipodas, o tempo pára completamente; impossivel ir mais longe, porque tudo nesse ponto, inclusive a luz, é condemnado a um repouso completo.

Einstein prefere outra theoria da curva do espaço-tempo. O Universo, para elle, é cylindrico: curvo, segundo o espaço de tres dimensões, mas rectilineo segundo o tempo. O tempo não é mais curvo; o retardamento dos phenomenos a grande distancia do observador desaparece totalmente. Nenhuma barreira de repouso eterno: um raio de luz pode fazer toda a volta do universo.

“Um raio luminoso sahido do sol gastaria cerca de um bilhão de annos para fazer a volta do Universo; depois de sua viagem, os raios viriam de novo convergir em seu ponto de partida, para divergir em seguida em um novo circuito. O logar de convergencia desses raios teria todas as propriedades de um sol real sob o ponto de vista luminoso e calorifico. Sómente, seria esse um sol immaterial. Assim, correspondendo ao nosso sol, poderíamos vêr uma série de sócs-phantasmas que occupassem as posições que o proprio sol occupava ha um bilhão, dois e tres bilhões de annos, si, o que parece provavel, se suppõe que o sol já era luminoso nesses tempos remotos.”

E’ bastante divertido pensar que os differentes phenomenos do Universo sideral podem deixar, lá onde se effectuaram, rastros que se reproduzem periodicamente. Não ha, talvez, estrellas materiaes, senão em certa proporção, não sendo as outras mais que “espectros opticos” que vêm visitar suas antigas moradas.

Os physicos — está se vendo — nada perdem dos poetas em imaginação.

— O sr. Gaston Moch, auctor de numerosas publicações sobre artilharia, arte militar, historia, organização politica e politica internacional, escreveu para a Bibliotheca de Philosophia Scientifica a “Relatividade dos phenomenos.” O autor se interessa principalmente pelas questões das grandes velocidades. Um avião que vence 85 metros por segundo — record attingido em 1920 — concretisa a ideia de uma marcha vertiginosa. Ora, a luz anda perto de quatro milhões de vezes mais depressa. Os artilheiros realisaram uma rapidez inicial de 1.500 metros, ainda duzentas mil vezes inferior á da luz, mas notavelmente superior á rapidez tangencial da Terra no equador, ou seja 464 metros por segundo. Os nossos projectis, si os atiramos para Leste, ao encontro do dia, podem, pois, explorar o tempo no sentido das horas negativas! Quanto á rapidez de translação dos projectis celestes, não é senão de 30 kilometros para a terra em torno do sol, mas foi na rapidez de 550 kilometros por segundo que o cometa de 1843 roçou a supeficie do sol. Esta ultima velocidade, a maior que se conhecia até ha pouco tempo, é ainda 545 vezes mais fraca que a da luz. De repente, o conhecimento das velocidades deu saltos imprevistos: a rapidez dos raios cathodicos attinge a 25.000 kilometros, isto é, o duodecimo da da luz; a rapidez dos raios betha, emittidos pelos corpos radio-activos

é avaliada em 160.000 a 285.000. Com esses raios attinge-se á velocidade da luz. Que esta seja a *velocidade limite*, como quer Einstein, o sr. Moch não pode admittir e protesta energicamente: Einstein commette um erro de raciocinio, cáe num circulo vicioso. Em 1897, W. Crookes, imaginou um homem muito pequeno, um *homunculus* de tamanho microscopico. Que se passaria si este homem, dotado de um apparelho visual que lhe permittisse discernir objectos formidavelmente diminuidos pelo afastamento, chegasse a se deslocar a uma velocidade superior á da luz? — pergunta o sr. Moch. Para esse novo homem, esse “Viator”, os acontecimentos passados se reproduziriam em sentido e em ordem inversas á realidade chronologica. Si esse “Viator” é artista ou poeta “poderia precipitar-se no espaço á procura das vibrações outr’ora emittidas pelo semblante radioso de Helena ou de Cleopatra e não mais se separar, nunca, dessas imagens eternamente desaparecidas para nós!” Esse homem terá uma concepção do Universo absolutamente differente da nossa. E que commodidade, principalmente quando se tratar de elucidar um ponto duvidoso da Historia!

O RECORD DAS EDIÇÕES NA FRANÇA

Até ha pouco, eram os livros de Zola os que detinham o record das tiragens na França. Presentemente, porém, embora figurem no plano primacial, os “Rougon-Macquart” tiveram que ceder o primeiro logar, modificando tambem toda a ordem da ultima classificação. Tomando os numeros recentes, que podem já não ser exactos, vê-se que *La debacle*, com 260 milheiros, supera *L’Assomoir*, *Nana* e *Terre*, que têm respectivamente 194, 160 e 247 milheiros.

O record pertence hoje a Rostand. *Cyrano* está no 538.º milheiro e *L’Aiglon* no 406.º. Depois vêm *Les fleurs du Mal* de Baudelaire. *Le choix de poesies* de Verlaine está feito do centesimo milheiro, assim como *Les Trophées*, de Heredia.

Zola, pois, foi batido pelos poetas.

Na prosa, Anatole, Loti, Barbusse e Hemom transpõem o 300.º milheiro. *Le lys rongé* alcançou 326 milheiros, *Les desenchantées* 332, *Le feu* 336, *Marie Chapdelaine* 349... *L’Enfer* de Barbusse, que passou despercebido na primeira tiragem, tem extraordinaria procura depois de conhecido *Le feu*. Actualmente está no 284.º milheiro.

Em regra geral podem-se considerar vendidos centenas de milheiros da maior parte das obras de successo republicadas em edições populares. Daudet, Maupassant, Ohnet e outras entram nessa categoria. Com *Le journal d’une femme de chambre*, Mirbeau attinge o 156.º milheiro.

Louis Bazin e Bordeaux tem. o primeiro *Les Oberlé*, com 376 milheiros e *La terre que muert* com 156; o segundo *La neige sur les pas* com 166 e *La peur de vivre* com 152.

Entre os nomes recentes, occupa o primeiro posto Pierre Benoit: *L’Atlantide* já tem 153 milheiros. Seguem-se-lhe *Toi et Moi* de Geraldty com 152; *Les croix du bois* de Roland Dorgelés, com 150; *Gaspard* de René Benjanim, *Batonala*, de René Maran e outros.

bahiano, assoberbado pelas consequências deploráveis da sua teimosia estúpida”:

“Felizmente, como uma atenuante (si é que possa havel-a) a tantos males, noto no seio da nossa gente verdadeiramente patriota o mesmo amor, o mesmo devotamento pela Republica. Sacrifiquem-na embóra os velhos gastos e corrompidos por uma existencia de politicagem baixa desde os tempos do Imperio do qual foram famulos servís, a Republica resurgirá pela transfusão do sangue generoso dos seus filhos”.

E’ nesta linguagem que encerra a longa carta onde “diz verdades talvez perigosas de serem enviadas numa epocha de infidelidades e traições” verdades que exactamente um mez antes elle mostrára ao sogro, que a intriga dos politicos removera “para debaixo exactamente da linha Equatorial, ponto extremo da nossa terra”, depois de ter ouvido a um parente a “explicação clara do negocio ou antes da “agua suja” do cidadão Luiz Vianna” com elle (Solon) acerca da expedição contra o Antonio Conselheiro:

“E dois dias depois os acontecimentos vieram com maior eloquencia aclarar a situação.

O insuccesso do major Febronio, que estourou aqui como uma bomba, teve o valor de absolver das increpações banaes de um governador estúpido um general correcto.

Se aquelle major desbaratasse os fanaticos, a imbecilidade de mestre Vianna seria considerada — elevado tino — e a vossa prudencia — exagerada precaução. — Os acontecimentos vieram, porém, com a eloquencia esmagadora e formidavel que as vezes possuem, patentear, inteira, a verdade.

Ainda bem. E’ preciso confesar: embora fosse um insuccesso aquelle facto alegrou-me. A razão é simples — é que este paiz está actualmente entregue á petulancia triumphante de todos os ineptos, de todos os incompetentes e de todos os desho-

nestos que occupam as horas de ocio de uma maneira barbara — conspirando cobardemente contra os que ainda têm algum valor. E é a voz dessa gente que mais se faz ouvir. Para quem appellar, pois, os accusados de terem ainda brio e honra e um amor sincero pela Republica?

Para os acontecimentos. O Sr. — diz elle ao sogro — deve estar satisfeitissimo. Encontrou o melhor dos advogados nesse destemido major brutalmente lançado á fome, aos perigos do sertão e ás brutalidades sem nome de não sei quantos mil fanaticos”.

E conclue fazendo ponto na questão com estas palavras: “Posso garantir-lhe que aqui em S. Paulo tem a seu favor — unanime — a opinião de todos os homens sensatos e serios.”

Conceitos corajosos, de rara implacabilidade com os ineptos de todo o genero da nossa politicalha e consoladora, luminosa, firme confiança na gente brasileira e nos homens em quem, “a linha recta difficil do dever” a que se reporta Euclides, não se desfez na curva delirante ou deshonesta do mandonismo eleitoral ou do facil enriquecimento administrativo dos nossos concidadãos lá de cima, mais ou menos benemeritos...

As epochas, embora tenham mudado os homens, muito se parecem. Desse asserto prova é a carta que deparo no maço das acimas citadas, do então official subalterno Gomes de Castro, protestando contra a injustiça da sua remoção para o norte por parecer na capital que tinha opiniões fóra da cartilha governista baseada na “ordem civil” de então, e onde elle pede ao general, com séde de commando no Pará, que lhe permita fazer a viagem de licença com a familia, por conta esta ultima do governo ou antes “da Republica” a quem serve naquella proscripção partidaria...

(“O Imparcial”).

Mauricio de Lacerda.



NOTAS DO EXTERIOR

SCIENCIA OU POESIA? — Swift e Anatole, precursores de Einstein — Os soes-phantasmas — O homunculus de W. Crookes e a chronologia invertida... — Buscando a "Sombra" luminosa de Helena...

De uma chronica bibliographica do sr. Georges Bohn:

Não ha semana que não appareça um novo livro sobre Einstein. Discute-se a Theoria da Relatividade na Academia e nos salões. Aos commentarios succedem-se outros commentarios nos jornaes e nas revistas. Entre os physicos, alguns declaram que Einstein ultrapassa Copernico e Newton, outros falam em "loucura collectiva." Parece que poucos dos que escreveram livros e artigos sobre Einstein o comprehenderam; haverá muitos, aliás, que o tenham lido?

O admiravel livro de Eddington — "Espaço, Tempo e Gravitação", traduzido do inglez, seria um dos unicos a escapar desta critica. E' uma exposição racional da Theoria da Relatividade desembaraçada de todo caracter technico. O estylo é pittoresco, esmaltado com expressões originacs; a forma é limpida e numerosas comparações, tão imprevistas quanto bem escolhidas, levam o leitor a sentir "a belleza e a profundeza da theoria."

Segundo Eddington, o grande merito de Einstein é ter chegado a separar, "incomparavelmente melhor" do que se havia feito até então, a parte do observador e a da natureza nos phenomenos observaveis.

O que nós vemos não depende sómente do objecto que olhamos, mas egualmente de nós, da nossa posição, do nosso movimento e outras particularidades mais pessoaes. Por um habito instinctivo, tentamos eliminar da observação a nossa parte pessoal, de modo a conceber o mundo independente de nós. Da janella de um vagão vemos deslizar um boi no campo com a velocidade de 80 kilometros por hora e, ao mesmo tempo, advertimos que elle gosa o mais completo repouso. Muitas vezes, mais ou menos inconscientemente, praticamos assim a *relatividade*.

Muitos escriptores foram precursores de Einstein. Eddington salienta esta phrase de Anatole France, tirada dos *Pensées de Riquet*:

"Os homens, os animaes, as pedras crescem approximando-se e se tornam enormes quando estão sobre mim. Eu não. Eu permaneço tão grande em toda parte onde esteja."

Eddington qualifica dois livros muito conhecidos — *Alice in Wonderland* e *Viagens de Gulliver* — de "tratados elementares da relatividade." Alice constantemente mudava

de estatura, ora gigante, ora tão pequena que chegava ao ponto de desaparecer de todo, Guliver, ao contrario, tinha sempre o mesmo tamanho, mas em suas viagens encontrou successivamente uma raça de homens minusculos em um mundo proporcional a elles e um paiz onde tudo era desmesuradamente grande. De facto, Lewis Carroll e Swift tiveram os mesmos phenomenos para descrever, ambos devidos á desproporção de tamanho do observador e das dimensões das coisas observadas.

Eddington fala do Universo de quatro dimensões, dos differentes generos de espaço, compara a nova lei de gravitação á antiga, mostra que a luz é pesada. Sabia-se disso, aliás, deste Newton, mas Einstein calculou o valor numerico do desvio da luz mais exactamente que Newton.

Um dos capítulos mais impressionantes do livro de Eddington é o que se intitula: — “Para o infinito.” O professor do Siffer fez um estudo aprofundado do “espaço-tempo espherico”, fala de “um continuum de quatro dimensões de espaço e de tempo imaginario formando uma superficie espherica em um espaço de cinco dimensões.” Si se toma o tempo real, o Universo é espherico em suas dimensões de espaço, mas elle se dilata como um hyperboloide para os infinitos positivo e negativo do tempo. Por causa da curva segundo a dimensão do tempo, quanto mais nós nos afastamos do nosso ponto de partida, mais depressa corre o tempo; em outros termos, os phenomenos naturaes, da mesma forma que os relógios naturaes, são cada vez mais lentos; finalmente, chega-se ao estado descripto por H. G. Wells em “The new accelerator.” A meio caminho dos antipodas, o tempo pára completamente; impossivel ir mais longe, porque tudo nesse ponto, inclusive a luz, é condemnado a um repouso completo.

Einstein prefere outra theoria da curva do espaço-tempo. O Universo, para elle, é cylindrico: curvo, segundo o espaço de tres dimensões, mas rectilineo segundo o tempo. O tempo não é mais curvo; o retardamento dos phenomenos a grande distancia do observador desaparece totalmente. Nenhuma barreira de repouso eterno: um raio de luz pode fazer toda a volta do universo.

“Um raio luminoso sahido do sol gastaria cerca de um bilhão de annos para fazer a volta do Universo; depois de sua viagem, os raios viriam de novo convergir em seu ponto de partida, para divergir em seguida em um novo circuito. O logar de convergencia desses raios teria todas as propriedades de um sol real sob o ponto de vista luminoso e calorifico. Sómente, seria esse um sol immaterial. Assim, correspondendo ao nosso sol, poderíamos vêr uma série de sóes-phantasmas que occupassem as posições que o proprio sol occupava ha um bilhão, dois e tres bilhões de annos, si, o que parece provavel, se suppõe que o sol já era luminoso nesses tempos remotos.”

E’ bastante divertido pensar que os differentes phenomenos do Universo sidereal podem deixar, lá onde se effectuaram, rastros que se reproduzem periodicamente. Não ha, talvez, estrellas materiaes, senão em certa proporção, não sendo as outras mais que “espectros opticos” que vêm visitar suas antigas moradas.

Os physicos — está se vendo — nada perdem dos poetas em imaginação.

— O sr. Gaston Moch, auctor de numerosas publicações sobre artilharia, arte militar, historia, organização politica e politica internacional, escreveu para a Bibliotheca de Philosophia Scientifica a “Relatividade dos phenomenos.” O autor se interessa principalmente pelas questões das grandes velocidades. Um avião que vence 85 metros por segundo — record attingido em 1920 — concretisa a ideia de uma marcha vertiginosa. Ora, a luz anda perto de quatro milhões de vezes mais depressa. Os artilheiros realisaram uma rapidez inicial de 1.500 metros, ainda duzentas mil vezes inferior á da luz, mas notavelmente superior á rapidez tangencial da Terra no equador, ou seja 464 metros por segundo. Os nossos projectis, si os atiramos para Leste, ao encontro do dia, podem, pois, explorar o tempo no sentido das horas negativas! Quanto á rapidez de translação dos projectis celestes, não é senão de 30 kilometros para a terra em torno do sol, mas foi na rapidez de 550 kilometros por segundo que o cometa de 1843 roçou a superficie do sol. Esta ultima velocidade, a maior que se conhecia até ha pouco tempo, é ainda 545 vezes mais fraca que a da luz. De repente, o conhecimento das velocidades deu saltos imprevistos: a rapidez dos raios cathodicos attinge a 25.000 kilometros, isto é, o duodecimo da da luz; a rapidez dos raios betha, emittidos pelos corpos radio-activos

é avaliada em 160.000 a 285.000. Com esses raios attinge-se á velocidade da luz. Que esta seja a *velocidade limite*, como quer Einstein, o sr. Moch não pode admittir e protesta energicamente: Einstein commette um erro de raciocinio, cõe num circulo vicioso. Em 1897, W. Crookes, imaginou um homem muito pequeno, um *homunculus* de tamanho microscopico. Que se passaria si este homem, dotado de um apparelho visual que lhe permittisse discernir objectos formidavelmente diminuidos pelo afastamento, chegasse a se deslocar a uma velocidade superior á da luz? — pergunta o sr. Moch. Para esse novo homem, esse "Viator", os acontecimentos passados se reproduziriam em sentido e em ordem inversas á realidade chronologica. Si esse "Viator" é artista ou poeta "poderia precipitar-se no espaço á procura das vibrações outr'ora emittidas pelo semblante radioso de Helena ou de Cleopatra e não mais se separar, nunca, dessas imagens eternamente desaparecidas para nós!" Esse homem terá uma concepção do Universo absolutamente differente da nossa. E que commodidade, principalmente quando se tratar de elucidar um ponto duvidoso da Historia!

O RECORD DAS EDIÇÕES NA FRANÇA

Até ha pouco, eram os livros de Zola os que detinham o record das tiragens na França. Presentemente, porém, embora figurem no plano primacial, os "Rougon-Macquart" tiveram que ceder o primeiro logar, modificando tambem toda a ordem da ultima classificação. Tomando os numeros recentes, que podem já não ser exactos, vê-se que *La debacle*, com 260 milheiros, supera *L'Assomoir*, *Nana* e *Terre*, que têm respectivamente 194, 160 e 247 milheiros.

O record pertence hoje a Rostand. *Cyrano* está no 538.º milheiro e *L'Aiglon* no 406.º. Depois vêm *Les fleurs du Mal* de Baudelaire. *Le choix de poesies* de Verlaine está feito do centesimo milheiro, assim como *Les Trophées*, de Heredia.

Zola, pois, foi batido pelos poetas.

Na prosa, Anatole, Loti, Barbusse e Hemom transpõem o 300.º milheiro. *Le lys rongé* alcançou 326 milheiros, *Les desenchantées* 332, *Le feu* 336, *Marie Chapdelaine* 349... *L'Enfer* de Barbusse, que passou despercebido na primeira tiragem, tem extraordinaria procura depois de conhecido *Le feu*. Actualmente está no 284.º milheiro.

Em regra geral podem-se considerar vendidos centenas de milheiros da maior parte das obras de successo republicadas em edições populares. Daudet, Maupassant, Ohnet e outras entram nessa categoria. Com *Le journal d'une femme de chambre*, Mirbeau attinge o 156.º milheiro.

Louis Bazin e Bordeaux tem. o primeiro *Les Oberlé*, com 376 milheiros e *La terre que muert* com 156; o segundo *La neige sur les pas* com 166 e *La peur de vivre* com 152.

Entre os nomes recentes, occupa o primeiro posto Pierre Benoit: *L'Atlantide* já tem 153 milheiros. Seguem-se-lhe *Toi et Moi* de Geraldty com 152; *Les croix du bois* de Roland Dorgelés, com 150; *Gaspard* de René Benjanim, *Batonala*, de René Maran e outros.

bahiano, assoberbado pelas consequências deploraveis da sua teimosia estúpida”:

“Felizmente, como uma atenuante (si é que possa havel-a) a tantos males, noto no seio da nossa gente verdadeiramente patriota o mesmo amor, o mesmo devotamento pela Republica. Sacrifiquem-na embóra os velhos gastos e corrompidos por uma existencia de politicagem baixa desde os tempos do Imperio do qual foram famulos servís, a Republica resurgirá pela transfusão do sangue generoso dos seus filhos”.

E’ nesta linguagem que encerra a longa carta onde “diz verdades talvez perigosas de serem enviadas numa epocha de infidelidades e traições” verdades que exactamente um mez antes elle mostrára ao sogro, que a intriga dos politicos removera “para debaixo exactamente da linha Equatorial, ponto extremo da nossa terra”, depois de ter ouvido a um parente a “explicação clara do negocio ou antes da “agua suja” do cidadão Luiz Vianna” com elle (Solon) acerca da expedição contra o Antonio Conselheiro:

“E dois dias depois os acontecimentos vieram com maior eloquencia aclarar a situação.

O insuccesso do major Febronio, que estourou aqui como uma bomba, teve o valor de absolver das increpações banaes de um governador estúpido um general correcto.

Se aquelle major desbaratasse os fanaticos, a imbecilidade de mestre Vianna seria considerada — elevado tino — e a vossa prudencia — exagerada precaução. — Os acontecimentos vieram, porém, com a eloquencia esmagadora e formidavel que as vezes possuem, patentear, inteira, a verdade.

Ainda bem. E’ preciso confesar: embora fosse um insuccesso aquelle facto alegrou-me. A razão é simples — é que este paiz está actualmente entregue á petulancia triumphante de todos os ineptos, de todos os incompetentes e de todos os desho-

nestos que occupam as horas de ocio de uma maneira barbara — conspirando cobardeamente contra os que ainda têm algum valor. E é a voz dessa gente que mais se faz ouvir. Para quem appellar, pois, os accusados de terem ainda brio e honra e um amor sincero pela Republica?

Para os acontecimentos. O Sr. — diz elle ao sogro — deve estar satisfeitissimo. Encontrou o melhor dos advogados nesse destemido major brutalmente lançado á fome, aos perigos do sertão e ás brutalidades sem nome de não sei quantos mil fanaticos”.

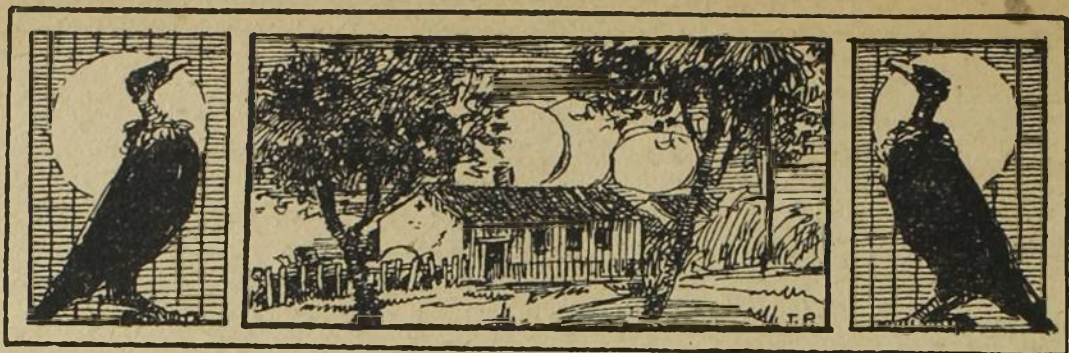
E conclue fazendo ponto na questão com estas palavras: “Posso garantir-lhe que aqui em S. Paulo tem a seu favor — unanime — a opinião de todos os homens sensatos e serios.”

Conceitos corajosos, de rara implacabilidade com os ineptos de todo o genero da nossa politicalha e consoladora, luminosa, firme confiança na gente brasileira e nos homens em quem, “a linha recta difficil do dever” a que se reporta Euclides, não se desfez na curva delirante ou deshonesta do mandonismo eleitoral ou do facil enriquecimento administrativo dos nossos concidadãos lá de cima, mais ou menos benemeritos...

As epochas, embora tenham mudado os homens, muito se parecem. Desse asserto prova é a carta que deparo no maço das acimas citadas, do então official subalterno Gomes de Castro, protestando contra a injustiça da sua remoção para o norte por parecer na capital que tinha opiniões fóra da cartilha governista baseada na “ordem civil” de então, e onde elle pede ao general, com séde de commando no Pará, que lhe permitta fazer a viagem de licença com a familia, por conta esta ultima do governo ou antes “da Republica” a quem serve naquella proscripção partidaria...

(“O Imparcial”).

Mauricio de Lacerda.



NOTAS DO EXTERIOR

SCIENCIA OU POESIA? — Swift e Anatole, precurssores de Einstein — Os soes-phantasmas — O homunculus de W. Crookes e a chronologia invertida... — Buscando a "Sombra" luminosa de Helena...

De uma chronica bibliographica do sr. Georges Bohn:

Não ha semana que não appareça um novo livro sobre Einstein. Discute-se a Theoria da Relatividade na Academia e nos salões. Aos commentarios succedem-se outros commentarios nos jornaes e nas revistas. Entre os physicos, alguns declaram que Einstein ultrapassa Copernico e Newton, outros falam em "loucura collectiva." Parece que poucos dos que escreveram livros e artigos sobre Einstein o comprehenderam; haverá muitos, aliás, que o tenham lido?

O admiravel livro de Eddington — "Espaço, Tempo e Gravitação", traduzido do inglez, seria um dos unicos a escapar desta critica. E' uma exposição racional da Theoria da Relatividade desembaraçada de todo caracter technico. O estylo é pittoresco, esmaltado com expressões originacs; a forma é limpida e numerosas comparações, tão imprevistas quanto bem escolhidas, levam o leitor a sentir "a belleza e a profundeza da theoria."

Segundo Eddington, o grande merito de Einstein é ter chegado a separar, "incomparavelmente melhor" do que se havia feito até então, a parte do observador e a da natureza nos phenomenos observaveis.

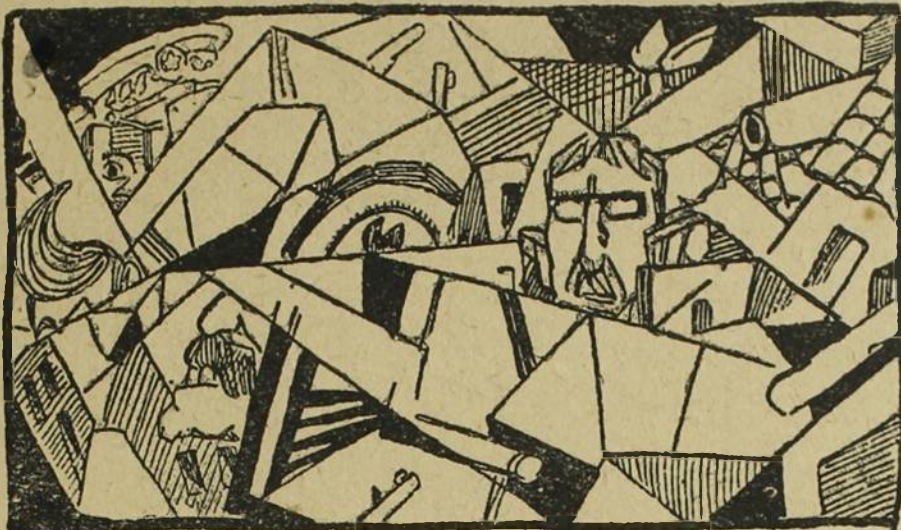
O que nós vemos não depende sómente do objecto que olhamos, mas egualmente de nós, da nossa posição, do nosso movimento e outras particularidades mais pessoas. Por um habito instinctivo, tentamos eliminar da observação a nossa parte pessoal, de modo a conceber o mundo independente de nós. Da janella de um vagão vemos deslizar um boi no campo com a velocidade de 80 kilometros por hora e, ao mesmo tempo, advertimos que elle gosa o mais completo repouso. Muitas vezes, mais ou menos inconscientemente, praticamos assim a *relatividade*.

Muitos escriptores foram precursores de Einstein. Eddington salienta esta phrase de Anatole France, tirada dos *Pensées de Riquet*:

"Os homens, os animaes, as pedras crescem approximando-se e se tornam enormes quando estão sobre mim. Eu não. Eu permaneço tão grande em toda parte onde esteja."

Eddington qualifica dois livros muito conhecidos — *Alice in Wonderland* e *Viagens de Gulliver* — de "tratados elementares da relatividade." Alice constantemente mudava

O NOSSO FUTURO ATRAVEZ DO CUBISMO . . .



STORNI

Jéca — Compreenderam o que é isso ?

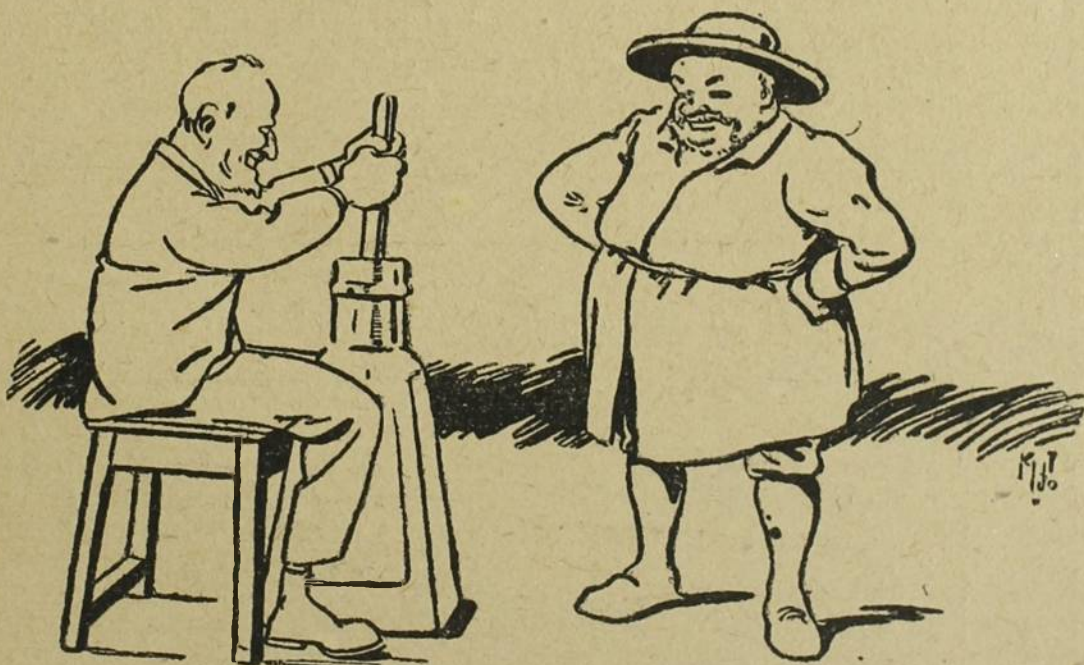
—

— Pois bem, isto é a nossa situação !

STORNI — (D. Quixote).



JA' ?



Sancho Pança — Que está V. ahi a fazer, Coronel ?

Libanio — Estou preparando colla para as adhesões.

KALISTO — (D. Quixote).

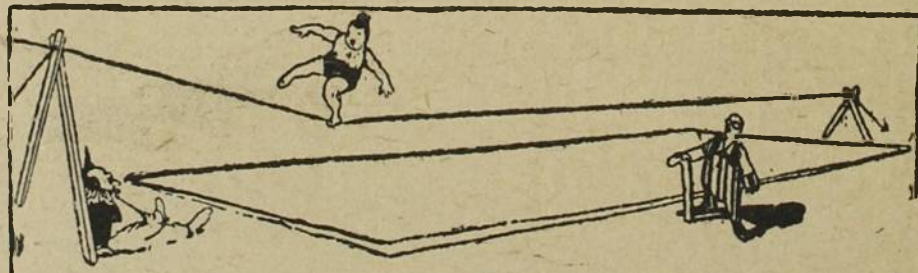
NO JARDIM ZOOLOGICO



- Mamãe, repara como este macaco se parece com o tio Praxedes.
- Cala a bocca, Luizinho ! Isso não é coisa que se diga !
- Ora mamãe o bicho não comprehende !

(D. Quixote — ACQUARONE).

NO CIRCO DA POLITICA



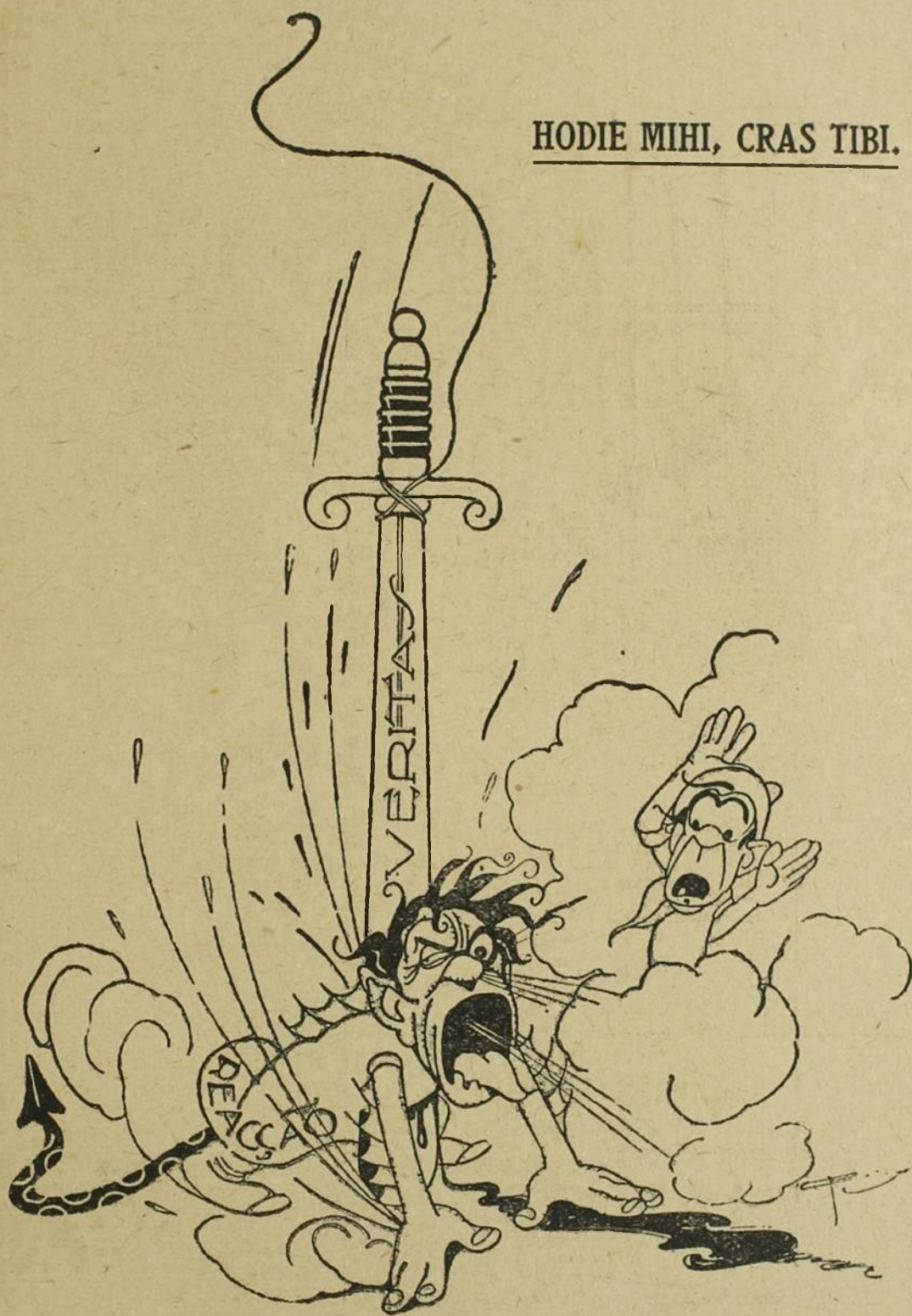
Raul Soares — Seu Libanio, a coisa está por um fio !

Libanio — Que hei de fazer ? O arame está muito gasto.

(D. Quixote — KALISTO).

AS CARICATURAS DO MEZ

HODIE MIHI, CRAS TIBI.



Cahiu a espada de Damocles.

J. CARLOS — (*O Malho*).

GOSTOS NÃO SE DISCUTEM.



Mme. (á creadinha) — Josepha, tú tinhas a coragem que eu tive de casar com um homem de cincoenta annos ?

Josepha — Patrôa, eu preferia dois de vinte e cinco . . .

PALMA — (*D. Quixote*).

INGRATIDÃO



— AS creadas são assim mesmo ; quando entram não sabem fazer nada ; aprendem e saem falando dos patrões.

— Foi o que se deu lá em casa. A pequena entrou como ama-secca. Ao fim de algum tempo saiu, fazendo um barulho dos diabos quando já era uma excellente ama de leite ! . . .

(*D. Quixote*).

O NOSSO FUTURO ATRÁVEZ DO CUBISMO . . .



Jéca — Compreenderam o que é isso ?

—

— Pois bem, isto é a nossa situação !



STORNI — (D. Quixote).

JA' ?



Sancho Pança — Que está V. ahi a fazer, Coronel ?

Libanio — Estou preparando colla para as adesões.

KALISTO — (D. Quixote).

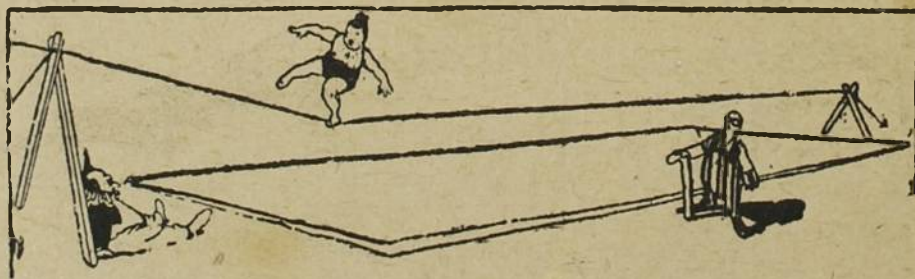
NO JARDIM ZOOLOGICO



- Mamãe, repara como este macaco se parece com o tio Praxedes.
- Cala a bocca, Luizinho ! Isso não é coisa que se diga !
- Ora mamãe o bicho não comprehende !

(D. Quixote — ACQUARONE).

NO CIRCO DA POLITICA



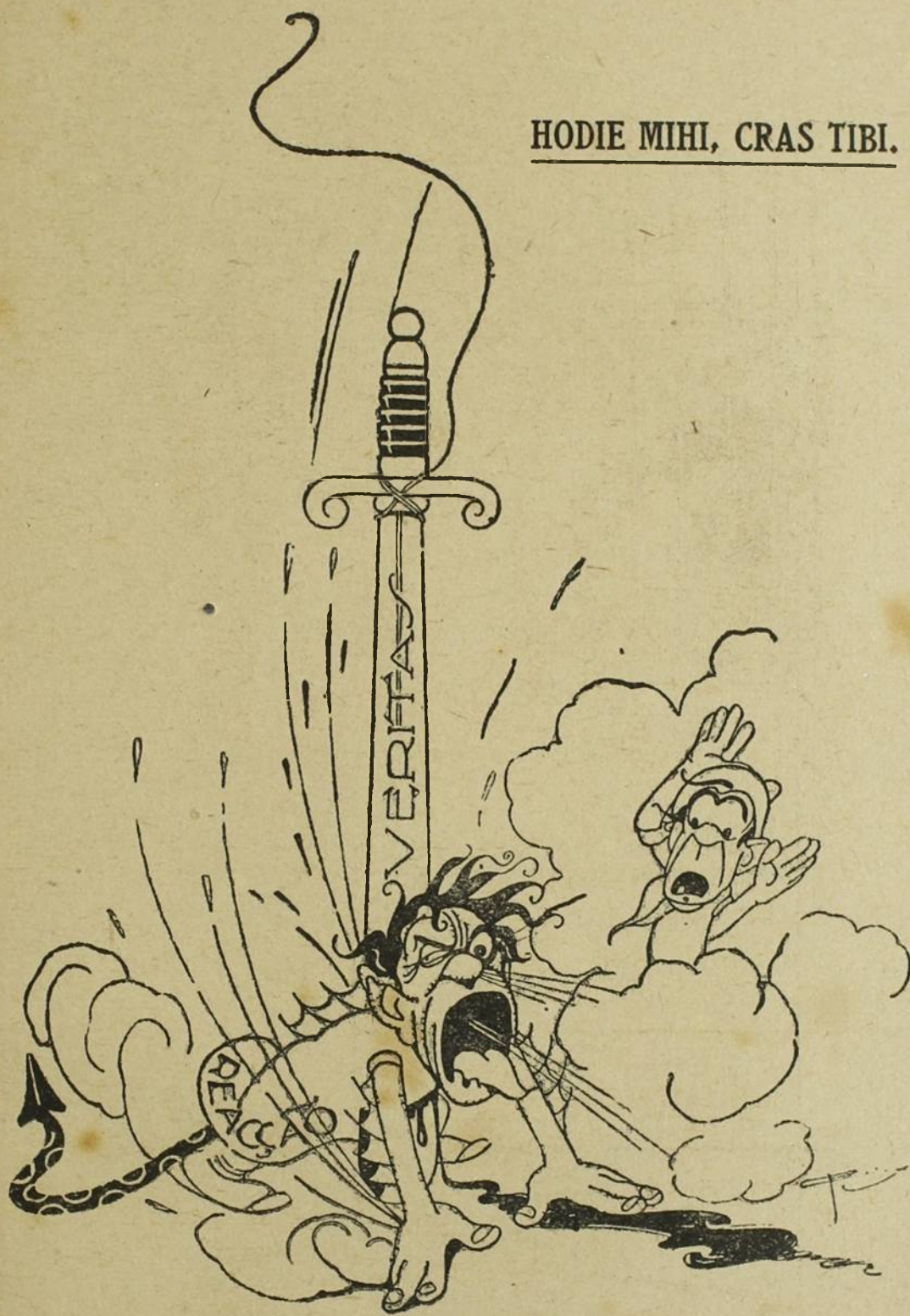
Raul Soares — Seu Libanio, a coisa está por um fio !

Libanio — Que hei de fazer ? O arame está muito gasto.

(D. Quixote — KALISTO).

AS CARICATURAS DO MEZ

HODIE MIHI, CRAS TIBI.



Cahiu a espada de Damocles.

J. CARLOS — (*O Malho*).

GOSTOS NÃO SE DISCUTEM.



Mme. (à creadinha) — Josepha, tú tinhas a coragem que eu tive de casar com um homem de cinquenta annos ?

Josepha — Patrôa, eu preferia dois de vinte e cinco . . .

PALMA — (D. Quixote).

INGRATIDÃO



— AS creadas são assim mesmo ; quando entram não sabem fazer nada ; aprendem e saem falando dos patrões.

— Foi o que se deu lá em casa. A pequena entrou como ama-secca. Ao fim de algum tempo saiu, fazendo um barulho dos diabos quando já era uma excellente ama de leite ! . . .

(D. Quixote).

BYINGTON & CIA.

Engenheiros, Electricistas, Importadores

Sempre temos em stock grande quantidade de material electrico como:

MOTORES

FIOS ISOLADOS

TRANSFORMADORES

ABATJOURS, LUSTRES

BOMBAS ELECTRICAS

SOCKETS SWITCHES

CHAVES A OLEOS

VENTILADORES

PARA RAIOS

FERROS DE ENGOMMAR

LAMPADAS

ELECTRICAS 1/2 WATT

ISOLADORES

TELEPHONES

Estamos habilitados para a construcção de Installações Hydro-Electricas completas, Bondes Electricos, Linhas de Transmissão, Montagem de Turbinas e tudo que se refere a este ramo.

UNICOS AGENTES DA FABRICA

Westinghouse Electric & Mftg. C.

Para preços e informações dirijam-se a

BYINGTON & Co.

Telephone, 745 - Central --- S. PAULO

LARGO DA MISERICORDIA No. 4

Ultimas Edições da Casa

Monteiro Lobato & C.

III

	BROCH.	ENC.
<i>Pequenos estudos de Psycologia Social</i> , notavel estudo do grande sociologo Oliveira Vianna	4\$000	5\$000
<i>A mulher que peccou</i> , novella do festejado escriptor Menotti del Picchia.	4\$000	5\$000
<i>Casa do Pavor</i> , contos phantasticos por M. Deabreu.	3\$000	4\$000
<i>Notas de um estudante</i> , ensaios criticos do erudito escriptor João Ribeiro	4\$000	5\$000
<i>Redempção</i> , notavel romance de Veiga Miranda, em 2. ^a edição	4\$000	5\$000
<i>A paizagem no conto, no romance e na novella</i> , ensaios criticos de Fabio Luz	4\$000	5\$000
<i>Sonho de Gigante</i> , estudos de J. A. Nogueira, o apreciado romancista de "Paiz de Ouro e Esmeralda".	4\$000	5\$000
<i>Joaquim Nabuco</i> , ensaio critico-biographico por Henrique Coelho	4\$000	5\$000
<i>A sedição do Joazeiro</i> , relato dos successos do Ceará em 1912, pelo conhecido publicista Rodolpho Theophilo	4\$000	5\$000
<i>Mula sem cabeça</i> , novellas de Gustavo Barroso, o conhecido João do Norte	2\$000	—
<i>O Mystério</i> , 2. ^a edição do apreciado romance policial escripto por Afranio Peixoto, Coelho Netto, Viriato Corrêa e Medeiros e Albuquerque	4\$000	5\$000
<i>Realidades e Apparencias</i> , ensaios criticos de Gilberto Amado	4\$000	5\$000
<i>Crepusculos</i> , versos de Moacyr Chagas, da Academia Mineira de Letras	3\$000	4\$000
<i>O bandido do rio das Mortes</i> , o procurado romance de Bernardo Guimarães, em edição popular.	1\$500	—
<i>Hygiene e tratamento dsa molestias domesticas</i> , utilissimo trabalho do dr. Alberto Seabra.	—	—
<i>O problema do Alem</i> , estudos do mesmo autor.	4\$000	5\$000
<i>Meus odios e meus affectos</i> , critica literaria por Almachio Diniz	4\$000	5\$000

DIABETICOS

é preciso combater a perda
de assucar, tonificar o or-
ganismo, regularisar as funcções dos órgãos internos
essenciaes a vida e restabelecer o appetite e a funcção
digestiva pelo uso da

GLYCOSURINA



heroico medicamento composto de
plantas indigenas brasileiras

PAU FERRO • SUCUPIRA

JAMELÃO e CAJUEIRO

Usa-se de 3 a 6 colheres
de chá por dia em agua

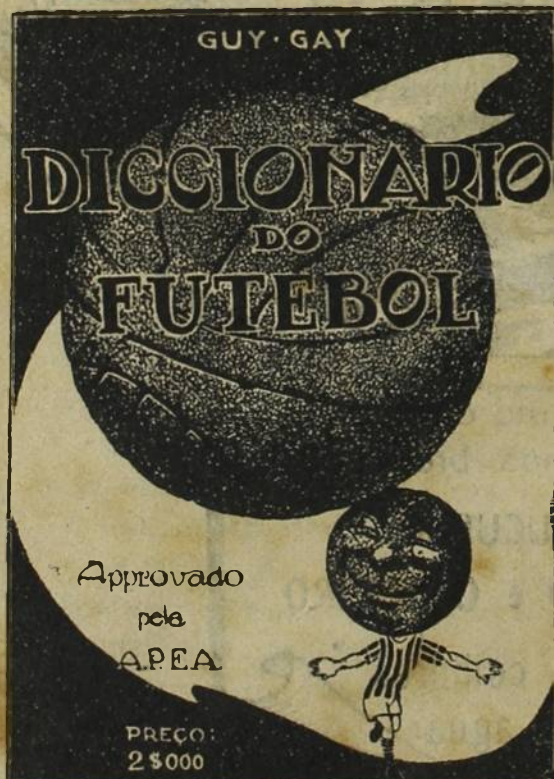
LOTERIA DE S. PAULO

Em 30 de Junho

200:000\$000

Por 9\$000

Os bilhetes estão á venda em
toda a parte



ACABA DE APPARECER

Esportistas !

Jogadores !

Torcedores !

Eis o livro ha tanto procurado

Regras e termos nacionalizados.

O verdadeiro tratado do
Futebol Associação

Monteiro Lobato & C.
Editores

Preço 2\$000

Pelo Correio mais \$500.

AS MACHINAS

LIDGERWOOD

**para Café, Mandioca, Assucar,
Arroz, Milho, Fubá**

São as mais recommendaveis
para a lavoura, segundo expe-
riencia de ha mais de 50 an-
nos no Brasil.

GRANDE STOCK de Caldeiras, Motores a
vapor, Rodas de agua, Turbinas e acces-
sorios para a lavoura.

**Correias - Oleos - Telhas de Zinco -
Ferro em barra - Canos de ferro gal-
vanizado e mais pertences.**

CLING SURFACE massa sem rival para con-
servação de correias.

IMPORTAÇÃO DIRECTA de quaesquer
machinas, canos de ferro batido galvanisa-
do para encanamentos de agua, etc.

PARA INFORMAÇÕES, PREÇOS, ORÇAMENTOS, ETC.

DIRIGIR-SE A'

Rua São Bento, 29-c - S. PAULO

Moveis Escolares



Differentes modelos de carteiras escolares para uma e duas pessoas; Mesas e cadeirinhas para Jardim de Infancia; Contador mechanico; Quadros negros e outros artigos escolares.

Peçam catalogos e informações minuciosas á
FABRICA DE MOVEIS ESCOLARES
"EDUARDO WALLER"

— DE —

J. Gualberto de Oliveira

Rua Antonia de Queiroz N. 65 (Consolação) Cidade, 1216

— SÃO PAULO —